

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

LILIANA ISABELA BENITEZ OVIEDO

**A IMIGRAÇÃO RECENTE DE VENEZUELANOS E HAITIANOS EM CHAPECÓ:
SUAS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS**

CHAPECÓ

2023

LILIANA ISABELA BENITEZ OVIEDO

**A IMIGRAÇÃO RECENTE DE VENEZUELANOS E HAITIANOS EM CHAPECÓ:
SUAS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS**

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug.

CHAPECÓ

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E
Centro, Chapecó, SC - Brasil
Caixa Postal 181
CEP 89802-112

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Oviedo, Liliana Isabela Benitez
A imigração recente de venezuelanos e haitianos em
Chapecó: suas crenças e atitudes linguísticas. /
Liliana Isabela Benitez Oviedo. -- 2023.
121 f.

Orientador: Marcelo Jacó Krug

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos, Chapecó, SC, 2023.

1. Crenças e atitudes linguísticas. Imigração
recente. Contato linguístico. Dialetoлогия
pluridimensional e relacional. I. Krug, Marcelo Jacó,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

LILIANA ISABELA BENITEZ OVIEDO

**A IMIGRAÇÃO RECENTE DE VENEZUELANOS E HAITIANOS EM CHAPECÓ:
SUAS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS**

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 28/03/2023.

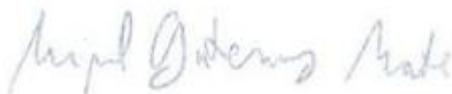
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug – UFFS
Orientador



Prof. Dr. Leonardo Cerno - UNaM
Membro Externo



Prof. Dr. Miguel Gutierrez - UNA
Membro Externo

Prof^ª. Dr^ª. Jussara Habel - UFFS
Membro Suplente

Dedico este trabalho aos meus pais: Antonio
Benitez Segovia, que me ensinou a ler e
Patricia Oviedo Carrilho, que me ensinou o
mundo das sílabas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor orientador Dr. Marcelo Jacó Krug, pelos conhecimentos compartilhados, pelas trocas de ideias, pelas orientações, pelas palavras de incentivo, pelo encorajamento aos novos desafios e pela direção em toda a caminhada da pós-graduação.

Aos professores e aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFFS, pelos conhecimentos compartilhados.

A banca de qualificação e de defesa da dissertação, pelos apontamentos e contribuições.

A Giovana, secretária do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFFS, por ajudar todas as vezes que precisei, com informações e esclarecimentos.

A Capes, pelo apoio financeiro e pelo privilégio da experiência do estágio docente na UFFS.

A Uniedu, pelo apoio financeiro nesta pesquisa.

Aos colegas, em especial da linha dois (Diversidade e Mudança Linguística), pelo incentivo diário, pelas conversas descontraídas e por tornar essa caminhada mais leve.

A minha família, em especial aos meus pais, que acompanharam de perto todo o processo de ingresso ao mestrado, ainda na época do isolamento social. Agradeço por vibrarem junto comigo e por acreditarem nos meus sonhos.

A Fátima Solange Benitez Oviedo, minha irmã, que esteve presente em cada passo e avanço do trabalho, por estar sempre ao meu lado, nos momentos bons e ruins.

Ao Joaquim Antonio Benitez Oviedo, meu irmão, por me fazer a irmã mais feliz, sempre.

Ao Carlos Eduardo Acosta Vieira, meu companheiro, por cada palavra de incentivo e por estar sempre ao lado.

Aos informantes que aceitaram participar da pesquisa, aqueles que me receberam em suas casas, que cederam um pouco do seu tempo às entrevistas e aqueles que me ajudaram a encontrar outros informantes. Agradeço por cada conversa e troca de experiência.

E a Dalva Maciel Correia, pela ajuda constante para encontrar os informantes desde o primeiro dia que conversamos, por meio de você, foi mais fácil chegar até eles. Agradeço por ceder sua casa em caso de necessidade para realizar as entrevistas e por cada palavra positiva de apoio.

RESUMO

O presente trabalho propõe investigar as crenças e as atitudes linguísticas a partir de dados coletados com informantes haitianos e venezuelanos. Assim, temos como objetivo principal descrever as crenças e as atitudes linguísticas presentes entre os imigrantes haitianos e os imigrantes venezuelanos, ambos oriundos de imigração recente na cidade de Chapecó, em Santa Catarina. Para isso, selecionamos 8 informantes de cada grupo étnico, isto é, quatro mulheres e quatro homens haitianos e a mesma quantidade de origem venezuelana, totalizando 16 imigrantes entrevistados. Além desses informantes, dois casais brasileiros, compostos por um homem e uma mulher cada (totalizando 4 informantes nesta categoria). Eles constituem o grupo de controle, com o qual descrevemos suas percepções sobre as crenças e as atitudes em relação aos imigrantes, especificamente para conhecer o outro olhar, ou seja, a percepção deles sobre a nova imigração recente na cidade de Chapecó. A seleção dos informantes e a metodologia aplicada, seguiu os critérios estabelecidos pela Dialetologia Pluridimensional e Relacional de Harald Thun (1996, 1998, 2005, 2010). A seleção dos informantes do grupo imigrante foi apenas haitianos e venezuelanos de acordo com as faixas etárias, os mais jovens com 18 até 36 anos (considerada como GI) e os mais velhos, acima de 36 anos (considerada como GII). Já a seleção para o grupo de controle foi um casal mais velho, ambos aposentados e com pouco movimento no espaço (sendo a GII) e um casal mais novo de trabalhadores e com muito movimento no espaço (sendo a GI). Além desses critérios, os informantes também estão classificados como classe alta - Ca (pessoas com mais estudos) e classe baixa - Cb (pessoas com menos estudos). Para a coleta e a obtenção da amostra, realizamos entrevistas com os informantes por meio de uma conversa semidirigida e um questionário metalinguístico estilo pergunta/resposta, sendo que ambos abordam os temas centrais da pesquisa, principalmente as questões relacionadas às línguas. O questionário utilizado está vinculado ao Atlas das Línguas em Contato na Fronteira, porém ocorreram algumas adaptações específicas para este trabalho. Nesse sentido, focaremos no estudo das crenças e das atitudes linguísticas a partir da nossa amostra para analisar os comportamentos linguísticos de forma positiva ou negativa dos informantes que vivem nesta localidade. Os resultados apontaram que os imigrantes têm atitudes positivas sobre sua variedade linguística.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas. Imigração recente. Contato linguístico. Dialetologia pluridimensional e relacional.

ABSTRACT

The present paper proposes to investigate the linguistic beliefs and attitudes based on data collected with Haitian and Venezuelan informants. Thus, our main goal is to describe the beliefs and linguistic attitudes present among Haitian immigrants and Venezuelan immigrants, both from recent immigration in the city of Chapecó, Santa Catarina. For this, we selected 8 informants from each ethnic group, that is, four Haitian women and four Haitian men and the same amount of Venezuelan origin, totaling 16 interviewed immigrants. Besides these informants, two Brazilian couples, composed of one man and one woman each (totaling 4 informants in this category). They constitute the control group, with which we described their perceptions about the beliefs and attitudes towards immigrants, specifically to know the other look, that is, their perception about the new recent immigration in the city of Chapecó. The selection of the informants and the methodology applied, followed the criteria established by the Pluridimensional and Relational Dialectology of Harald Thun (1996, 1998, 2005, 2010). The selection of informants for the immigrant group was only Haitians and Venezuelans according to age groups, the youngest with 18 to 36 years old (considered as GI) and the oldest, above 36 years old (considered as GII). On the other hand, the selection for the control group was an older couple, both retired and with little movement in the space (being the GII) and a younger couple of workers and with much movement in the space (being the GI). Besides these criteria, the informants are also classified as upper class - Ca (people with more studies) and lower class - Cb (people with less studies). To collect and obtain the sample, we conducted interviews with the informants by means of a semi-directed conversation and a question/answer style metalinguistic questionnaire, both of which address the central themes of the research, mainly language-related issues. The questionnaire used is linked to the Atlas of Languages in Contact on the Border, but there were some specific adaptations for this work. In this sense, we will focus on the study of language beliefs and attitudes from our sample to analyze the language behaviors in a positive or negative way of the informants living in this locality. The results pointed out that immigrants have positive attitudes about their linguistic variety.

Keywords: Language beliefs and attitudes. Recent immigration. Linguistic contact. Multidimensional and relational dialectology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Fronteira entre Brasil e Venezuela..... | 25 |
| Figura 2 - Espaço variacional e disciplinas da variação..... | 39 |
| Figura 3 - Dimensões e Parâmetros da Dialetologia Pluridimensional | 40 |
| Figura 4 - Esquema da Cruz da Teoria Pluridimensional..... | 41 |
| Figura 5 - Distribuição dos informantes Haitianos e Venezuelanos | 51 |
| Figura 6 - Distribuição dos informantes: Grupo de Controle..... | 54 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - Relação de linguagem e sociedade..... | 35 |
| Quadro 2 - Modelo de quadro utilizado nas análises..... | 55 |
| Quadro 3 - Questão 1: Quanto tempo você reside no Brasil? | 62 |
| Quadro 4 - Questão 2: Como e onde aprendeu o português? (Para haitianos)..... | 64 |
| Quadro 5 - Questão 2: Como e onde aprendeu o português? (Para venezuelanos)..... | 66 |
| Quadro 6 – Questão 3: Que língua costuma falar na família?..... | 67 |
| Quadro 7 - Questão 4: Como se sente, mais brasileiro ou mais haitiano? (Para haitianos); Como se sente, mais brasileiro ou mais venezuelano? (Para venezuelanos) | 69 |
| Quadro 8 - Questão 5: Você já se sente brasileiro? Por quê?..... | 69 |
| Quadro 9 - Questão 6: Em que língua gosta de conversar mais? (Crioulo/francês/português) (Para haitianos); <i>¿En qué idioma te gusta conversar más? (Portugués/Español)</i> (Para venezuelanos) | 73 |
| Quadro 10 - Questão 7: De modo geral, costuma falar mais o português/crioulo/francês? (Para haitianos); <i>¿En general, habla más portugués o español? (Para venezolanos)</i> | 75 |
| Quadro 11 - Questão 12: “Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua, mas insistia em só falar o português?” | 79 |
| Quadro 12 - Questão 14: “Você tem filhos? Que língua costuma falar com eles?” | 82 |
| Quadro 13 - Questão 23: “Como acha que é seu português?” (Para haitianos) | 90 |
| Quadro 14 - Questão 23: “Como acha que é seu português?” (Para venezuelanos) | 91 |
| Quadro 15 - Questão 24: “Como você identifica o brasileiro?” | 92 |
| Quadro 16 - Questão 25: “Como você identifica o venezuelano?” | 93 |
| Quadro 17 - Questão 26: “Como você identifica o haitiano?” | 94 |
| Quadro 18 - Questão 32: “Se fosse dizer o que mais identifica um haitiano, diria que é?” (Somente para informantes haitianos) e “Se fosse dizer o que mais identifica um venezuelano, diria que é?” (Somente para informantes venezuelanos)..... | 97 |
| Quadro 19 - Questão 34: “Em que situações você fala o português?” | 98 |
| Quadro 20 - Questão 35: “Em que situações você fala o crioulo/francês?” (Para haitianos) e “Em que situações você fala o espanhol?” (Para venezuelanos)..... | 99 |
| Quadro 21 - Questão 36: “Quando você fala português, mistura com outra língua?” (Para haitianos e venezuelanos); Questão 37: “Quando fala o crioulo/francês, você mistura o | |

| | |
|---|-----|
| português?” (Para haitianos) e “Quando fala o espanhol, você mistura o português?” (Para venezuelanos)..... | 99 |
| Quadro 22 - Questão 38: “Em que língua você pensa?”; Questão 39: “Que língua você fala?”; e Questão 40: “Em que língua você sonha?” | 100 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------|--|
| Ca | Classe Alta |
| Cb | Classe Baixa |
| CaGII-H | Classe Alta; Geração II; Homem |
| CaGII-M | Classe Alta; Geração II; Mulher |
| CaGI-H | Classe Alta; Geração I; Homem |
| CaGI-M | Classe Alta; Geração I; Mulher |
| CbGII-H | Classe Baixa; Geração II; Homem |
| CbGII-M | Classe Baixa; Geração II; Mulher |
| CbGI-H | Classe Baixa; Geração I; Homem |
| CbGI-M | Classe Baixa; Geração I; Mulher |
| GI | Geração Nova (Jovens) |
| GII | Geração Velha (Idosos) |
| H | Homem |
| M | Mulher |
| ACNUR | Alto Comissariado das Nações Unidas |
| ADDU | <i>Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay</i> |
| ALCF | Atlas das Línguas em Contato na Fronteira |
| CAI | Centro de Atendimento ao Imigrante |
| CEP | Comitê de Ética em Pesquisa |
| CSNU | Conselho de Segurança das Nações Unidas |
| DPR | Dialetologia Pluridimensional e Relacional |
| MBR-200 | Movimento Bolivariano Revolucionário - 200 |
| MINUSTAH | Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| AM | Amazonas |
| RR | Roraima |
| RS | Rio Grande do Sul |
| SC | Santa Catarina |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| UFFS | Universidade Federal da Fronteira Sul |
| UNICEF | Fundo das Nações Unidas para a Infância |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 14 |
| 2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA | 17 |
| 2.1 A IMIGRAÇÃO HAITIANA..... | 17 |
| 2.1 A IMIGRAÇÃO VENEZUELANA..... | 21 |
| 2.3 CHAPECÓ: CAPITAL DO OESTE | 26 |
| 3 REFERENCIAL TEÓRICO | 30 |
| 3.1 PRECONCEITO LINGUÍSTICO | 30 |
| 3.2 DIALETOLOGIA TRADICIONAL | 31 |
| 3.3 SOCIOLINGUÍSTICA..... | 34 |
| 3.4 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL | 37 |
| 3.5 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS | 42 |
| 4 METODOLOGIA..... | 47 |
| 4.1 DIMENSÕES ANALISADAS..... | 47 |
| 4.2 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS | 48 |
| 4.3 INSTRUMENTO DA COLETA DE DADOS | 50 |
| 4.4 PERFIL E SELEÇÃO DOS INFORMANTES | 51 |
| 4.5 SELEÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS | 55 |
| 4.6 ASPECTOS PARA MENSURAR AS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS. | 56 |
| 6 ANÁLISE DOS DADOS | 60 |
| 6.1 CONVERSA SEMIDIRIGIDA..... | 60 |
| 6.2 PRIMEIRA PARTE: IDENTIDADE, ATITUDES E CRENÇAS LINGUÍSTICAS..... | 62 |
| 6.2 SEGUNDA PARTE: IDENTIFICAÇÃO DE PADRÕES IDENTITÁRIOS | 92 |
| 6.3 TERCEIRA PARTE: O PAPEL DA LÍNGUA NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE | 95 |
| 6.4 QUARTA PARTE: GRAU DE BILINGUISMO DOS INFORMANTES | 97 |
| 6.5 QUINTA PARTE: ANÁLISE CULTURAL E METALINGUÍSTICA..... | 101 |
| 6.6 SEXTA PARTE: GRUPO DE CONTROLE | 103 |
| 6.6.1 Casal: GII - Topostáticos | 103 |
| 6.6.2 Casal: GI - Topodinâmicos | 104 |
| 6.6.3 Análise dos dados..... | 104 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 110 |

REFERÊNCIAS.....114

1 INTRODUÇÃO

O Brasil sempre foi um país, cujas variedades linguísticas faladas pela população vão muito além do mito de que somos um país monolíngue. A comprovação disso está nas várias línguas indígenas que são faladas no país, nas línguas que vieram junto com a imigração nos séculos XIX e XX e, mais recentemente, nas línguas da imigração, especificamente, de haitianos e de venezuelanos que viram no Brasil uma nova chance de vida.

Com base nisso, interessa-nos a investigação das crenças e das atitudes linguísticas a partir de dados coletados com informantes haitianos e venezuelanos. Assim, temos como **objetivo principal** descrever as crenças e as atitudes linguísticas presentes entre imigrantes haitianos e venezuelanos oriundos de imigração recente na cidade de Chapecó (SC). A partir disso, os objetivos específicos e as hipóteses são:

(1) Analisar, na **dimensão diastrática**, como a escolaridade (Cb, menos estudo, e Ca, mais estudo) influencia o comportamento do informante em relação às suas variedades linguísticas. **Hipótese:** acreditamos que a classe de menor escolaridade usa mais sua variedade de imigração, pois os mais escolarizados tendem a aproximar sua fala à variedade padrão (LABOV, 2008).

(2) Descrever, na **dimensão diageracional**, qual geração (entre a GI, mais nova, e a GII, mais velha) apresenta maior manutenção ou substituição das línguas de imigração. **Hipótese:** entendemos que a GI usa a língua portuguesa com maior frequência do que a GII, uma vez que, de acordo com Margotti (2004), as pessoas mais jovens são consideradas inovadoras e, por isso, preferem usar as variedades com maior prestígio social; conseqüentemente, os mais jovens favorecem mais na difusão do português, se comparados com os mais velhos.

(3) Verificar, na **dimensão diassexual**, o comportamento linguístico dos informantes homens e mulheres. **Hipótese:** acreditamos que as mulheres falam mais a língua nacional, pois, segundo Labov (2008, p. 281), elas “[...] usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio”.

(4) Averiguar, na **dimensão diafásica**, qual dos grupos étnicos apresenta mais o *code-switching* durante as entrevistas compostas por um questionário metalinguístico pluridimensional estilo pergunta/resposta e por uma conversa semidirigida. **Hipótese:** supomos que os empréstimos linguísticos possam acontecer mais com os informantes venezuelanos, por estarem recentemente no Brasil e por terem ainda pouco contato com o português, se comparado ao tempo que os haitianos estão no país. Para Thun (1996), na conversa semidirigida e nas

respostas ao questionário podem acontecer atuações linguísticas mais espontâneas e livres, podendo acontecer o *code-switching*. De acordo com Thun (1996) e Margotti (2004, p. 22) a conversa é “[...] um estilo de fala mais descuidado do que resposta ao questionário, e este estilo de fala, por sua vez, é mais descuidado do que a leitura”.

5) Compreender as percepções sobre as crenças e as atitudes do grupo de controle em relação aos imigrantes haitianos e venezuelanos na cidade. **Hipótese:** supomos que o grupo de controle revele algum comportamento de atitude linguística frente aos grupos estudados, pois a linguagem é social, cheia de valores e é por meio dela que, consciente ou inconscientemente, o falante mostra sua ideologia, ou seja, “[...] revela o comportamento de uma falante diante da linguagem de outro e é, pois, um fato de atitude linguística” (LEITE, 2022, p. 13-14).

Além disso, baseamo-nos nos princípios da teoria e da metodologia da Dialectologia Pluridimensional e Relacional (doravante DPR) de Thun (1996, 2010). Assim, temos uma investigação científica que estuda a variação linguística de forma mais ampla e contempla várias dimensões para fazer as análises, sendo que cada dimensão vai de acordo com a finalidade da pesquisa e com o que se quer investigar. Especificamente para esta pesquisa, escolhemos cinco dimensões: a dimensão diafásica; a dimensão diastrática; a dimensão diageracional; a dimensão diassexual e a dimensão diatópico-cinético para o grupo de controle. Dessa forma, analisamos cada dimensão em cada grupo com o intuito de fazer a relacionalidade, isto é, o cruzamento dos dados da pesquisa conforme as concepções estabelecidas pela DPR.

A presente pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *campus* Chapecó e faz parte de uma das linhas de pesquisa do Programa, intitulada “Diversidade e Mudança Linguística”.

Para desenvolver a pesquisa coletamos os dados a partir da autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (doravante CEP), sob número do CAAE¹ 59116422.5.0000.5564, entrevistamos 8 informantes de cada grupo étnico, totalizando 16 informantes e mais 4 informantes chapecoenses, como grupo de controle, para estudar esse outro olhar em relação a língua do outro. Para isso, aplicamos um questionário pluridimensional utilizado no Atlas das Línguas em Contato na Fronteira estilo pergunta/resposta e conversa semidirigida, realizando adaptações em algumas perguntas, as quais são relacionadas ao tema das crenças e das atitudes linguísticas, objetivo principal do trabalho. As entrevistas foram gravadas utilizando um

1 CAAE: Certificado de Apresentação de Apreciação Ética, diz respeito a numeração gerada para identificar o projeto de pesquisa no CEP.

gravador profissional. No capítulo que trata da metodologia apresentamos o passo a passo da coleta de dados. Ademais, para discutirmos sobre as crenças e as atitudes linguísticas, utilizamos as seguintes fontes teóricas: Lambert e Lambert (1981), Moreno Fernández (2009), Aguilera (2008), Hizt e Aguilera (2017), Silva e Aguilera (2014), Busse e Sella (2012) entre outros.

Esta dissertação se inclui na área da sociolinguística e da dialetologia. E, o motivo para estudar este tema se deu pelo fato de que a imigração haitiana está muito presente em Chapecó, uma vez que esses imigrantes chegam ao município em busca de uma vida melhor e de oportunidades de trabalho, já que em seu país de origem os desastres ambientais prejudicaram a população e contribuíram para a busca de refúgio em outros países, principalmente no Brasil (ZAMARO, 2021). Já a imigração venezuelana se destaca pela crise política, econômica e social causada pelo governo atual, fazendo com que essas pessoas se desloquem em massa ao Brasil, à Colômbia e outros países (OLIVEIRA, 2019).

Assim, conforme as leituras de Botassini (2015) e Barcelos (2007), os estudos das crenças e das atitudes linguísticas vêm se destacando cada vez mais nas pesquisas, afinal, estabelecem uma função muito importante na sociedade e podem ter contato direto na identidade linguística e social do falante.

O problema que orienta nossa pesquisa é: quais são as crenças e as atitudes linguísticas presentes em falantes haitianos e venezuelanos que são imigrantes recentes na cidade de Chapecó (SC)?

A pesquisa justifica-se pelo fato de que as crenças e atitudes linguísticas podem ajudar a conhecer o que os informantes acreditam e o que realmente fazem pela manutenção ou substituição de suas línguas. Assim, pretendemos estudar sobre esse assunto, cada vez mais importante no campo da sociolinguística, pois ele ajuda a compreender “[...] questões que podem estar relacionadas a determinadas atitudes linguísticas manifestadas por um grupo ou por uma comunidade de fala” (BOTASSINI, 2015, p. 102).

Dessa forma, a presente pesquisa vem a somar junto com outros trabalhos que já foram desenvolvidos sobre as crenças e as atitudes linguísticas, também dentro do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira, além de despertar o interesse em futuros trabalhos envolvendo temas similares, inclusive em novos cenários de imigração recente, por exemplo.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

2.1 A IMIGRAÇÃO HAITIANA

Teve o terremoto e minha mãe veio para achar uma vida melhor.

Haitiana: CbGI-M²

Para entendermos a imigração haitiana presente em Chapecó (SC), partimos da sua contextualização histórica. Segundo os autores Moraes, Andrade e Mattos (2013, p. 97), para entender a crise imigratória haitiana é fundamental entender a história “[...] marcada por intervenções, regimes ditatoriais, corrupção e desastres ambientais, originando a atual realidade socioeconômica e política do Haiti”.

Gorender (2004) afirma que, no século XIX, o Haiti era considerado como a colônia mais produtiva das Américas e uma das primeiras a conseguir independência nacional no ano de 1804, sendo também considerada a “primeira república negra do mundo” (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013, p. 97). A independência também resultou na abolição da escravidão, pois, após enfrentar uma longa batalha contra o exército francês, “os ex-escravos, por sua vez, viram-se definitivamente livres do trabalho compulsório nas plantações de cana e nos engenhos de açúcar” (GORENDER, 2004, p. 300).

Ao conceder uma entrevista³, o professor Handerson Joseph⁴ destaca que a revolução haitiana se encontrou frente a uma enorme dívida para que a França a reconhecesse como uma independência. A dívida foi paga cem anos depois e, conseqüentemente, impactou a economia e a política do povo haitiano até os dias atuais. Portanto, enfatiza o professor, “depois da independência [...], o país convive e enfrenta um processo de neocolonização. O país não teve nenhum descanso do imperialismo euro-americano, o que muito contribuiu para aprofundar as suas crises políticas e econômicas” (TAG, 2021, p. 13).

2 Informante entrevistada para a pesquisa.

3 Entrevista realizada para um clube de assinantes literários, chamado de TAG - experiências literárias. Nessa edição, elaboraram trajetórias marcadas pela situação política e social haitiana.

4 Professor de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), natural do Haiti.

Além disso, o país caribenho conviveu com muitos problemas políticos ao longo da sua história. Moraes, Andrade e Mattos (2013) abordam algumas situações desse contexto. A mais marcante foi no período ditatorial e totalitarista da família Duvalier, em 1957, no qual se estabeleceu um regime muito intenso e com extermínio da oposição a partir de uma organização política chamada de “[...] *tontons macoutes* (bichos-papões)” (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013, p. 98).

Desse modo, após sofrerem fortes repressões e passarem por períodos de violência, a própria população reuniu forças para protestar contra o regime de Jean-Claude Duvalier, também conhecido como *Baby Doc*⁵. Em 1986, o então mandatário foi obrigado a deixar o Haiti e, como resultado, se chegou ao fim da ditadura (MORAES *et al.*, 2013).

Todavia, a turbulência na política do Haiti não parou após a queda do regime Duvalierista. Em 1990, Jean Bertrand Aristide foi eleito como presidente do Haiti e sua trajetória política também foi marcada por situações conturbadas, principalmente pelas suspeitas de fraudes eleitorais que o levaram à vitória. Conseqüentemente, membros da oposição não aceitaram o resultado, gerando violência por todo o país. Isso aconteceu até conseguirem a deportação de Aristide, pois “[...] somente a renúncia [...] poderia conter a onda de violências [...], derrame de sangue na capital” (MORAES *et al.*, 2013, p. 99).

Staudt (2020) faz uma reflexão sobre a situação política do país e afirma que:

A instabilidade demonstrada [...] faz compreender que a trajetória política haitiana foi de baixo investimento social e econômico, sem planejamento governamental que fosse estruturado com objetivos de execução e trabalhos para resolução das dificuldades estruturais. Tais fatores geram uma composição com pouca oportunidade de trabalho, subsistência e qualidade de vida no Haiti (STAUDT, 2020, p. 26).

Dito isso, percebemos que a situação do país é de dificuldade e foi necessário solicitar ajuda das organizações internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU) e o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), para auxiliar na estabilização da vida política, econômica e social do povo haitiano. No entanto, apesar dessa adversidade vivida pelos haitianos, no início de 2010 ocorreu um forte terremoto, deixando ainda mais frágil a situação, como destacam as autoras:

Compreendido como um desastre natural, o terremoto ocorrido em 2010, com epicentro na capital do Haiti, Porto Príncipe, deixou cerca de 300 mil mortos e aproximadamente três milhões de pessoas vitimadas de alguma forma (Godoy, 2011),

⁵ Jean-Claude Duvalier era filho do médico François Duvalier, conhecido como *Papa Doc*. Após a morte do pai, o filho, conhecido como *Baby Doc*, assumiu o poder.

além de levar a uma importante ruptura na vida dos cidadãos daquela terra bem como de seus familiares ao gerar perdas materiais, econômicas, humanas e ambientais, que ultrapassaram a capacidade de enfrentamento do país com seus próprios recursos. [...] o evento agravou as condições de precariedade do país (BARROS; MARTINS-BORGES, 2018, p. 159).

Em decorrência do terremoto, o país se encontrou em uma situação precária e com vários fatores que geraram insegurança, como a falta de alimentos e de recursos básicos de saúde, mas com destaque para a ausência de condições mínimas para socorrer a população da catástrofe. De maneira urgente e em busca de sobrevivência, populares buscaram condições melhores em outros países e, diante disso, o fluxo migratório de haitianos ganhou destaque em diversos países, inclusive no Brasil.

Silva (2017) destaca que a chegada de haitianos no Brasil iniciou em 2010, pela tríplice fronteira (Brasil, Colômbia e Peru), especialmente na cidade de Tabatinga, na região norte do estado do Amazonas. A chegada de haitianos na cidade fronteiriça cresceu gradativamente e os agentes federais desaceleraram “[...] a emissão de vistos, entre vinte e trinta por semana, resultando que o número de chegadas a Tabatinga era muito superior ao número de saídas” (COSTA, 2012, p. 91). Segundo Costa (2012), a cidade vivia uma situação de calamidade pública (cada dia chegavam mais haitianos), até que uma resolução normativa⁶ do Governo ordenou que o visto fosse fornecido de forma imediata aos imigrantes – algo possível devido ao mutirão realizado pelos agentes federais. Queremos ressaltar que os venezuelanos no município de Pacaraima (RR) também vivenciaram a demora de uma resposta governamental ou dos responsáveis locais com relação ao acolhimento e à integração de imigração em massa. Como resultado, esse contexto é visto como ainda mais precário e de muita dificuldade para quem espera uma oportunidade (OLIVEIRA, 2019).

Outro ponto relevante é a participação da igreja, do Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR), das organizações não governamentais e da população local, os quais foram fundamentais para o acolhimento dessa população (tanto dos venezuelanos, quanto dos haitianos) e o auxílio às necessidades básicas até que a burocracia fosse resolvida. A partir disso, Costa (2012) observa que,

Encerrou-se, com isso, um capítulo da imigração haitiana, via fronteira amazônica, uma história de pouco mais de dois anos, tempo marcado por contradições políticas, dramas sociais, sofrimentos e até mortes, mas também do sorriso dos haitianos no momento em que recebiam o Visto de entrada ou tomavam o barco em direção a Manaus (COSTA, 2012, p. 93).

⁶ Resolução Normativa n. 97, de janeiro de 2012 (BRASIL, 2012) – exatamente dois anos após o terremoto.

Em sua pesquisa, Joseph (2017) aponta as diversas causas que favorecem a vinda e a moradia dos haitianos em território brasileiro:

1) inicialmente, o Brasil representava (e continua representando para alguns) uma porta de entrada para chegar à Guiana Francesa, e também, um “corredor” ou uma etapa para conseguir vistos para outros países como Estados Unidos, Canadá ou França; 2) o fato de o Brasil possuir um papel político e econômico importante no cenário mundial atual e, ao mesmo tempo, comandar as tropas da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH); 3) a posição pública e internacional de abertura e de hospitalidade do Governo brasileiro em relação aos haitianos; 4) a difusão entre os haitianos (no Haiti e no exterior) de o Governo brasileiro estar incentivando a migração haitiana no país, tendo interesse na mão de obra haitiana nas construções das obras da Copa do Mundo (mesmo não sendo verídico); 5) a propaganda de a imagem do Brasil ser um “paraíso racial”, sem discriminações, particularmente no imaginário daqueles que sofriam tal discriminação na República Dominicana e no Equador; 6) circular a informação de, no Brasil, o migrante ganharia moradia e alimentação gratuita (o que não é fato), além da remuneração do trabalho ser bem significativa, variando entre US\$ 2.000 a US\$ 3.000 mensais (JOSEPH, 2017, p. 14).

Com base na pesquisa de Andreola (2015), compreendemos que uma das causas apontadas por Joseph (2017) favoreceu a vinda desse grupo migratório. Conforme Andreola (2015), a partir de 2010, a economia brasileira foi considerada aquecida, isto é, havia empregos disponíveis e falta de mão de obra nas funções laborais. Em virtude disso, as indústrias buscaram trabalhadores para sanar essa lacuna. Ainda segundo o autor, Chapecó foi um exemplo dessa situação, pois faltavam pessoas para trabalhar na agroindústria da cidade. A alternativa encontrada para atrair esses funcionários foi a divulgação de vagas de emprego e de oferta de cestas básicas por meio da rádio local, das notícias (com divulgação para municípios vizinhos), assim como carros de som passando nos bairros chapecoenses.

Entre 2012 e 2013, um dos principais destinos da imigração haitiana foi a região Sul do Brasil, sobretudo, o estado de Santa Catarina. Os imigrantes foram atraídos pela possibilidade de trabalho nas empresas frigoríficas e agroindústrias, setores importantes da economia de toda a região. Assim, Andreola (2015, p. 11) enfatiza que, “a partir de 2012 há imigrantes haitianos e senegaleses trabalhando nos abatedouros de aves e suínos da cidade de Chapecó, Santa Catarina”. Além disso, essa nova população trabalhando nas indústrias fez suprir as lacunas de várias empresas e oportunizou na divulgação para outros que buscavam empregos e as mesmas oportunidades. Isso facilitou a integração de novos imigrantes, bem como, a comunicação em português e a busca por moradia, uma vez que os familiares chegaram depois de algum tempo (STAUDT, 2020).

Em relação à língua desse grupo étnico, a pesquisa realizada por Pimentel, Cotinguiba e Ribeiro (2016) traz um panorama histórico do crioulo haitiano frente a primeira língua oficial

do país, o francês – visto que o crioulo passou por vários processos para uma oficialização, mas que ela representa uma grande parte da identidade cultural do povo haitiano. De modo geral, o que é conhecido hoje como Haiti, um país que já esteve sob o comando francês (como já mencionado anteriormente) e após a revolução liderada por ex-escravos, algumas escolhas foram tomadas. A primeira se refere ao nome do lugar, que “[...] remete ao nome antigo em *arawak*, e em crioulo se escreve *Ayiti*, que quer dizer lugar de montanhas, montanhoso, alto”. (PIMENTEL; COTINGUIBA; RIBEIRO, 2016, p. 34). A segunda escolha considera a bandeira uma alusão à conquista da independência. Já a terceira escolha tem relação com a língua vernácula, ou seja, a língua crioula.

Apesar de sua oficialização não acontecer de forma imediata, o francês se manteve como língua oficial em ambientes educacionais, administrativos, políticos, estatais, entre outros, deixando em segundo plano a língua crioula. Contudo, ao longo do tempo, houve reconhecimento do Estado, tornando co-oficiais o crioulo e o francês no Haiti. Ademais, a língua crioula ganhou *status* por ser cada vez mais falada entre a população haitiana, também considerada como uma “língua materna”, pois era falada desde o império colonial, sendo parte da identidade histórica e cultural do povo do Haiti (PIMENTEL; COTINGUIBA; RIBEIRO, 2016).

2.1 A IMIGRAÇÃO VENEZUELANA

¡No pensamos en regresar! Nosotros dejamos allá muchas cosas, dejamos recuerdos, dejamos de todos.
Venezuelano: CaGII-H⁷

A crise na Venezuela iniciou em meados de 2013 e, a contar desse período, o país vem enfrentando uma crise política, econômica e também humanitária. Em razão dessa situação os venezuelanos procuram uma saída e uma condição de vida melhor em outros países. Portanto, para entendermos os fatores que envolvem essa “saída”, apresentamos um panorama geral da recente imigração: o de venezuelanos ao Brasil. Para isso, apresentamos alguns antecedentes importantes, partindo de uma breve história do país.

7 Informante entrevistado para a pesquisa.

Segundo Oliveira (2019), durante o mandato do presidente Hugo Chávez (1999-2013), a Venezuela viveu anos de prosperidade econômica e social devido a produção e a exportação do petróleo, setor que movimentava 90% da economia, tornando-a a principal fonte de renda do país.

Hugo Chávez governou a Venezuela por 14 anos e sua trajetória na política começou em 1992, a partir de um golpe militar contra o governo da época. Contudo, o golpe não ocorreu como previsto, pois ele e seu grupo, do Movimento Bolivariano Revolucionário 200⁸ (MBR-200), foram presos. No entanto, eles marcaram um movimento revolucionário, principalmente para melhorar a situação econômica do país, fazendo do grupo MBR-200 uma “[...] *marca la ruptura del sistema de comportamiento interno de la democracia*” (ROMERO, 2001, p. 223).

A figura de Chávez crescia ainda mais, principalmente após uma entrevista ao vivo na TV nacional. Com isso seu discurso ganhou força e destaque entre o povo, sobretudo os mais pobres, por tratar da corrupção da elite governamental e do fracasso em governar o país (LEVISTKY; ZIBLATT, 2018). Para Levisky e Ziblatt (2018), professores estudiosos sobre as crises das democracias,

Hugo Chávez era um outsider político que atacava o que ele caracterizava como uma elite governante corrupta, prometendo construir uma democracia mais “autêntica”, que usasse a imensa riqueza em petróleo do país para melhorar a vida dos pobres. Com habilidade, e tirando proveito da ira dos venezuelanos comuns, muitos dos quais se sentiam ignorados ou maltratados pelos partidos políticos estabelecidos, Chávez foi eleito em 1998 (LEVISTKY; ZIBLATT, 2018, p. 15).

Após Chávez ser libertado, investiu na carreira política e se tornou presidente da Venezuela em 1998. Em virtude da sua fama e do golpe em 1992, conseguiu mover a população venezuelana ao seu favor para escolhê-lo como líder do país. Dessa forma, “como disse uma mulher [...] na noite da eleição: “A democracia está infectada. E Chávez é o único antibiótico que temos” (LEVISTKY; ZIBLATT, 2018, p. 16). Em seguida, o recém-eleito adotou medidas e ações fundamentais para melhorar a vida da população venezuelana, bem como, aprimorar a distribuição de renda e as políticas públicas para promover o bem-estar social dos cidadãos. Assim, foi possível “[...] adotar programas sociais de transferência de renda, de melhorias na

8 “*El Movimiento Bolivariano Revolucionario 200, fue la denominación dada por los Comandantes del 4 de febrero al movimiento fundado en 1983 (Bicentenario del nacimiento de Simón Bolívar). Su denominación señala uno de los símbolos utilizados para lograr la identificación con el movimiento, al emplear la figura histórica de Bolívar, para señalar su búsqueda de una ética y una moral que consideraron perdida*” (ROMERO, 2001, p. 223).

qualidade dos serviços de educação e saúde, além de construção de moradias populares” (OLIVEIRA, 2019, p. 220), conforme a renda da exportação do petróleo.

Para Uebel (2019, p. 70) a prosperidade vivida durante o mandato de Hugo Chávez sofreu uma grande mudança: “[...] o cenário político e econômico daquele país sofreu uma profunda transformação com a instalação de seu herdeiro político, Nicolás Maduro”. Para entendermos as principais causas dessas transformações, Oliveira (2019) traz dois fatores importantes:

Em 2013, dois fatores foram fundamentais para o início do agravamento nas condições econômica, política e social na Venezuela: o de ordem econômica dizia respeito ao movimento de queda no preço do barril de petróleo, principal *commodity* venezuelana; o de natureza política estava associado à doença e posterior falecimento do principal líder político do país, o Comandante Chávez (OLIVEIRA, 2019, p. 221).

Para Simões (2017), a crise na Venezuela existia desde o modelo implementado por Chávez, pois naquela época se presenciou uma crise política quando grupos opositores liderados por empresários capitalistas (grupos de classe alta insatisfeitos com a postura do presidente em relação a distribuição de renda) lideraram um golpe de estado em 2002. Porém, o chavismo⁹ prontamente contornou a situação e a resposta do governo foi, segundo Oliveira (2019), “igualmente dura”, resultando em perseguições aos líderes opositores e desencadeando o início de ataques e de violências.

Além disso, a desvalorização do preço do petróleo passou a interferir na economia do país, uma vez que isso também refletia na questão social com a carência de acesso aos recursos básicos. Consequentemente, “as questões sociais deterioraram em função da combinação da falta de recursos para investimentos nos programas de transferência de renda, escassez de alimentos e inflação alta, aliadas à falta de liderança política representada pela ausência do Comandante (OLIVEIRA, 2019, p. 221). Essa falta de liderança diz respeito ao falecimento de Chávez¹⁰, visto que sua morte aconteceu em meio à crise que já era evidente. Um ano depois, o seu sucessor, Nicolás Maduro, é nomeado presidente do país. Portanto, observamos uma série de acontecimentos nas esferas políticas, econômicas e sociais que, conforme Uebel (2019, p. 70) destaca, “[...] serviram de ingredientes para que a Venezuela passasse de uma das economias com maior perspectiva de crescimento das Américas para um cenário geopolítico de instabilidade”.

9 “*Cuando se habla del CHAVISMO, queremos significar toda la dinámica política creada alrededor de quienes apoyan las propuestas de Hugo Chávez Frías, caracterizado este apoyo por posiciones extremas en relación con lo que llegaron a ser los parámetros del consenso de la democracia populista*” (ROMERO, 2001, p. 237).

10 Faleceu em 5 de março de 2013.

De fato, como tudo foi se agravando, chegou ao ponto do presidente Maduro comunicar uma “emergência econômica¹¹”, em que apresentava a situação econômica do país, sobretudo a falta de ingresso do setor petrolífero. Esse decreto tinha como objetivo salvar a economia venezuelana, possibilitando a tomada de certas medidas para contornar a situação. Para Simões (2017), as medidas impostas são consideradas por ele como “medidas extremas”, pois Maduro teve o controle de determinados produtos, elevando os preços no mercado, como por exemplo, a farinha e a gasolina. Com isso, o país sofreu uma das maiores inflações do mundo em 2015. Apesar do decreto não garantir uma economia estável ou um caminho diferente sobre a atual situação, em 2017 a Venezuela sofreu novamente um estado emergencial, dando ao governo ainda mais controle sobre o mercado (SIMÕES, 2017).

Até aqui, sabemos que a situação da Venezuela se apresenta com muita adversidade e agravamento. Porém, o ponto mais relevante e crítico se refere à questão social, pois a crise econômica e política são os principais fatores que levam à imigração em massa de um povo, como forma de estratégia para a sobrevivência. Por isso, é relevante a apresentação da situação interna do país para compreender a atitude dos indivíduos em migrarem para outros países, incluindo o Brasil.

O relatório realizado pela *Human Right Watch*¹² aponta a seguinte situação: “O êxodo de venezuelanos fugindo da repressão e da escassez de alimentos, remédios e suprimentos médicos representa a maior crise migratória da história recente da América Latina” (HRW, 2021). Dessa forma, temos a percepção de que são muitas as causas envolvidas para que o indivíduo queira sair do seu país para encontrar refúgio e proteção. A HRW (2021) denomina a situação como uma “crise humanitária”, porque milhões de venezuelanos fugiram de seu país para encontrar acolhimento.

Frente a tantos obstáculos, o povo venezuelano seguiu em movimento tanto para países como “[...] Estados Unidos e Espanha, por exemplo, quanto para países fronteiriços ou outros destinos no continente americano” (SIMÕES; SILVA; OLIVEIRA, 2017, p. 21). Dessa maneira, desde 2015 o fluxo migratório de venezuelanos aumentou gradativamente, sendo que no Brasil essa é maior imigração já registrada pelos dados migratórios oficiais (SIMÕES *et al.*, 2017).

11 Declarada por meio do Decreto n. 2.184, de 14 de janeiro de 2016. Informação retirada em Simões (2017).

12 Organização internacional não governamental que faz pesquisas sobre os direitos humanos.

Os imigrantes, em sua maioria, chegavam ao Brasil pelo extremo norte do país, no estado de Roraima em que, nos últimos tempos, se nota a forte presença dos venezuelanos, principalmente pelas ruas das cidade de Pacaraima¹³ e de Boa Vista. A entrada acontecia por uma migração terrestre localizada na fronteira entre Santa Elena de Uairén¹⁴, na Venezuela, e Pacaraima, no Brasil, onde boa parte dos venezuelanos solicitaram refúgio (SIMÕES *et al.*, 2017). Podemos observar pela Figura 1 a fronteira entre Brasil e Venezuela.

Figura 1 - Fronteira entre Brasil e Venezuela



Fonte: Wikipédia (s.d.)

Por ser um município pequeno, Pacaraima não teve condições para atender a todos os venezuelanos que chegavam. Assim, eles se deslocavam para Boa Vista, o centro da maior parte da imigração que, com o decorrer do tempo, também não conseguiu receber e acolher o grande volume migratório, situação que se repetiu em outros municípios do estado. Nessa perspectiva, o estado de Roraima não estava preparado para receber um grande número de venezuelanos e inseri-los na sociedade de forma adequada, como por exemplo, na questão de empregos/trabalhos e atendimento aos serviços sociais básicos. As autoridades brasileiras consideram que cerca de 264 mil venezuelanos vivem atualmente no país e, em média, 500 imigrantes adentram na fronteira todos os dias pelo estado de Roraima (ACNUR, 2020).

13 Conforme o censo de 2010, o município possui uma população de 10.433 habitantes, sendo que 5.919 habitantes vivem no centro urbano de Pacaraima. As duas outras localidades que apresentam maiores concentrações de pessoas são as comunidades indígenas de Surumú e Contão, localizadas respectivamente ao sul e ao sudeste do território. Informação disponibilizada pelo site da prefeitura municipal de Pacaraima. Disponível em: <https://www.pacaraima.rr.gov.br/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

14 Cidade venezuelana que fica a 15 km da fronteira com o município de Pacaraima.

A situação estava se agravando e saindo do controle, uma vez que eram muitos os indivíduos que estavam sem teto, dormindo nas ruas e/ou nas rodoviárias, sem ter o que comer, expostos a vulnerabilidade e sem atendimentos públicos que pudessem atender a todos. Diante desse cenário, foram necessárias medidas para o acolhimento com a ajuda federal, com as forças armadas e também com o apoio do ACNUR. Assim, construíram-se alojamentos e abrigos, distribuíram-se roupas oriundas de doações, distribuíram-se alimentos, recursos de higiene e de saúde (OLIVEIRA, 2019). Em 2018, conforme Oliveira (2019, p. 239), o governo federal implementou medidas para a situação vivida no estado de Roraima:

- i) criou um grupo de trabalho, coordenado pelo Ministério da Defesa, para efetivamente tratar a questão migratória em Roraima;
- ii) reeditou nova resolução normativa para conceder visto de residência temporária aos venezuelanos;
- iii) aprovou Medida Provisória destinando R\$ 190 milhões para ser aplicado em medidas de acolhimento;
- iv) firmou acordo de cooperação com o ACNUR para a implantação de novos abrigos e fornecimento de alimentação para os imigrantes;
- v) propôs incentivar a interiorização dos imigrantes que assim o desejarem; e
- vi) iniciou campanha de vacinação da população venezuelana em Roraima

Pelas ações apresentadas e pela efetivação delas, para Oliveira (2019) as medidas surtiram efeitos e melhoraram as condições de abrigo e de acolhida. Ademais, o processo de interiorização aconteceu aos poucos para vários estados e o exército brasileiro tem executado especialmente a interiorização dos imigrantes venezuelanos. Para o estado de Santa Catarina a interiorização se realizou pela 14ª Brigada de Infantaria Motorizada, sediada em Florianópolis (SC), “[...] com a missão de receber, identificar, promover a entrada legal para permanência no Brasil ou passagem para outro país” (DUARTE, 2019, p. 6). De acordo com Duarte (2019), por meio de sua pesquisa e de dados levantados, 15 missões foram executadas no período de 30 de maio até 14 de novembro de 2019, nas quais 613 venezuelanos foram transportados de Roraima para várias cidades catarinenses, incluindo Chapecó (SC).

2.3 CHAPECÓ: CAPITAL DO OESTE

¡Está ciudad, es mi ciudad!

Podemos afirmar que o indivíduo que sai de seu país de origem para viver em outro, no qual é chamado de imigrante, se coloca diante de várias situações e dificuldades frente ao que é novo, como a cultura, a comida, a língua, os costumes, as tradições, as leis, as obrigações, entre outras circunstâncias. Logo, não podemos deixar de pensar que o mundo está em constante mobilidade, seja por conta própria ou por fatores externos. Desse modo, “[...] a história da humanidade nasceu com os passos dos homens e mulheres que se deslocaram, assim o futuro da humanidade vai depender da capacidade de conviver com todas as culturas e raças que se desenvolveram desde os seus primeiros passos” (ZAMBERLAM *et al.*, 2009, p. 6).

Nessa perspectiva de mobilidade e na convivência de outras raças e culturas, Horst, Krug e Fornara (2017) afirmam que em Santa Catarina, principalmente na região Oeste do estado, existe uma diversidade étnica e cultural bastante significativa. Conforme a história da região, por volta de 1900 residiam povos indígenas e logo após, no século XX, teve início a imigração de italianos, de alemães, de poloneses, de russos e de asiáticos que passaram a fazer parte da população catarinense.

A cidade de Chapecó, localizada no Oeste catarinense, foi colonizada por descendentes italianos que se deslocaram do Rio Grande do Sul no século XX (HORTS; KRUG; FUNKLER, 2017). Essa informação também está no *site* do Governo de Santa Catarina¹⁶, além de que as principais etnias da cidade, que são a italiana, a alemã e a polonesa. Destacamos que a etnia haitiana não é mencionada no *site*, apesar de sabermos que ela está presente na cidade e na região. Ainda sobre o município, Chapecó (SC) é considerada o polo da agroindústria no sul do Brasil e se destaca na economia com a exportação de produtos alimentícios industrializados de natureza animal. De acordo com Forneck (2021), há muito tempo Chapecó é conhecida como Capital Nacional da Agroindústria, pois a economia está vinculada ao sistema agroindustrial de abate de suínos e aves. Além disso, a cidade também é conhecida com nomes como: “Capital do Oeste” e “Capital Catarinense do Turismo de Negócios”. Segundo os registros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021, aproximadamente, 227 mil pessoas vivem na cidade.

Os imigrantes, movidos em busca de sobrevivência, de acolhimento e de trabalho, encontraram na fuga uma chance de uma vida melhor e de uma reconstrução dela. Em Chapecó

15 Informante entrevistada para a pesquisa.

16 Disponível em: <https://www.sc.gov.br/conhecasc/municipios-de-sc/chapeco>. Acesso em: 07 mar. 2023

(SC), os imigrantes haitianos conseguiram encontrar campo de trabalho, principalmente nos setores das agroindústrias e da construção civil (RISSON, MATSUE, LIMA, 2018). Os primeiros imigrantes venezuelanos (mais de 150¹⁷) chegaram em Chapecó em maio de 2019, por intermédio de uma operação do exército e da força aérea brasileira com a missão de garantir a segurança e, principalmente, de interiorizá-los e de transportá-los para outras localidades, como Guatambu (SC) e Itapiranga (SC), já com a garantia de emprego e de moradia. A maioria deles ainda residem em Chapecó (SC) e trabalham em indústrias. Ademais, conforme dados da Câmara Municipal, estima-se que, aproximadamente 14 mil imigrantes vivem em Chapecó (SC) atualmente, dos quais 80% são haitianos e venezuelanos¹⁸.

Dessa forma, observamos que a locomoção dos haitianos e venezuelanos são, praticamente, movidas pelas mesmas situações vivenciadas, sendo elas: crise política; problemas econômicos e sociais; falta de alimento, de saneamento básico e de serviços básicos de saúde; inflação; perseguições; fraudes; protestos; golpe de estado; e pobreza. Todos esses imigrantes buscam a sobrevivência e uma vida melhor junto aos seus familiares. Zamaro (2021) afirma que esses motivos também são similares ao contexto vivido pelos italianos no século XIV, mas com a diferença de “[...] que os haitianos tiveram um agravamento ambiental para motivar a saída do Haiti, o desastre do terremoto em Porto Príncipe, de 2010, causando mortes e agravando as condições de miséria no país que já era considerado o mais pobre da América” (ZAMARO, 2021, p. 19).

Com a forte presença de imigrantes na cidade, em novembro de 2020, foi criado o Centro de Atendimento ao Imigrante (CAI) em Chapecó (SC), com o objetivo de ajudar na recepção dos imigrantes que chegam à cidade. O CAI é responsável pelos serviços de refúgio, de naturalização e de documentação, além de prestar outros serviços de acolhimento, como auxílio de moradia e de emprego, uma vez que a maioria dos imigrantes são encaminhados para trabalhar em frigoríficos da cidade.

Para finalizar Forneck (2021, p. 3), fala sobre a riqueza cultural da localidade chapecoense.

Acreditamos que a riqueza cultural que se construiu em Chapecó está alicerçada na diversidade da sua população, e não apenas por um único grupo social, nem somente um adjetivo. Indígenas, caboclos, negros, migrantes gaúchos descendentes de europeus, imigrantes de diversos países, migrantes de outras regiões de Santa Catarina e do Brasil são uma mescla de culturas que formaram a identidade chapecoense. Cada

17 Informações da ND Rádio. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/mais-70-venezuelanos-chegam-na-regiao-oeste-de-sc-para-trabalhar/>. Acesso em: 07 mar. 2023.

18 Disponível em: <https://www.cmc.sc.gov.br/cmc/noticias-camara/atendimento-aos-imigrantes-e-discutido-em-sessao-ordinaria>. Acesso em: 07 mar. 2023.

indivíduo que chega a Chapecó traz consigo vivências e experiências que compartilha com outras pessoas, e vice-versa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Bagno (2015) desenvolve pesquisas para o estudo do preconceito e da variação linguística. O autor discorre em seu trabalho sobre a existência de mitos referentes aos preconceitos linguísticos e que refletem no comportamento das pessoas quanto à utilização própria ou imprópria da língua. Em um dos seus primeiros pontos, o autor aborda que esse tipo de situação é formado a partir da educação básica e do que se impõe aos alunos neste período. Ao denominar o primeiro mito como “o português do Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, Bagno (2015, p. 26) afirma que:

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os mais de 200 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc.

Outro mito relevante é sobre “o certo é falar assim, porque se escreve assim”, no qual aborda a pronúncia da língua, da mesma forma como ela está escrita. De certa forma, a tendência é apenas na valoração da língua escrita e no desprezo da língua falada. Bagno (2015) defende que devemos aprender a ortografia, mas também valorizar as diversas manifestações linguísticas que fazem parte da nossa história social e cultural.

Altenhofen (2002), faz alusão às “implicações” e aos “problemas” da língua materna no aprendizado de uma segunda língua. Em seu artigo ele levanta nove problemas que implicam diretamente no ensino e aprendizagem de uma segunda língua e do ser bilíngue. Tais problemas como “a visão do senso comum”, em que poucos vão atrás das reais virtudes de um ser bilíngue e em especial, dos fatores positivos de ser bilíngue, mas sim, só repetem o que possivelmente ouviram de leigos, ou seja, que ser bilíngue é ser atrasado e inculto. Esses chamados por Altenhofen (2002) de “problemas” estão presentes na sociedade e inibem o uso ou a aprendizagem de duas variedades. Podemos dizer que ainda está viva a ideia de “um povo, uma língua” da época da ditadura e do domínio militar.

Ainda sobre o preconceito linguístico, Scherre (2005) afirma em entrevista que,

O julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala [...] depreciando-se a língua, deprecia-se o indivíduo, sua identidade, sua forma de ver o mundo [...] O preconceito linguístico - o mais sutil de todos- eles atingem um dos mais nobres legados do homem, que é o domínio de uma língua. Exercer isso é retirar o direito de fala de milhares de pessoas que se exprimem em formas sem prestígio social. Não quero dizer com isso que não temos o direito de gostar mais, ou menos, do falar de uma região ou de outra, do falar de um grupo social ou de outro. O que afirmo e até enfatizo é que ninguém tem o direito de humilhar o outro pela forma de falar. Ninguém tem o direito de exercer assédio linguístico. Ninguém tem o direito de causar constrangimento ao seu semelhante pela forma de falar (SHERRE, 2005 *apud* MARTINS, 2017, p. 6).

Se, conforme a citação de Scherre, o preconceito existe entre falantes da mesma língua que são de regiões diferentes, podemos imaginar que tal preconceito seja bem maior entre falantes de línguas e variedades linguísticas diferentes, ainda mais em se tratando de hispanofalantes, no caso dos venezuelanos e de afrodescendentes haitianos.

Neste contexto, a partir da sociedade, da variação de línguas e de tudo que as envolve, Leite (2022) entende que o “preconceito” e a “intolerância linguística” são consideradas como sinônimas, sendo que a última é tão violenta como qualquer outra intolerância, porque atinge o “cerne das individualidades”. De acordo com a autora:

O preconceito e a intolerância linguísticos relevam o comportamento de um falante diante da linguagem de outro e é, pois, um fato de *atitude linguística*. Como tudo o que diz respeito à linguagem, a atitude linguística não pode apenas ser interpretada como um assunto puramente pertinente ao domínio da língua. Antes de tudo, como sabemos muito bem, a linguagem é social, plena de valores, é axiológica e, por meio dela, consciente ou inconscientemente, o falante mostra sua ideologia (LEITE, 2022, p. 13-14).

Nos próximos subtítulos iremos trazer um pequeno apanhado da dialetologia tradicional, da sociolinguística e, da dialetologia pluridimensional partindo de uma sequência histórica.

3.2 DIALETOLOGIA TRADICIONAL

Como o estudo da dialetologia é anterior aos estudos sociolinguísticos, por isso apresentaremos primeiro. As principais manifestações de diversidade linguística iniciaram com a dialetologia monodimensional ou também chamada de dialetologia tradicional ou areal (HORST; KRUG, 2022). Com ela tinha-se o intuito de registrar o dialeto “original” que era

encontrado em um único grupo de informantes e em uma determinada região, a qual podemos chamar de variação geográfica¹⁹. De acordo com Thun (1998), essa era uma sociolinguística extremamente limitada, porque o grupo de informantes era caracterizado por um perfil de habitantes mais velhos, de zonas rurais, de nível sociocultural baixo, com movimento restrito no espaço e pouco contato externo.

Entendemos que o final do século XIX foi considerado como uma época propícia para a história dos estudos da variação, pois aconteceram os primeiros passos aos estudos da dialetologia e já haviam trabalhos produzidos em outras épocas, o que demonstra o interesse dos estudiosos em conhecer a diversidade das línguas. Contudo, esses estudos foram consolidados no início do século XX, com a publicação do *Atlas linguistique de la France* ou “Alf”. Esse projeto teve início pelo pesquisador Jules Gilliéron, seu trabalho de campo acontecia através da aplicação de um questionário de 1.920 perguntas, em 639 localidades sobre os dialetos galo-românicos (ILARI, 1999). A coleta de dados foi realizada por um auxiliar (Edmond Edmont, 1902-1910), seguindo a metodologia da dialetologia monodimensional, com registro de apenas um perfil de informante (MEYERHOFF, 2006). O estudioso Gilliéron se preocupava com o aspecto de “retoque” na coleta de dados, não permitindo corrigir ou “retocar” as falas dos informantes. Isso também era válido ao entrevistador, que era proibido induzir ou retoques as falas durante a conversa (THUN, 2017).

De acordo com Coseriu (1982), a dialetologia é uma ciência, pois ocupa um lugar entre as disciplinas linguísticas e coordena as diversas variedades infinitas da linguagem. Como a dialetologia é o estudo dos dialetos, pontuamos que, segundo o autor, o conceito de dialeto se originou do grego e significa “modo de falar”, isto é, determina o modo de falar interindividual. Além disso, Coseriu (1982) afirma que o conceito de dialeto assume a mesma concepção de língua: um sistema de isoglossas realizada no falar, “[...] *que consiente el hablar y el entender de varios individuos de acuerdo con una tradición históricamente común*” (COSERIU, 1982, p. 10). Sendo assim, as pessoas que se comunicam a partir de uma língua (sendo a da família, do bairro, da cidade em que vive, entre outros), desde que exista um sistema de comunicação entre os falantes, será considerada como língua. Em virtude disso, um dialeto é simplesmente uma língua (COSERIU, 1982).

Segundo Cardoso (2016), a dialetologia, também denominada de geolinguística, é uma área de estudo da variação que se reveste em toda a língua. Por essa razão é um ramo da

19 Também chamada de variação regional ou diatópica (grego *dia* = através de; *topos* = lugar). A variação geográfica tem relação com as diferenças linguísticas observáveis entre falantes oriundos de regiões distintas de um mesmo país ou oriundos de diferentes países (GÓRSKI; COELHO, 2009, p. 76).

linguística, afinal, assume a tarefa de identificar e de descrever os diferentes usos de uma determinada língua. As análises eram pautadas nas diferenças geográficas de forma monodimensional, a qual assume uma perspectiva pluridimensional²⁰ no decorrer dos estudos.

Para estudar os fenômenos linguísticos usando a dialetologia, era necessário seguir sua metodologia. Esta consiste em apresentar os dados linguísticos em forma de mapa ou de carta geográfica, os quais são distribuídos por pontos espacialmente identificados, ou seja, mostram o uso das variantes encontradas em cada ponto pesquisado. Já na dialetologia pluridimensional, além de identificar os dados diatópicos, os indicadores de cunho social (como idade, gênero e escolaridade) passam a integrar a própria carta ou mapa.

Com relação aos estudos geolinguísticos, Thun (2017) discute-os trazendo o panorama da geolinguística moderna e o que ela pode superar da geolinguística antiga. Com objetivo de aprimorar ou de fazer algo diferente para melhorar os estudos geolinguísticos, os da dialetologia se dividem em quatro fases, brevemente descritas em seguida.

A primeira fase da geolinguística diz respeito aos mapas de línguas. Para Thun (2017), a primeira aparição de um mapa linguístico foi encontrada por Hervás em 1784, que desenvolveu a ideia de investigar as línguas dividindo-as em grupos. Nesse período, não se pensava em um mapa para cada fenômeno linguístico, até que, em 1823, Désire Monnier desenvolveu um mapa linguístico fonético. Naquela época os mapas de línguas se desenvolveram mais do que os mapas linguísticos. Também ocorreu a elaboração de atlas, mas cada um seguia uma metodologia diferente da outra. Além disso, os fenômenos linguísticos apenas são estudados na segunda fase da geolinguística.

A segunda fase aborda os atlas linguísticos monodimensionais e algo novo se inicia a partir dos atlas linguísticos de Georg Wenker, Jules Gillierón e Gustav Weigand. A metodologia aplicada envolvia o uso de um catálogo de perguntas em uma rede de pontos para levantamentos dos dados, seguindo um único esquema. Como resultado, esses autores marcaram as pesquisas exclusivamente da língua falada, cujos estudos ainda são vistos nos dias atuais. Por meio do seu trabalho metodológico, Gillierón abre caminho à geolinguística exclusivamente diatópica, sendo o responsável por publicar um verdadeiro mapa linguístico.

A terceira fase alude aos atlas linguísticos pluridimensionais. Autores como Navarro Tomás e Rousselot já alertavam em seus estudos sobre as diferenças dialetais em um mesmo ponto. Para exemplificar um atlas pluridimensional, temos o *Atlas lingüístico Diatópico y*

20 A Dialetologia Pluridimensional será abordada no capítulo 3.4.

Diastrático del Uruguay (ADDU), elaborado por Thun (1996). Nele, o autor considerou várias dimensões para a análise de fatos linguísticos: a dimensão diatópica (lugar), a dimensão diastrática (escolaridade), a dimensão diageracional (faixa etária), a dimensão diassexual (homem/mulher), a dimensão diafásica (estilo de coleta), a dimensão dialingual (contato entre línguas) e a dimensão diarreferencial (comentários metalinguísticos). Dessa forma, o objetivo do ADDU era ampliar o espaço das variedades considerando os contatos intra-interlinguísticos (THUN, 2017).

A última fase da geolinguística está associada ao atlas linguístico das redes de comunicação. Sobre esse estudo, Thun (2017) afirma que ainda é um método aplicável. Para exemplificar, temos o projeto ADDU em que existem mapas para compreender os dados linguísticos da mobilidade horizontal dos falantes. Assim, o método identifica registros estilísticos que acontecem entre representantes de diferentes grupos no espaço, levando suas relações comunicativas a novas redes de comunicação e, por essa razão, o método faz parte das futuras tarefas da geolinguística.

3.3 SOCIOLINGUÍSTICA

A sociolinguística é um campo de estudo que está ligado aos estudos das variedades e das variantes de uma determinada língua. Atualmente, essa é uma área de grande investigação que traz modelos teóricos-metodológicos para a análise das mudanças nos aspectos linguísticos a partir dos sociais de uma língua. O reconhecimento da sociolinguística como ciência ocorreu nos anos de 1960 com a publicação da tese de doutoramento de William Labov, que fez seus estudos a partir da coleta de dados na ilha de Martha's Vineyard. Seus estudos levaram em consideração, além dos aspectos linguísticos, aspectos extralinguísticos como idade, sexo, classe social, entre outros.

A sociolinguística também pode ser conhecida e caracterizada como variação linguística, como afirma Coan e Freitag (2010, p. 175):

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (também chamada Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana) tem como objeto de estudo a variação e mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. A língua é vista pelos sociolinguistas como dotada de “heterogeneidade sistemática”, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade. O domínio de estruturas heterogêneas é parte da competência linguística dos indivíduos.

Alkmin (2012) afirma que a linguagem e a sociedade estão ligadas entre si de forma incontestável e não há dúvidas de que essa relação é a base da constituição do ser humano. Todavia, nem sempre essa relação foi tomada como aspecto importante ao estudo da linguística. Como sabemos, a partir dos estudos estruturalistas, a linguística do século XX define a língua (por oposição à fala) como objeto central. Dessa forma, se exclui toda consideração de natureza social, histórica e cultural, além da descrição, da análise e da interpretação do fenômeno linguístico.

Contudo, apesar do sucesso da corrente estruturalista, a ideia de relacionar linguagem e sociedade já vinha sendo estudada por vários linguistas, cujas obras são referências quando se aborda o tema da questão social no campo dos estudos linguísticos. Por essa razão, Alkmin (2012) faz uma breve referência desses autores, apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 - Relação de linguagem e sociedade

| Autor | Citação |
|-------------------|--|
| Meillet (1906) | “Ora, a linguagem é, eminentemente, um fato social [...] as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam [...]” (MEILLET, 1906 <i>apud</i> ALKMIM, 2012, p. 26). |
| Bakhtin (1929) | “[...] a língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, [...] mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações” (BAKHTIN, 1929 <i>apud</i> ALKMIM, 2012, p. 27). |
| Jakobson (1960) | Sobre a relação entre linguagem e sociedade: “[...] a noção de comunicação tem também um papel central [...] já que o indivíduo participa de diferentes comunidades linguísticas e todo código linguístico é “multiforme e compreende uma hierarquia de subcódigos diversos, livremente escolhidos pelo sujeito falante” (JAKOBSON, 1960 <i>apud</i> ALKMIM, 2012, p. 27). |
| Cohen (1956) | “[...] relações entre linguagem e sociedade a partir da consideração de fatores externos [...], por exemplo, o estudo das relações entre as divisões sociais e as variedades rurais, urbanas e de classes sociais, estilos de linguagem [...]” (COHEN, 1956 <i>apud</i> ALKMIM, 2012, p. 28). |
| Benveniste (1963) | “[...] é dentro da, e pela língua, que o indivíduo e a sociedade se determinam mutuamente” (BENVENISTE, 1963 <i>apud</i> ALKMIM, 2012, p. 28). |

Fonte: Adaptado de Alkmin (2012, p. 26-28)

Como podemos observar, os autores citados no Quadro 1 trazem seus apontamentos e suas reflexões a respeito da relação entre língua e sociedade, sendo nítida a relação existente, visto que Saussure afirma que “nossa definição da língua supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema: tudo quanto se designa pelo termo “Linguística externa” (SAUSSURE, 2012, p. 53). Dessa maneira, temos a “linguística interna”, que considera a língua como sistema que conhece somente sua própria ordem, e a “linguística externa”, que se “[...] dividirá, de maneira permanente, o campo dos estudos linguísticos contemporâneos [...]” (ALKMIM, 2012, p. 24). Assim, temos as disciplinas que estudam a relação entre língua e sociedade.

A sociolinguística surgiu em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e se fixou em 1964. A proposta foi defini-la e caracterizá-la como uma nova área de estudo, cujo objeto é a diversidade linguística, relacionada a um conjunto de fatores, tais como: identidade social do emissor ou do falante, identidade social do receptor ou do ouvinte, o contexto social e o “ajuntamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, atitudes linguísticas” (ALKMIM, 2012, p. 28). Segundo Salomão (2011), Bright concebe a sociolinguística como uma abordagem anexa dos fatores da língua e que poderia complementar a Linguística ou a Sociologia e a Antropologia, mas que tal subordinação desaparece com os estudos de Labov.

A denominada “Teoria da Variação” ou “Sociolinguística Variacionista” (também chamada de Sociolinguística Quantitativa) é uma corrente cujo grande precursor é William Labov. O linguista ganhou destaque após a publicação da dissertação de mestrado sobre o inglês falado na comunidade da ilha de Martha's Vineyard, em Massachusetts. Nesse trabalho, Labov apresenta os fatores sociais para a explicação da variação linguística e relaciona fatores (como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitudes) ao comportamento linguístico manifestado pelos informantes na comunidade pesquisada. A tese de doutorado também contribuiu para os estudos da sociolinguística variacionista, pois tratava da estratificação do inglês falado na cidade de Nova York, que apresenta um modelo de descrição e de interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas.

A partir do que foi apresentado até aqui, percebemos que a sociolinguística e o estruturalismo tomam caminhos diferentes, como aponta Salomão (2011):

Uma das grandes diferenças entre a sociolinguística variacionista e a linguística estruturalista é o objeto. Na primeira, o objeto é a fala, enquanto que na segunda, os fenômenos da fala atingem apenas a substância material das palavras, não seu

significado, e, portanto, não se constituem como seu objeto de estudo. Outra diferença essencial é a compreensão da variação e das mudanças linguísticas, uma vez que para os variacionistas as mudanças advêm do comportamento social enquanto que para os linguistas estruturalistas elas são internas ao sistema (SALOMÃO, 2011, p. 190).

Assim, a sociolinguística tem como objeto de estudo a variação e a mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. É uma área que se interessa pelas diferentes variações de uma língua, incluindo os aspectos sociais e culturais da maneira como a linguagem é usada, além dos seus efeitos na sociedade. Isso é necessário para entender os principais motivos dessa variação linguística e qual a importância dela (CEZARIO; VOTRE, 2020). Portanto, a sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas, pois seu estudo procura verificar se o grau de estabilidade de um fenômeno está em curso ou aponta para uma mudança. Por essa razão, a variação não é vista como um efeito do acaso, mas um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos (CEZARIO; VOTRE, 2020).

Com isso, entendemos que a dialetologia tradicional é muito restrita, limitando-se ao espaço e inquirindo um informante para estudar os fenômenos linguísticos. Já a sociolinguística estuda as diferentes variáveis em um determinado espaço. Com base nessas duas metodologias surge a dialetologia pluridimensional e relacional – uma nova teoria para somar nos estudos das variações linguísticas, como veremos no capítulo seguinte.

3.4 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

A dialetologia pluridimensional e relacional de Harald Thun nasce a partir de duas vertentes teóricas: a dialetologia tradicional e a sociolinguística. Conforme afirma o autor,

A Dialetologia e a Sociolinguística, disciplinas historicamente separadas, convergem em uma geolinguística ampliada que pode ser apropriadamente chamada de "Dialetologia Pluridimensional" (DP) e que é definida como parte da ciência geral da variação linguística e das relações entre variantes e variedades por um lado e falantes pelo outro (THUN, 1998, p. 704)²¹.

21 No original: *La Dialectología y la Sociolingüística, disciplinas históricamente separadas confluyen en una geolingüística ampliada que puede llamarse oportunamente "Dialectología pluridimensional" (DP) y que se define como parte de la ciencia general de la variación lingüística y de las relaciones entre variantes y variedades por un lado y los hablantes por el otro lado* (THUN, 1998, p. 704).

De acordo com Thun (1998), essa geolinguística é considerada como uma ciência ampla, focada nos estudos dos contatos linguísticos ou das variedades linguísticas. Sua metodologia considera vários tipos de falantes de uma língua em regiões/comunidades diferentes e os analisa a partir dos dados inquiridos para averiguar alguma diferença ou semelhança nas variedades faladas nessas comunidades. Portanto, a dialetologia tradicional obtinha seus dados somente na variação diatópica e considerava um perfil de informante, como destacamos anteriormente. Já a sociolinguística considera várias dimensões, mas também obtém seus dados em um único espaço. Assim, a dialetologia pluridimensional e relacional combina essas duas metodologias, pois investiga várias dimensões em diferentes localidades, inquirindo diferentes informantes e relacionando os dados levantados nos pontos de pesquisa.

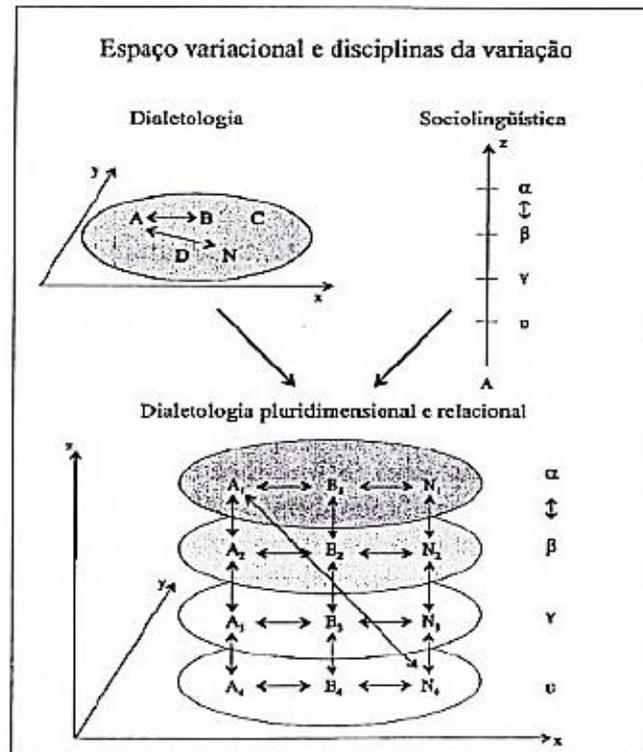
Ainda conforme Thun (1998) a dialetologia pluridimensional e relacional,

[...] não entende apenas os dialetos “puros” preferidos pela Dialetologia tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. De igual interesse são as variedades mistas, os fenômenos de contato lingüístico entre línguas contíguas ou sobrepostas de minorias e majorias, formas regionais, variação de diáfase (estilística), o comportamento lingüístico de grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastado com o dos grupos topostáticos (pouco móvel no espaço), a atitude metalingüística dos falantes em relação ao seu comportamento lingüístico e outros parâmetros (THUN, 1998, p. 706)²².

Na Figura 2 vemos com maior clareza o espaço variacional das três disciplinas, a partir do esquema elaborado por Thun (2005). Na direita encontra-se o modelo da sociolinguística, com os dados coletados em um único local e com alguns informantes. Já na esquerda está o modelo da dialetologia monodimensional exclusivamente diatópica, na qual se determina apenas um tipo de informante na pesquisa. O terceiro modelo, localizado na parte inferior da Figura 2, exemplifica a dialetologia pluridimensional e relacional. Essa disciplina integra os dois modelos apresentados, pois analisa todos os dados, fazendo diferentes relações a todos os tipos de dimensões. Como observado na Figura 2, a análise pode ser realizada de forma vertical (A1, A2, A3, A4), horizontal (A1, B1, N1) e diagonal (A1, B2, N3), ressaltando a parte relacional dos dados.

22 No original: [...] *no comprende solamente los dialectos “puros” preferidos por la Dialectología tradicional o los sociolectos de la Sociolingüística. Son de igual interés la variedades mixtas, los fenómenos de contacto lingüístico entre lenguas contiguas o superpuestas de minorías y de mayorías, formas regionales, la variación diafásica (estilística), el comportamiento lingüístico de los grupos topodinámicos (demográficamente móviles) contrastado con el de los grupos topostáticos (poco móviles en el espacio), la actitud metalingüística de los hablantes comparada con su comportamiento lingüístico, y otros parámetros* (THUN, 1998, p. 706).

Figura 2 - Espaço variacional e disciplinas da variação



Fonte: Thun (2005, p. 67)

Portanto, a dialetolegia pluridimensional é muito dinâmica, indo além dos registros da dialetolegia monodimensional.

A dialetolegia pluridimensional e relacional dispõe, metodologicamente, de um conjunto de parâmetros que busca recobrir a dimensão espacial e a dimensão social, imergindo até os níveis mais profundos do contexto interno e externo da língua. A descrição da variação busca romper com uma possível estaticidade dos fenômenos descritos pela dialetolegia tradicional ou monodimensional, para representá-los num universo regido pelos movimentos e pelas forças da história, da cultura e da organização social dos grupos (BUSSE, 2009, p. 129).

Desse modo, a dialetolegia pluridimensional é uma disciplina que assume a tarefa de estudar todos os tipos de variações que estão presentes em uma determinada comunidade composta por diferentes falantes, mesmo que esses falantes sejam descendentes de italianos, alemães, espanhóis, poloneses, portugueses, entre outros. Com essa diversidade, a dimensão relacional é caracterizada pela apresentação de dados, porque dispõe de uma descrição completa de certos fenômenos despercebidos. Conforme Assim, é incoerente aplicar vários parâmetros ou restrições e depois não poder relacionar os dados levantados, sendo “[...] registrado todo tipo de comentário metalingüístico por parte do informante” (THUN, 1996, p. 213).

Segundo Cardoso (2016), a dialetologia assume a tarefa de identificar e de descrever os diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, os aspectos socioculturais e a cronologia dos dados. A metodologia pluridimensional pretende analisar a língua em diferentes dimensões e, portanto, na Figura 3 temos a representação das suas dimensões e parâmetros.

Figura 3 - Dimensões e Parâmetros da Dialetologia Pluridimensional

| DIMENSÃO | PARÂMETRO |
|----------------------|---------------------------------------|
| 1.dialingual | Espanhol Português |
| 2.diatópica | Topostático |
| 3.diatópica-cinética | Topostático topodinâmico |
| 4.diastrática | Classe alta Classe baixa |
| Diageracional | Geração II Geração I |
| 6.diasexual | Mulheres Homens |
| 7.diafásica | R C L |
| 8.diarreferencial | Fala objetiva Fala metalinguística |

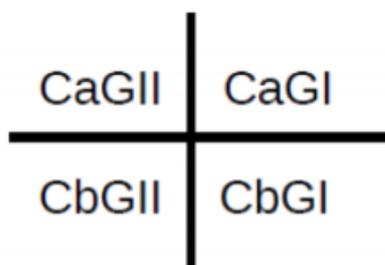
Fonte: Thun (2005, p. 71)

Observamos que cada dimensão é constituída por dois ou mais parâmetros: (1) a dimensão dialingual considera uma amostra de duas ou mais variedades, como por exemplo, o contato linguístico entre português e espanhol, como no atlas ADDU que investiga essa dimensão; (2 e 3) a dimensão diatópica diz respeito às localidades geográficas da pesquisa, uma vez que Thun (1996) destaca a diatópica-cinética em parâmetro topostático (informantes com pouca mobilidade no espaço) e parâmetro topodinâmico (informantes com muita mobilidade no espaço); (4) a dimensão diastrática se aplica à classe social e, para Thun (1996), se caracteriza pela escolaridade do informante dividida em dois parâmetro – classe alta (Ca) e classe baixa (Cb). Os informantes da classe alta (Ca) representam aqueles com ensino superior, completo ou cursando e os informantes da classe baixa (Cb) representam aqueles sem formação

ou com formação até o ensino médio; (5) a dimensão diageracional se distingue entre uma geração mais velha e uma geração mais nova. Nesta dimensão, a geração mais velha se aplica como geração II (GII), incluindo pessoas com 55 anos ou mais. Já a geração mais nova se configura como geração I (GI), incluindo jovens de 18 a 36 anos; (6) a dimensão diassexual/dimensão diagenérica apresenta as diferenças entre os homens e as mulheres, sendo possível fazer comparações de comportamentos linguísticos; (7) a dimensão diafásica se refere aos estilos para a coleta de dados, sendo leitura (uma parábola bíblica), questionário (pergunta/resposta) e conversa livre ou dirigida; (8) a dimensão diarreferencial é a consideração dos comentários e das observações metalinguísticas realizada pelos informantes; e (9), esta última não aparece na figura, mas se caracteriza como: dimensão diarreligiosa tem relação entre uma religião e uma língua, uma vez que juntas podem ser determinantes para a variação de uma língua.

A teoria pluridimensional é representada por um signo de cruz, como ilustra a Figura 4, formado por um eixo horizontal e um eixo vertical. Esses eixos são compostos por quatro dimensões: Ca (classe alta: ensino superior completo ou incompleto) e Cb (classe baixa: formação de zero até ensino médio), as quais correspondem à escolaridade dos informantes; e GI (jovens de 18-36 anos) e GII (com 60 ou mais anos), que correspondem à faixa etária dos informantes. Cada célula é composta por um homem e uma mulher, totalizando 8 informantes em uma dimensão diatópica.

Figura 4 - Esquema da Cruz da Teoria Pluridimensional



Fonte: Thun (1996, p. 216)

As quatro células da cruz mostram como é a distribuição em relação aos grupos socioculturais e as gerações. Com a dialetologia pluridimensional e as dimensões, a partir dos dados levantados em um ponto de pesquisa, é possível relacionar as diferentes idades, graus de escolaridade, faixas etárias e localidades.

3.5 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Ao refletirmos sobre as atitudes e para que elas servem, podemos, primeiramente, nos perguntar: Como elas se manifestam? Como acontece? O que realmente são as atitudes? Além de várias outras perguntas ou ideias relacionadas a ela. Sobre esses questionamentos, os psicólogos sociais já estavam atentos para entender o desenvolvimento de atitudes, pois além de ser um tema complexo, traz consigo uma rica significação social, visto que a psicologia social é “[...] o estudo de indivíduos em seus ambientes sociais e culturais” (LAMBERT; LAMBERT, 1981, p. 9).

Desse modo, para Lambert e Lambert (1981, p. 100), “uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente”. Todavia, segundo os autores, os sentimentos, as emoções, os pensamentos e as crenças são os componentes essenciais de atitudes. E, uma vez criadas as atitudes, se tem a tendência de reagir de acordo com o ambiente social e, portanto, ocorre alusão de que as crenças e as atitudes linguísticas conduzem às “reações” no seu contexto social, isto é, na sociedade.

Assim, os psicólogos sociais trabalharam na criação de técnicas metodológicas para inferir e medir atitudes, bem como na elaboração de testes para registrar com eficácia os graus de atitudes. No entanto, os instrumentos utilizados pelos pesquisadores não foram suficientes para descrever e medir os graus de atitudes, pois foram vários os resultados. Na época, os psicólogos Richard Christie e Florence Geis desenvolveram novos métodos a partir de questionários para registrar e medir uma atitude mais complexa (LAMBERT; LAMBERT, 1981).

Após várias tentativas, o mais famoso método desenvolvido por Lambert e seus colegas, foi a técnica *Matched Guise Technique* (falsos pares), em 1950 (KAUFMANN, 2011). Essa técnica tinha como objetivo identificar em uma comunidade franco-britânica: qual era a língua (inglesa ou francesa) de mais prestígio; como um grupo via o outro a partir da sua língua; e, de que maneira as atitudes de um grupo maior influenciavam um grupo menor. A técnica aplicada, consistia em apresentar gravações para os alunos, de pessoas que liam em inglês e em francês. Os alunos-juizes deveriam avaliar dez gravações, porém não eram gravações de dez pessoas diferentes, mas sim, gravações de cinco falantes bilíngues, com objetivo de estudar as atitudes dos estudantes em relação à língua apresentada, por isso o método “falsos pares”. (SILVA; AGUILERA, 2014).

Os professores Lambert e Lambert (1981, p. 107) explicam a função das atitudes, uma vez que elas:

[...] desempenham papéis importantes na determinação de nosso comportamento. Por exemplo, influem em nossos juízos e percepções de outros; influem na rapidez e eficiência de nossa aprendizagem, ajudam a determinar os grupos a que nós ligamos, as profissões que finalmente escolhemos até a filosofia que aceitamos.

Para Leite (2011), até o final da década de 60 a psicologia social não privilegiava os estudos da linguagem, pois não se interessava em questões relacionadas às áreas linguísticas, mas utilizava da linguagem como instrumento para obter seus dados e explicar os comportamentos e as interações das pessoas nos contextos sociais.

Em 1967, o psicólogo Wallece Lambert²³, com a publicação de seu trabalho²⁴, se tornou o precursor dos estudos das atitudes linguísticas por considerar os aspectos social, ideológico e cultural da linguagem. A intenção do psicólogo era integrar as áreas psicológicas, linguísticas e antropológicas com relação ao bilinguismo (BOTASSINI, 2015). A partir disso, estudar “atitude” não foi interesse apenas dos psicólogos sociais, mas também dos linguistas que seguem no ramo da sociolinguística e pesquisam a língua em contato. Labov (2008, p. 176), fala sobre a técnica dos “falsos pares” desenvolvida por Lambert e afirma que existe “[...] um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhados por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão”.

Desse modo, Corbari (2012) fala que a psicologia social foi pioneira nos estudos das crenças e atitudes, mas na atualidade, outras grandes áreas também se beneficiam sobre esse tema, com enfoques metodológicos diferentes. Assim, podemos dizer que o estudo sobre as crenças e atitudes linguísticas surgiu com a psicologia social, pois ela proporciona referências para o “[...] estudo dos papéis que os motivos, as crenças e a identidade exercem no comportamento linguístico do indivíduo” (CORBARI, 2012, p. 113).

Para o campo da sociolinguística, entre as suas finalidades, também tem a tarefa de pesquisar a maneira como os falantes fazem o uso da(s) língua(s), assim como, nas próprias crenças do seu comportamento linguístico e dos demais falantes (CORBARI, 2012). Para Moreno Fernández (2009), a importância dos estudos sobre as atitudes linguísticas está relacionada em conhecer melhor uma comunidade, ou seja, entender os processos de variação

23 Psicólogo do pensamento, da linguagem e do bilinguismo.

24 Trabalho sobre *A social psychology of bilingualism*.

e mudança linguística, entender sobre a eleição de uma língua em detrimento de outra e também, sobre o ensino-aprendizagem de línguas de uma comunidade específica.

Nessa mesma perspectiva, Silva e Aguilera (2014) apontam que a língua faz parte da constituição do indivíduo que pode valorizá-lo, discriminá-lo ou elevá-lo socialmente. Para exemplificar, as autoras afirmam que, na sociedade greco-romana, os indivíduos precisavam dominar a língua do poder falada naquela época para serem considerados cidadãos ou para serem aceitos. Assim, em toda a sociedade existe a diferença de “poder” entre grupos sociais diferentes, seja pela variação linguística dessa comunidade, seja nas atitudes para com essa variação utilizada. Busse e Sella (2012) destacam que existe uma relação dinâmica de determinação entre língua e sociedade, pois a fala se encontra em um jogo de relações de poder e de prestígio entre os grupos. Logo,

A área da psicologia social é uma ciência social que é contemporânea na investigação das crenças e atitudes das pessoas, pesquisa iniciada na segunda parte do século XX, que tem como objeto o estudo do comportamento humano baseado na teoria dos papéis, que veiculam os comportamentos a categorias (GOFFMANN, 1988) sociais, porque se entende que a psicologia social (LAMBERT; LAMBERT, 1966) fornece subsídios para o estudo da identidade, papéis, crenças e atitudes que regem o comportamento linguístico dos falantes (HITZ; AGUILERA, 2017, p. 258).

Aguilera (2008) aponta que, nos últimos anos Brasil, os estudos sociolinguísticos focaram, em sua maioria, nos trabalhos fonéticos-fonológicos e morfossintáticos, enquanto que o tema das crenças e das atitudes linguísticas ainda era pouco estudado. No entanto, essa temática não é considerada recente na sociolinguística, pois o trabalho desenvolvido pelo linguista americano William Labov sobre a mudança fonética do inglês falado na ilha de Marth’s Vineyard, em Massachusetts, por exemplo, investigou a realização dos ditongos entre os falantes da ilha e observou duas tendências das atitudes dos ilhéus: os que adotavam uma pronúncia “insular” e os que adotavam a pronúncia “continental” (CORBARI, 2013). Dessa forma, já se alertava sobre a relevância desse estudo para compreender “[...] questões que podem estar relacionadas a determinadas atitudes linguísticas manifestadas por um grupo ou por uma comunidade de fala” (BOTASSINI, 2015, p. 103).

Podemos dizer que o interesse em estudar as crenças e as atitudes linguísticas vem se destacando cada vez mais entre os pesquisadores, sobretudo nos trabalhos apresentadas pelas autoras Wepik (2017), Bernieri (2017), Hasselstron (2018) e Kusy (2019)²⁵, as quais

²⁵ Wepik (2017), Bernieri (2017), Hasselstron (2018) e Kusy (2019) desenvolveram pesquisas sobre as crenças e as atitudes linguísticas no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFFS.

investigaram o tema das crenças e das atitudes linguísticas e as línguas em contato. Além disso, outras áreas que contribuem para o estudo desse tema são, principalmente, a Psicologia Social, a Sociolinguística, a Sociologia da Linguagem e a Etnografia da Comunicação (CORBARI, 2013).

Quando os falantes assumem suas atitudes linguísticas, resulta-se na noção de identidade, que pode ser considerada como uma característica do falante ou como um conjunto de características, o que proporciona a diferenciação de um grupo e de outro (AGUILERA, 2008). Contudo, para a identidade do grupo (etnia, povo), basta ter sua variedade linguística assumida, destacada por Aguilera (2008) como um “traço definidor” utilizado pelo próprio grupo. Dessa forma, qualquer atitude “[...] em relação aos grupos com determinada identidade pode ser e, na maioria dos casos, é uma reação às variedades usadas por esse grupo [...], uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua [...]” (SILVA; AGUILERA, 2014, p. 705). Para Appel e Muysken (2005), a identidade de um grupo é tudo o que diferencia um grupo de outro grupo. Ainda segundo os autores, “[...] um grupo é considerado um grupo étnico com uma identidade étnica específica quando suficientemente distinta de outros grupos” (APPEL; MUYSKEN, 2005, p. 12, tradução nossa).

Para o autor Moreno Fernández (2009, p. 178, tradução nossa), discorre que as atitudes linguísticas estão relacionadas com as “próprias línguas e com a identidade dos grupos [...], é lógico pensar que, como existe uma relação entre língua e identidade, esta deve se manifestar nas atitudes dos indivíduos sobre essas línguas e seus usuários”. Assim, ainda de acordo com o autor, as atitudes podem influenciar:

[...] decisivamente en los procesos de la variación y cambio lingüísticos que se producen en las comunidades de habla. Una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los contextos menos formales y otras predominen en los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p. 177).

De acordo com as leituras de: Aguilera (2008); Moreno Fernández (2009); Kaufmann (2011); Corbari (2012, 2013); Busse e Sella (2012); Sabanin (2013); Silva e Aguilera (2014); Botassini (2015); e, Hitz e Aguilera (2017), existem duas perspectivas teóricas que se divergem, conforme as definições que se determinam para as atitudes linguísticas: a mentalista e a behaviorista ou comportamentalista.

A definição mentalista representa a atitude como uma disposição/estado mental, isto é, “[...] uma variável que intervém entre um estímulo que afeta a pessoa e sua resposta a ela” (BOTASSINI, 2015, p. 113) ou ainda “[...] condições ou fatos sociolinguísticos concretos, razão pela qual não é possível medi-la ou observá-la diretamente, mas, [...] deduzi-la a partir de certa informação [...], sendo necessário recorrer a técnicas indiretas para desvelar algo tão intangível como um estado mental” (CORBARI, 2012, p. 115).

Esse conceito mentalista é composto por três componentes: o saber ou a crença (componente cognoscitivo); a valoração (componente afetivo); e o conativo (conduta sociolinguística). De forma breve: (1) o componente cognoscitivo se refere aos pensamentos, às crenças, aos conhecimentos, aos pré-julgamentos, às expectativas sociais (prestígio, ascensão) e às reações daquilo que conhece (AGUILERA, 2008; BOTASSINI, 2015); (2) o componente afetivo aborda os sentimentos e as emoções pró ou contra um objeto social (BOTASSINI, 2015); (3) e o componente conativo (também chamado de comportamental) entende por conduta a reação ou a tendência à reação frente a um objeto social (BOTASSINI, 2015). Todos esses elementos fazem parte da atitude linguística do indivíduo, como afirma Aguilera (2008), “[...] o que significa dizer que a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística” (AGUILERA, 2008, p. 106).

Já sobre o conceito behaviorista ou comportamental, Moreno Fernández (2009) fala que neste critério a atitude é um elemento único, geralmente afetivo ou de valoração. Interpreta a atitude como uma conduta, como uma reação ou resposta a um estímulo frente a uma variedade linguística, a fim de observar diretamente o comportamento do indivíduo em certas situações sociais, assim, “*los conductistas utilizan como procedimiento de estudio la observación directa de las conductas objetivas*” (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p. 181).

Baseados nisso, entendemos que as crenças são responsáveis em gerar “atitudes” e isso reflete no posicionamento em relação à língua e no seu uso na sociedade. Assim, estudar as crenças e atitudes linguísticas ajuda a entender o comportamento humano e suas ações realizadas em determinadas situações, principalmente em relação à sua fala e à fala do outro.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos que norteiam a nossa investigação: dimensões analisadas; procedimentos da coleta de dados; instrumento da coleta de dados; descrição e perfil dos informantes; tratamento dos dados e aspectos para mensurar as crenças e atitudes linguísticas.

4.1 DIMENSÕES ANALISADAS

A metodologia desta pesquisa é qualitativa e orientada nos critérios da metodologia da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (DPR) do professor Thun (1996, 1998, 2005, 2010, 2017). Assim, objetiva-se descrever a variação linguística, assim como acontece nos estudos sociolinguísticos. Cardoso (2016) atesta que a ideia da dialetologia monodimensional assume uma nova concepção de pluridimensionalidade, ou seja, uma concepção de geolinguística pluridimensional. Desse modo, descrever e analisar os fatos linguísticos na área de investigação leva a diferentes perspectivas de estudo, por exemplo: diferenças regionais (diatópicas); diferenças sociais referentes a idade (diageracionais); ao sexo (diassessuais); a escolaridade (diastráticas); entre outras investigações e de diferentes níveis de abordagem da língua, como, as investigações no campo semântico-lexical, morfossintático, fonético-fonológico, etc. (CARDOSO, 2016).

Para nossa pesquisa, optamos por analisar cinco dimensões que orientam os objetivos propostos neste trabalho, sendo elas:

- 1) Dimensão diafásica: Aplicação de um questionário pluridimensional estilo pergunta/resposta e conversa semidirigida;
- 2) Dimensão diastrática: Ca (classe alta) com ensino superior completo ou em andamento e Cb (classe baixa) com escolarização de zero até o ensino médio;
- 3) Dimensão diageracional: Geração I (18 a 36 anos) e Geração II (36 anos ou mais);
- 4) Dimensão diassessual: Homem e mulher;
- 5) Dimensão diatópico-cinética: Topostáticos e topodinâmicos.

A primeira dimensão (diafásica) diz respeito à aplicação da coleta de dados com os informantes. Obtivemos a amostra por intermédio de uma conversa semidirigida e um questionário pluridimensional com perguntas baseadas de acordo com esta pesquisa, na qual investigamos as crenças e as atitudes linguísticas dos imigrantes em relação a sua língua.

A segunda dimensão (diatrática) se aplica ao critério de escolaridade da classe social em dois conceitos: Ca (classe alta) e Cb (classe baixa). Então, identificamos a classe alta (Ca) como aquela que representa o informante com ensino superior completo ou cursando, enquanto que a classe baixa (Cb) representa o informante cujo grau de escolaridade é de zero até o ensino médio.

Seguindo com as dimensões da pesquisa em questão, a terceira dimensão (diageracional) está relacionada entre uma geração nova e uma geração velha. Isto é, a geração nova inclui jovens entre 18 a 36 anos, identificados como GI (geração I); já a geração velha inclui idosos com 60 anos ou mais, identificados como GII (geração II). Nesta parte, fizemos ajustes em relação a GII porque, conforme as leituras de Simões (2017) e de Oliveira (2019), identificamos o perfil dos imigrantes venezuelanos como jovens e em idade laboral e, por essa razão, entrevistamos a GII a partir de 36 anos ou mais, sendo possível encontrar em Chapecó (SC).

Na quarta dimensão (diassexual) os informantes estão compostos entre homem e mulher, uma vez que utilizamos os termos H (homem) e M (mulher) na descrição dos dados. Dessa forma, é possível comparar os comportamentos linguísticos nos dois gêneros. Para Paiva (2012), as diferenças mais notáveis entre uma fala masculina e uma fala feminina se situam pelo léxico, pois certas palavras são identificadas mais na fala de um homem do que na fala de uma mulher.

E por fim, na quinta dimensão (diatópico-cinética), apenas os informantes do grupo de controle estão divididos em grupos estáveis (topostáticos) e grupos móveis (topodinâmicos).

4.2 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

Os procedimentos da coleta de dados foram presenciais entre a entrevistadora e o informante. A coleta da amostra aconteceu em três locais: na casa da pesquisadora, na UFFS e na casa dos entrevistados. Neste último ambiente, aconteceram a maioria dos encontros, pois

sempre deixávamos o informante escolher o lugar em que se sentisse mais à vontade para realizar a entrevista.

Labov (2008) aconselha que o método básico para se obter dados confiáveis da fala de um indivíduo é por meio da entrevista individual gravada. Desse modo, muitas das entrevistas foram individuais, no entanto, cinco casais que faziam parte da mesma célula ou Cruz de Thun (1996) foram entrevistados juntos. Por esse motivo, além das entrevistas individuais, também houve entrevistas com casais (homem e mulher).

Uma vez interessado em participar, líamos ao participante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (doravante TCLE), para que tivesse ciência e concordância da sua participação na pesquisa. No decorrer da leitura explicávamos e esclarecíamos alguns pontos, conforme o avanço do texto. Ao finalizar o TCLE, perguntávamos se o indivíduo concordava com os critérios e as orientações que faziam parte do presente trabalho. Em caso afirmativo, o participante assinava o documento e, após concluir esta etapa (parte da coleta de dados), realizávamos a entrevista com as perguntas do questionário.

Vale ressaltar que essa seção faz parte do andamento da realização da coleta de dados. Apesar de ser vista como burocrática, ela é de extrema importância tanto para os investigadores, quanto para quem participa. Afinal, garante que o informante esteja ciente da sua participação e do procedimento da realização da pesquisa, desde que se sinta confortável para contribuir com suas observações, opiniões, ideias, críticas, etc.

Realizamos a coleta dos dados a partir da autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Para isso, realizamos a submissão do projeto para ser aprovado pelo CEP, pois a pesquisa envolve seres humanos e “os comitês de ética em pesquisa são instâncias essenciais para a garantia do respeito à dignidade da pessoa humana” (PAIVA, 2019, p. 18). A autora também ressalta que a questão da ética na pesquisa é uma preocupação recente em todas as áreas científicas. Em decorrência disso, o CEP aprovou o projeto em julho de 2022, sob o número do CAAE 59116422.5.0000.5564. A partir dessa autorização saímos a campo para realização das entrevistas. Destacamos que durante a espera para adquirir a efetivação do conselho de ética, mapeamos os informantes na cidade de Chapecó (SC) com o auxílio de pessoas próximas que ajudaram a encontrá-los ou simplesmente na indicação de algum conhecido que poderia participar.

4.3 INSTRUMENTO DA COLETA DE DADOS

O instrumento para a coleta de dados foi um questionário pluridimensional, como geralmente fazem nos estudos dialetológicos, geolinguísticos e sociolinguísticos. Para a elaboração do questionário não foi necessário construí-lo do zero, pela razão de ser um questionário adaptado do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF) elaborado por Krug (2013), conforme os objetivos desta pesquisa. O projeto ALCF constitui uma base de dados, de variedades minoritárias em contato com outras línguas.

O objetivo principal deste estudo é obter dados relacionados às crenças e as atitudes linguísticas de imigrantes haitianos e venezuelanos. Para isso, a entrevista foi dividida em duas etapas. No primeiro momento correspondia a parte da “conversa semidirigida”, ou seja, os informantes falavam de forma breve, em um contexto geral, sobre a família, como era no seu país de origem, como vieram para o Brasil, etc. Já no segundo momento, foi na aplicação do “questionário pluridimensional”, composto por 44 questões metalinguísticas, organizadas em 5 partes.

- 1) “Identidade, atitudes e crenças linguísticas”: dados dos informantes, como língua, permanência no local, contatos familiares, vivências, entre outros;
- 2) “Identificação de padrões identitários (variação e intensidade da identidade)”: questões sobre as identidades dos grupos étnicos;
- 3) “Papel da língua na constituição da identidade (relação da língua com outros ícones da cultura)”: a língua em relação aos outros ambientes culturais;
- 4) “Grau de bilinguismo dos informantes, da sua comunidade e o reconhecimento da identidade”: interferências ou não de uma língua na outra;
- 5) Análise cultural: “festas, costumes familiares e tradições”.

A leitura do questionário, principalmente a todos os informantes haitianos, aconteceu na língua portuguesa e, para os informantes venezuelanos, aconteceu na língua espanhola. Tínhamos sempre em mãos dois questionários em línguas diferentes. Já no questionário para o grupo de controle, elaboramos 12 perguntas (lidas) em português.

Para registrar nossa amostra utilizamos um gravador profissional portátil H2N ZOOM, que possui dupla entrada de microfone e permite usar um cartão de memória para armazenar e salvar todas as entrevistas realizadas, o que facilita nas transferências dos dados para o computador ou para qualquer outro dispositivo. Além desse instrumento, utilizamos o celular para as gravações, pois, em alguns casos, o gravador parava de funcionar por questões da

durabilidade das pilhas ou até mesmo, pelo manuseio e configuração do aparelho. Essa foi uma maneira encontrada para não haver interrupções nas conversas, pois muitas delas duraram mais de 30 minutos, chegando até duas horas de conversa.

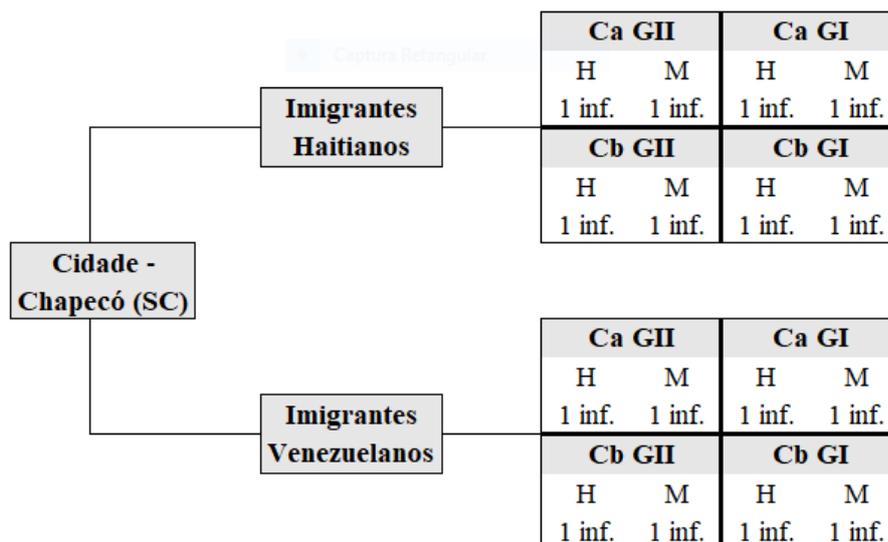
Silva (2012) aconselha que o investigador seja atencioso quando se trata de um gravador frente ao entrevistador, pois pode deixá-lo tímido. Assim, a autora sugere que o gravador fique longe dos olhos do falante para que ele possa falar à vontade. Portanto, durante as entrevistas, tentamos, na medida do possível, cuidar na exposição desses aparelhos.

4.4 PERFIL E SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Os informantes desta pesquisa são imigrantes haitianos e imigrantes venezuelanos que residem em diferentes partes na cidade de Chapecó (SC); já o grupo de controle são brasileiros também moradores de Chapecó (SC). Dessa forma, três grupos compõem nossa amostra. Para isso, todos os informantes seguiram os critérios estabelecidos pela DPR e, por assumir uma perspectiva plural e relacional, esta pesquisa segue os critérios de escolaridade, de faixa etária e de gênero.

Sendo assim, selecionamos as dimensões para cada grupo étnico. Para haitianos e venezuelanos, as dimensões foram: dimensão diastrática (4 informantes da Ca e 4 informantes da Cb); dimensão diageracional (4 informantes da GI e 4 informantes da GII); e dimensão diassexual (4 homens e 4 mulheres). No total, temos 16 informantes, sendo 8 haitianos e 8 venezuelanos. Representamos na Figura 5 a organização dos informantes baseada na Cruz, proposta por Thun (1996).

Figura 5 - Distribuição dos informantes Haitianos e Venezuelanos



Fonte: Thun (1996) adaptado por Oviedo (2023).

Imigrantes Haitianos: na seleção dos informantes haitianos, destacamos que todos os entrevistados da Ca eram alunos regulares da UFFS. O motivo disso é que a universidade era um ambiente conhecido para todos e podíamos aproveitar para mapear e convidar as pessoas desse local. Destacamos que não houve dificuldades para coletar os dados da Ca. No entanto, para coletar os dados da Cb, principalmente em relação às mulheres, muitas das que convidamos negaram a participação.

Para completar as entrevistas da Cb buscamos em diferentes lugares da cidade. Uma das estratégias foi ficar por um dia em frente a um supermercado do bairro, para abordar e convidar as pessoas a participarem da nossa pesquisa. O bairro em questão é o Efapi, o maior da cidade. De acordo com Zamaro (2021), a maioria dos haitianos que vivem em Chapecó moram nesse bairro por causa da mobilidade para trabalhar, já que as principais agroindústrias se encontram nesse espaço. Outro aspecto é pelo custo de vida ser mais barato que outros bairros da cidade.

No referido dia, das sete pessoas abordadas, apenas uma aceitou participar da entrevista, o CbGI-H. Também foram abordadas mulheres, mas nenhuma aceitou. Visto que as mulheres da Cb foram os dados mais difíceis e que levou mais tempo para coletar, acreditamos que isso seja em decorrência da língua, por não conseguirem se expressar muito bem na língua portuguesa, afinal, muitas delas tinham dificuldade em entender o que nós queríamos devido a expressão facial que faziam.

Para completar os dados da Cb (CbGII-H, CbGII-M e CbGI-M), tivemos indicações, ou seja, pessoas que indicavam e essas indicavam outras, até chegarmos ao informante com os critérios estabelecidos para esta pesquisa. Assim, foi possível entrevistar um casal da CbGII (da

mesma célula) e a informante CbGI-M por meio do contato com a escola, também localizada no mesmo bairro.

Sobre a dimensão diageracional dos informantes, na GI temos os falantes com 18 até 27 anos e na GII, informantes com 39 até 46 anos. Todos eles se encaixam no critério das faixas etárias. A coleta dos dados com esse grupo étnico começou em agosto até outubro de 2022 e as entrevistas duraram de 25 minutos até 1 hora de conversa. Outro critério estabelecido, era viver no Brasil no mínimo até 3 anos ou mais.

Imigrantes Venezuelanos: na seleção para os informantes venezuelanos, ressaltamos que todos os entrevistados da Cb foram informantes que vivem no bairro Efapi. Acreditamos que isso ocorra pelas mesmas razões apresentadas pela pesquisadora Zamaro (2021), pois muitos dos venezuelanos também trabalham nas agroindústrias. O contato com os informantes da Cb foi por intermédio da comunidade do bairro, de um trabalho voluntário e com a ajuda da Coordenadora da Pastoral da Criança do Migrante, visto que ela também faz parte do conselho comunitário da Igreja Colatto. Ela é responsável pela organização das doações para pessoas carentes, principalmente aos novos imigrantes venezuelanos que chegam à cidade e se estabelecem no bairro, não só esses, como pessoas de fora, mas também migrantes que chegam à procura de doações. Portanto, com esse contato conseguimos entrevistar todos da célula Cb.

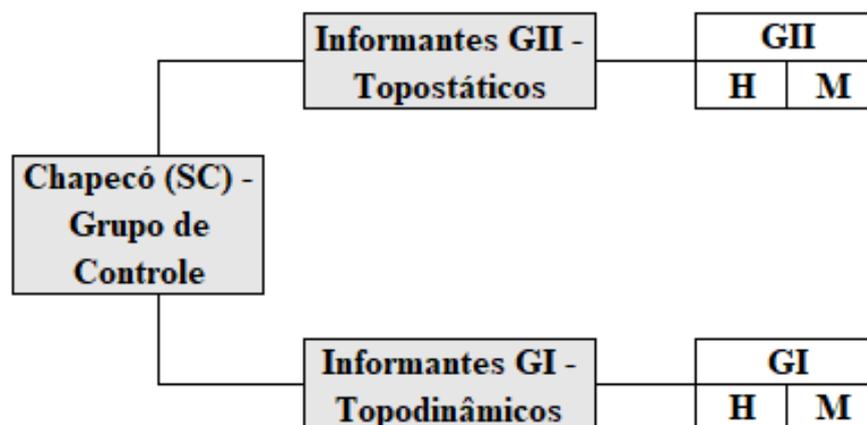
Com relação aos informantes da Ca, praticamente entrevistamos uma família inteira, ou seja, o pai e a mãe (formando o casal da CaGII) e os seus filhos (o casal da CaGI). O contato com esses informantes aconteceu por meio de indicação de uma conhecida que trabalha na BRF. Ao mapearmos essa família, através da troca de mensagens, verificamos que todos poderiam ser entrevistados. Todos eles trabalham em frigoríficos, menos o CaGII-H, e quase todos terminaram sua graduação na Venezuela – apenas a informante CaGI-M, começou sua faculdade no Brasil. Vale destacar que, apesar do fluxo migratório intensificado no extremo norte do país, a CaGII-M foi umas das primeiras venezuelanas a autenticar seu diploma de docente, pois ela também tem doutorado na área de formação, Biologia. Essa família veio de Manaus (AM) para Chapecó (SC) ainda na época da pandemia, pois ficaram desempregados devido a situação da Covid-19. Antes de chegar na cidade, fizeram uma investigação sobre o município e descobriram, por meio de grupos de rede sociais, que havia muita oportunidade de emprego nas agroindústrias. Assim, consideraram uma nova trajetória para todos da família, por razões que envolviam conseguir trabalho e uma casa para morar. Segundo os relatos, existe uma diferença sobre aluguéis em Manaus e em Chapecó, pois lá, eles negociam diretamente com o proprietário, enquanto que na cidade catarinense ocorre intermediação pelas imobiliárias, algo totalmente novo para os imigrantes.

Sobre a dimensão diageracional dos informantes, na GI temos os falantes com 21 até 31 anos e na GII, informantes com 43 até 63 anos e, portanto, todos se encaixam no critério das faixas etárias. A coleta dos dados com esse grupo étnico começou em agosto até setembro de 2022 e as entrevistas duraram de 25 minutos até 2 horas de conversa. O critério estabelecido para este grupo, viver no mínimo 1 ano ou mais no Brasil.

Ademais, ressaltamos que a coleta dos dados com os informantes venezuelanos foi mais fácil, pois todas as pessoas que convidamos, aceitaram e eram receptivas quando fazíamos o convite. Já na coleta de dados com os haitianos, tivemos mais dificuldades para finalizar, pois não encontrávamos os informantes com os critérios estipulados, principalmente em relação as mulheres da Cb.

Grupo de controle: Além desses informantes, entrevistamos um grupo de controle, composto por quatro informantes chapecoenses. Dessa forma, temos um casal da GII (um homem e uma mulher): sendo o homem com 53 anos e a mulher com 51 anos. E outro casal da GI (um homem e uma mulher): o homem com 49 anos e a mulher com 44 anos. As entrevistas foram realizadas em outubro e duraram em média 30 minutos. Portanto, o objetivo para a coleta dos dados com o grupo de controle é analisar suas perspectivas e visões diferentes. O casal mais velho (GII) são informantes aposentados, mas com pouco movimento no espaço e, por isso, Thun (1996) os conceitua como indivíduos “topostáticos”. Por conseguinte, temos o casal mais novo (GI), informantes trabalhadores que se movimentam muito no espaço e circulam com mais frequência na cidade, identificados como pessoas “topodinâmicas” (THUN, 1996). Na Figura 6 observamos a organização dos informantes.

Figura 6 - Distribuição dos informantes: Grupo de Controle.



Fonte: Thun (1996) adaptado por Oviedo (2023).

Em sua metodologia aplicada para o *Atlas Lingüístico Diatópico del Uruguay* (ADDU), Thun (1996) percebeu que seus informantes não coincidiam aos critérios diatópicos. A solução encontrada era dividir a dimensão diatópica em topostáticos e topodinâmicos, uma maneira de não omitir informações relevantes e por ser uma dimensão muito importante para um atlas linguístico. Portanto, como não foi possível encontrar um número suficiente de informantes que fossem nascidos e criados na mesma localidade, sendo considerado para Thun (1996) como uma “espécie sedentária”, isto é, sem movimentos, notou-se que existiam indivíduos que são *móvil* ou *muy móvil*, já que não havia mais grupos sedentários. Assim, “*colocamos a los relativamente móviles en nuestra categoría topostática e invente para los muy móviles el término de topodinámicos*” (THUN, 1996, p. 211).

Em síntese, nosso grupo de controle é composto por um casal Topostático e um casal Topodinâmico, com os quais temos o propósito de descrever a percepção sobre as crenças e as atitudes linguísticas em relação a imigração presente na cidade, neste caso, dos haitianos e dos venezuelanos. Um trabalho parecido e que também obteve dados sobre um grupo de controle foi desenvolvido pela pesquisadora Bernieri (2017), no qual foram relacionadas crenças de docentes a respeito da relação entre bilinguismo infantil e desenvolvimento escolar.

4.5 SELEÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS

Como já mencionado anteriormente, todos os dados que compõem esta pesquisa foram coletados por meio de entrevistas com informantes na cidade de Chapecó (SC). Ao finalizar a coleta dos dados, iniciamos as análises e organizamos os dados obtidos, conforme cada grupo étnico, tema, questão analisada, etc. Scherre e Naro (2012) ressaltam que essa parte é necessária, pois “[...] quanto maior for a organização na forma de levantar os dados, tanto menor será a margem de erro” (SCHERRE; NARO, 2012, p. 155).

Para ajudar na decodificação e na visualização dos dados levantados, utilizamos como modelo o Quadro 2²⁶, principalmente com o intuito de compreender as informações de cada grupo entrevistado.

Quadro 2 - Modelo de quadro utilizado nas análises

26 Informamos que o modelo do Quadro 2 é o mesmo que aparece ao analisarmos a pergunta 03 (Quadro 6).

| Haiti | | | | Venezuela | | | | Legenda: Haiti | |
|-------|---|------|---|-----------|---|------|---|--------------------|--------------------|
| CaGII | | CaGI | | CaGII | | CaGI | | ● | Crioulo |
| H | M | H | M | H | M | H | M | ◐ | Crioulo/Português |
| ● | ◐ | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ◑ | Crioulo/Francês |
| CbGII | | CbGI | | CbGII | | CbGI | | Legenda: Venezuela | |
| H | M | H | M | H | M | H | M | ● | Espanhol |
| ● | ◐ | ◐ | ◐ | ◐ | ● | ● | ● | ◐ | Espanhol/Português |

Fonte: Oviedo (2023).

Portanto, os resultados obtidos estão transcritos em forma de cruz, conforme os estudos de Thun (1996, 2005), na qual fizemos uma adaptação para melhor visibilidade para esta pesquisa. No Quadro 2, à esquerda, vemos as informações dos informantes haitianos, já à direita, temos as informações dos informantes venezuelanos. Ainda no Quadro 2, apresentamos a legenda de cada grupo, utilizando a fonte Kiel Símbolos para transcrever os dados na Cruz. Dessa forma, Thun (2005) afirma que o uso de símbolos é uma maneira de facilitar a visualização da amostra.

A apresentação do quadro em forma de Cruz está de acordo com Thun (1996, 1998), no qual representamos quatro compartimentos por uma linha horizontal e uma vertical (inclusive, colocamos as linhas mais destacadas para notar as duas cruzes). Dessa maneira, os grupos:

socioculturalmente altos (Ca: clase alta) ocupan las dos castillas superiores de la cruz, estando las dos castillas inferiores reservadas a los grupos socioculturalmente bajos (Cb: clase baja). El palo vertical de la cruz separa a los grupos de generación anciana (GII) de los grupos de la generación joven (GI) (THUN, 1998, p. 711).

Além da apresentação dos quadros, também usamos tabelas e transcrições das falas dos informantes, quando for o caso, visto que algumas perguntas do questionário são objetivas e outras subjetivas, sendo que na última o informante relata com mais detalhes as suas situações e suas experiências.

4.6 ASPECTOS PARA MENSURAR AS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS.

Kaufmann (2011), afirma que a sociolinguística estuda o comportamento linguístico a partir de um ponto de vista sociológico e através dos estudos sobre as atitudes pode-se explicar esse comportamento. Para Lasagabaster (2004), também apresenta essa mesma ideia, ou seja,

que a atitude é uma forma de explicar o comportamento humano, pois as atitudes são consideradas como humanas e sociais.

Conforme os autores Lambert e Lambert (1981), as atitudes determinam nosso comportamento, já que elas podem influenciar em qualquer situação ou acontecimento no ambiente, por exemplo, influenciam nossas ideias, pensamentos, percepções sobre o outro, influenciam no ensino-aprendizagem, influenciam os grupos que fazemos parte, etc. Dessa forma, os primeiros estudos e métodos sobre as crenças e atitudes surgiram com a psicologia social, seguindo uma abordagem de significado social, por essa razão estudar as atitudes em uma certa comunidade não pode ser analisada como uma forma isolada no âmbito de grupos (KAUFMANN, 2011). Portanto, Lasagabaster (2004) afirma que a atitude é um conceito sociopsicológico e não pode ser observada e medida em forma objetiva e direta, ainda segundo o mesmo autor:

Não há dúvidas de que as atitudes são diretamente influenciadas por fatores ambientais, excepcionalmente poderosos, como a família, o trabalho, a religião, os amigos ou a educação, a ponto de as pessoas ajustarem suas atitudes de acordo com aquelas que são mais predominantes nos grupos sociais a que pertencem (LASAGABASTER, 2004, p. 399).

Como existem duas abordagens metodológicas para estudar as crenças e as atitudes linguísticas, ou seja, a mentalista e a comportamentalista, conforme Vandermeeren (2005), a maioria dos sociolinguistas utilizam a abordagem mentalista para descrever as crenças e atitudes linguísticas em seus trabalhos, como por exemplo, Silva e Aguilera (2014) e Corbari (2012), inclusive elas detalham que a metodologia foi baseada nas técnicas de *Matched Guise Technique* (falsos pares) de Lambert e Lambert (1981), com intuito de medir as atitudes através dos três componentes que envolve esta abordagem.

Moreno Fernández (2009), cita em sua obra, o sociolinguista Humberto López Morales, na qual ele traz a ideia que as crenças e atitudes linguísticas representam somente um componente: o conativo. Assim, faz a separação do conceito de “crença” e do conceito de “atitude”, considerando-os em diferentes níveis. A “crença” está integrada aos elementos cognoscitivos e afetivos. Já as “atitudes” estão formadas por comportamentos que podem ser: positivos, de aceitação ou, negativas, de rejeição. Desse modo, López Morales defende que as crenças são um fator determinante para as atitudes, ou seja, as crenças estão em uma categoria maior, pois é a partir das crenças que pode determinar o comportamento dos indivíduos, por exemplo, “os valores, os julgamentos, as opiniões que uma pessoa tem sobre os outros, sobre o mundo e sobre

si mesma. Elementos esses carregados de informações e de sentimentos que, geralmente, vão produzir atitudes” (BOTASSINI, 2015, p. 117).

Desse modo, as abordagens metodológicas da psicologia social, de certa forma apresentam suporte para os estudos sociolinguísticos, pois é possível realizar adaptações conforme cada pesquisa, ainda assim, Vandermeeren (2005), destaca que ambas as áreas, dos sociopsicólogos e dos sociolinguistas, encaram de perto alguns problemas conceituais e metodológicos, como Kaufmann (2011, p. 128) alega: “problemas práticos no levantamento e na medição de atitudes”.

Dessa forma, Kaufmann (2011), apresenta sugestões, por exemplo, destaca que devemos adequar a complexidade dos questionários para os informantes, pois em nossas pesquisas (sociolinguísticas) devemos aplicar questionários menos detalhados para entender os contextos do mundo real. Queremos ressaltar que, o fato de realizarmos as entrevistas na língua espanhola, ajudou para uma aproximação maior com os informantes venezuelanos, pois tínhamos em comum, o espanhol. Diferente com os informantes haitianos, na qual todas as conversas fluíram somente em português, por isso, acreditamos que durante a coleta dos dados, principalmente com as mulheres haitianas tenha sido mais difícil de finalizar as entrevistas, pois a conversa era somente em português, ou seja, não tínhamos a língua como algo em comum ou próximo.

Outro ponto destacado pelos autores Kaufmann (2011) e Moreno Fernández (2009), é que existem dois métodos para medir as atitudes: medidas implícitas (indiretas) e medidas explícitas (diretas). A medida direta, estuda diretamente a atitude do informante para com o objeto em questão, já a medida indireta, estuda o vínculo entre atitudes e comportamento linguístico (KAUFMANN, 2011). Temos como exemplo na medida indireta, a técnica *Matched Guise Technique* (falsos pares) de Lambert, no entanto, Kaufmann (2011), alerta que para utilizar essa metodologia exige muita preparação para ser aplicada na pesquisa de campo, apesar de alguns trabalhos seguirem os passos dessa técnica, como já mencionados anteriormente, porém, para esta pesquisa utilizamos um questionário pluridimensional com perguntas que norteiam não só questões sobre as crenças e atitudes linguísticas, mas aborda questões sobre informações gerais do informante, como: família, religião e vários outros temas que analisamos conforme nossa amostra.

Percebemos então de maneira geral que, estudar as crenças e atitudes linguísticas exige uma atenção especial, Kaufmann (2011) afirma que se o interesse é estudar as atitudes e comportamento linguístico, deve-se aplicar medidas implícitas, para Moreno Fernández (2009), essa medida se aplica sem que o falante tenha consciência qual é o objeto de interesse (a ati-

tude). Outro ponto que queremos destacar que as teorias apresentadas e suas abordagens metodológicas se complementam, pois como já apresentamos anteriormente, para Lambert e Lambert fala que as atitudes são formadas pelos pensamentos, pelos sentimentos, as tendências de reagir a pessoas, grupos e a qualquer acontecimento no ambiente. Já para López Morales (*apud* MORENO FERNÁNDEZ, 2009), a atitude está associada ao comportamento do falante, por condutas que podem ser positivas ou negativas.

Para finalizar, nesta pesquisa tomamos como método para mensurar as crenças e atitudes linguísticas a partir de uma visão comportamental, ou seja, uma conduta, uma reação ou resposta frente a uma variedade linguística, que pode ser, tanto positiva, aceitação ou negativa, de negação.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos as análises dos dados coletados com os informantes imigrantes haitianos e venezuelanos que residem na cidade de Chapecó (SC). Os dados foram coletados a partir de um questionário pluridimensional.

Primeiramente, analisamos os dados dos haitianos e, na sequência, dos venezuelanos. Primeiramente, vamos analisar a conversa semidirigida com os dois grupos étnicos e logo após, para a análise do questionário, na qual estes dados são distribuídos em cinco partes: (1) descrição da identidade, das atitudes e das crenças linguísticas de cada grupo; (2) identificação dos padrões identitários; (3) constituição da identidade linguística; (4) grau de bilinguismo e identidade; (5) questões sobre festas, costumes familiares e tradições. Ao finalizar estas análises, descrevemos e analisamos a amostra sobre o grupo de controle.

6.1 CONVERSA SEMIDIRIGIDA

Iniciamos as entrevistas com uma conversa semidirigida, com finalidade de conhecer um pouco sobre a família, sobre o país de origem, como veio para o Brasil, etc. Dessa forma, os informantes dos dois grupos étnicos contextualizam de forma geral e breve nessa primeira parte da coleta dos dados, por esse motivo, apresentamos resumidamente o que cada grupo falou sobre esse assunto.

Haitianos: muitos comentaram sobre o terremoto que aconteceu em 2010, pois deixou grandes desastres, isso fez com que saíssem de seu próprio país em busca de sobrevivência e uma vida melhor. Outros, vieram para o Brasil por causa das oportunidades de trabalho e pelo apoio dos próprios líderes governamentais, como nos conta o informante CbGII-H: “[...] chegamos aqui por causa do terremoto, quando passou lá no Haiti, ano 2010, então o governo aqui no Brasil dá essa oportunidade pra nós”. Também comentaram que muitos vieram sozinhos e após um tempo, começaram a chegar no Brasil seus familiares, por exemplo, esposas, filhos, pais, etc. Hoje muitos vivem rodeados de pessoas da própria família. Vale destacar que a maioria dos informantes ainda tem contato com os seus familiares que ficaram no Haiti, alguns inclusive, falaram sobre a vinda de outros parentes para viver junto com eles. Alguns jovens falaram que a vinda para o Brasil foi exclusivamente para estudar e justamente encontraram

essa oportunidade em Chapecó, na UFFS, através do programa ProHaiti. Relataram que as pessoas brasileiras são receptivas e ajudam, por exemplo, para que possam conseguir trabalho, moradia, etc. Alguns entrevistados já viveram em outros países, por exemplo, Equador e Peru, antes de vir para o Brasil. Nesta parte da conversa observamos que muitos informantes sentem saudades do seu país, dos seus familiares e amigos que ficaram por lá, notamos isso através da voz e da emoção, durante os seus relatos. Para finalizar, realçamos que a conversa semidirigida com os haitianos vai de encontro com a contextualização que apresentamos sobre o Haiti no início deste trabalho.

Venezuelanos: muitos falaram como foi sua trajetória para chegar no Brasil, que enfrentaram dificuldades, alguns fizeram seu trajeto como mochileiros até chegar à fronteira terrestre de Santa Elena de Uairén, na Venezuela, e Pacaraima, no Brasil, na qual muitos foram acolhidos com abrigo neste município, de acordo com a informante CbGI-M relata como foi seu percurso: “[...] *vinimos como mochilero [...] junto con mis 3 hijos, tenía mi bebé de 2 meses [...] caminamos desde Puerto Ordaz hasta Pacaraima, duramos casi un mes en la vía, pero bueno, la llegada fue un poco difícil para nosotros, pues [...] veníamos sin recursos [...]*”. Geralmente estavam acompanhados por um ou mais membros da família e atualmente todos mantêm contato com seus parentes que ficaram por lá. Alguns chegaram a abandonar e até mesmo, vender seus pertences na Venezuela, como, casas, carros, móveis, etc, para sair do país, devido a situação econômica e a crise que estavam enfrentando. Alguns deles se mudaram de Pacaraima (RR) para outras localidades, como, Boa Vista (RR) e Manaus (AM), com objetivo de conseguir emprego e oportunidades, também falaram que deslocaram-se para Chapecó (SC) por meio de uma interiorização realizada pelo exército brasileiro, outros chegaram através das informações sobre o município e pelas possibilidades, principalmente de trabalho, alguns inclusive relataram que a variedade do português falada aqui na região é mais fácil de compreender que a variedade falada na região norte do país. Comentaram que os brasileiros foram receptivos com a chegada deles e se sentem acolhidos vivendo aqui. Também observamos durante as entrevistas que muitos sentem saudades dos seus membros familiares e de seu país. Em resumo, a conversa semidirigida com os venezuelanos também vai de encontro com a contextualização que apresentamos no primeiro capítulo.

Queremos ressaltar que em todas as entrevistas não aconteceu nenhuma situação que fosse necessário interromper ou parar as gravações, pelo fato de lembrarem das suas experiências, sentimentos, emoções, lembranças, etc. Portanto, caso alguma situação viesse a acontecer, iríamos parar a gravação e auxiliar/amparar o informante nesse momento e perguntar se gostaria de prosseguir ou não, com a sua participação, conforme o procedimento do TCLE. Por isso que,

quando destacamos que eles se sentiram emocionados ou afetivos nesta primeira parte da entrevista, consideramos como algo momentâneo da conversa, pois não apresentaram maiores sentimentos que levassem a interromper a entrevista.

6.2 PRIMEIRA PARTE: IDENTIDADE, ATITUDES E CRENÇAS LINGUÍSTICAS

Para a primeira parte do questionário metalinguístico, analisamos os dados obtidos da 1ª até a 23ª pergunta. Iniciamos investigando a Questão 1, que diz respeito ao tempo que o informante reside no Brasil, isto é, buscamos verificar o tempo que esses imigrantes estão vivendo no país, como observamos no Quadro 3:

Quadro 3 - Questão 1: Quanto tempo você reside no Brasil?

| Haitianos | | Venezuelanos | |
|------------------|--------------|---------------------|-------------|
| CaGII-H | + de 10 anos | CaGII-H | 3 anos |
| CaGII-M | 5 anos | CaGII-M | 4 anos |
| CaGI-H | 7 anos | CaGI-H | 3 anos |
| CaGI-M | 3 anos | CaGI-M | 4 anos |
| CbGII-H | 9 anos | CbGII-H | 3 anos |
| CbGII-M | 7 anos | CbGII-M | 5 anos |
| CbGI-H | 6 anos | CbGI-H | 5 anos |
| CbGI-M | 4 anos | CbGI-M | 1 e 8 meses |

Fonte: Oviedo (2023).

Com essa amostra identificamos que os imigrantes venezuelanos estão há menos tempo vivendo no Brasil se comparados aos imigrantes haitianos. Isso porque, o informante haitiano (CaGII-H) vive no país há mais de 10 anos, enquanto que os informantes venezuelanos com mais tempo (CbGII-M, CbGI-H) não residem há mais de 5 anos no Brasil.

A partir dessas informações, destacamos que em 2004 o Haiti esteve à beira de uma guerra civil. Por causa desta e de outras adversidades em que o país se encontrava, foi necessário acionar a ONU para uma Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH). Dessa forma, a MINUSTAH esteve sob a supervisão das forças militares brasileiras com o

objetivo de “estabelecer a paz” no Haiti. De acordo com Rezende (2012), o Brasil sempre se mostrou participativo nas operações de paz, pois “[...] esteve presente em 66% das missões de paz da ONU – um número aparentemente alto” (REZENDE, 2012, p. 121).

Nessa perspectiva, acontece uma certa aproximação dos *bon bagay*²⁷ com o povo haitiano. Isso se intensificou ainda mais após o terremoto de 2010, principalmente depois das autoridades brasileiras declararem “[...] apoio humanitário e disposição para prestar acolhimento aos cidadãos haitianos que desejassem migrar para o Brasil” (PIMENTEL; COTINGUIBA, 2014, p. 78). Com base nisso, acontece um fluxo migratório de haitianos ao Brasil.

Os mesmos autores, Pimentel e Cotinguiba (2014), destacam que a imigração de haitianos no Brasil não se justifica, exclusivamente, pelos desastres naturais que aconteceram no Haiti. A presença dos militares brasileiros ajudou nessa ponte entre Brasil e Haiti, fazendo um “referencial no imaginário dos cidadãos haitianos” (MORAES *et al.*, 2013, p. 102). Outros motivos que podem explicar essa referência é que muitos haitianos escolheram o Brasil, porque alguns produtos alimentícios e empresas construtoras se fazem presente naquele país. Além disso, cria-se a ideia de que no Brasil a situação econômica está muito boa, além dos haitianos gostarem muito do futebol e, inclusive, torcerem pelo nosso país (ZAMBERLAM *et al.*, 2014).

Sobre a Venezuela, destacamos que sua imigração é mais recente se comparada à haitiana. Alguns autores a classificam como uma migração rápida e com deslocamento em um curto espaço de tempo (OLIVEIRA, 2019). O fluxo migratório para o Brasil começou em 2015, com uma maior intensidade em 2017 e em 2018. O motivo desse deslocamento migratório, deu-se a partir da crise econômica venezuelana com a queda e a desvalorização do preço do petróleo, o que posteriormente também afetou na vida e no dia a dia dos venezuelanos com a falta de alimentos e de serviços básicos de saúde e também a alta inflação. Outro fator importante nesse cenário foi a liderança política da época. Dessa forma, o que parecia ser, inicialmente, apenas uma crise econômica, desencadeou em uma crise nas esferas políticas e sociais. Como resultado, tem-se uma crise humanitária e por violar os direitos humanos, os venezuelanos saem do seu país para sobreviver e se refugiarem em outro.

As emigrações haitianas e venezuelanas se delineiam em um mesmo caminho, isto é, as pessoas saíram do seu próprio país para ao menos dispor de uma vida digna. Apesar das dificuldades e das imprevisibilidades encontradas, muitos fazem seus projetos no Brasil, mesmo

27 Expressão em crioulo haitiano com significado de “gente boa”, para se referir aos militares brasileiros (ZAMBERLAM *et al.*, 2014).

sendo de curto ou de longo prazo. Outros ainda estão na sua busca diária e partem para outras terras, conseguindo o apoio de comunidades, de ONGs, de igrejas, entre outros, para reestruturar a vida em solo brasileiro (SILVA, 2017, p. 113).

Quando perguntamos aos informantes haitianos como e onde aprenderam o português (Questão 2), coletamos as informações apresentadas no Quadro 4.

Quadro 4 - Questão 2: Como e onde aprendeu o português? (Para haitianos)

| HAITIANOS | | | | | | |
|------------------|--------|----------|--------|--------------|--------|--------|
| | Escola | Trabalho | Na Rua | Com Vizinhos | Igreja | Outros |
| CaGII-H | X | | | | | |
| CaGII-M | X | | | | | |
| CaGI-H | | | | | | X |
| CaGI-M | | | | | | X |
| CbGII-H | | X | | | X | |
| CbGII-M | X | X | | | X | |
| CbGI-H | X | | | | | X |
| CbGI-M | X | | | | | X |

Fonte: Oviedo (2023).

Referente às respostas inquiridas, observamos que a classe alta da geração velha (CaGII-H e CaGII-M) aprenderam o português na escola. O informante CaGII-H aprendeu o português na escola, mais especificamente ao ingressar na faculdade. Já a informante CaGII-M, ao chegar no Brasil, participou de um curso de língua portuguesa ofertado aos estrangeiros gratuitamente pela UFFS, no qual se visava aprender a se comunicar melhor na língua, ou seja, um curso de português brasileiro para falantes de outras línguas e com vários níveis de proficiência²⁸.

A classe baixa da geração velha (CbGII-H e CbGII-M) aprendeu o português no trabalho e ao frequentar a igreja. Apenas a informante CbGII-M, após um tempo, frequentou um curso de português. Dessa forma, fica claro que tanto a classe alta, quanto a baixa da geração velha procuraram instrução para aprender uma língua estrangeira. A única diferença é que a classe baixa aprendeu o português no seu cotidiano, isto é, no trabalho, na igreja e no contato com as

28 Os cursos são voltados à comunidade acadêmica e externa. Para conhecer o funcionamento dos cursos ofertados, basta acessar: <https://www.uffs.edu.br/institucional/reitoria/agiitec/relacoes-internacionais/proficiencia/curso-de-linguas>. Acesso em: 08 mar. 2023.

peessoas. Já a classe alta da geração nova (CaGI-H e CaGI-M) utilizou a internet como uma possibilidade para adquirir a língua, conforme relatam os informantes:

Quando eu cheguei em Minas, eu até procurei, né, uma escola pra [...] ir lá pra pagar aprender a língua e não consegui achar. E de fato que eu tive que aprender sozinho no YouTube, né? Eu tive que usar esses recursos, né? Que eu tinha naquele período, né? Eu aprendi as palavras todo dia, eu tinha uma meta, né? Pra aprender trinta palavras por dia, né? Isso funcionou [...] eu aprendi as palavras e daí, por isso que de manhã cedo, né? Que a minha, minha memória tá mais fresca, né? (CaGI-H).

[...] eu fiz curso online pra aprender a falar o português, aprender também no YouTube, no trabalho, olhar alguns filme no Netflix, um pouquinho de tudo pra poder conseguir falar (CaGI-M).

Observamos que os informantes citados procuram aprender a língua, demonstram esse interesse e buscam os recursos para isso. Por exemplo, o informante CaGI-H destacou durante a entrevista que procurou um curso particular, mas que naquele momento não foi possível pela questão de valores. Assim, sua única estratégia foi usar o YouTube para ter acesso aos vídeos e para aprender todos os dias um pouco do português, pois ele tinha uma meta diária. Destacou também que usava muito o dicionário e que se expressava em inglês para melhorar o seu português. Após um período, começou a frequentar a igreja para aprender ainda mais a língua e facilitar esse processo de aquisição de uma LE. A informante CaGI-M também utilizou da internet como recurso para aprender a língua portuguesa, tendo acesso às plataformas como Netflix, YouTube e cursos online.

Na classe baixa da geração nova, o informante CbGI-H destacou que aprendeu o português sozinho: “Peguei o computador e o celular comecei a escrever e traduzir. Assim que eu comecei a aprender. Depois eu fui no curso de português ali no centro [...] pela prefeitura (CbGI-H)”. Já com a informante CbGI-M, aprendeu o português frequentando a escola básica, pois como ela ainda não tinha concluído o ensino médio no Haiti, deu continuidade com os estudos no Brasil e por esse motivo aprendeu o português na escola, em contato com colegas e professores. Outro ponto ressaltado por ela foi o uso de vídeos na internet para aprender o português básico.

Assim, os dados mostram que os jovens de classe alta e de classe baixa procuram outras formas de aprender uma língua, além das opções apresentadas no Quadro 4. Por isso, o uso da internet com acesso às páginas que podem auxiliar na aprendizagem de uma língua estrangeira e é uma boa alternativa para o momento de dificuldades ao se viver em outro país.

Dando continuidade à Questão 2, agora com os dados dos informantes venezuelanos, perguntamos como e onde aprenderam o português, conforme o Quadro 5.

Quadro 5 - Questão 2: Como e onde aprendeu o português? (Para venezuelanos)

| VENEZUELANOS | | | | | | |
|--------------|--------|----------|--------|--------------|--------|--------|
| | Escola | Trabalho | Na Rua | Com Vizinhos | Igreja | Outros |
| CaGII-H | X | | | | | |
| CaGII-M | X | | | | | |
| CaGI-H | X | | | | | |
| CaGI-M | X | | | | | X |
| CbGII-H | | X | | | | |
| CbGII-M | | | X | X | | |
| CbGI-H | | X | X | | X | |
| CbGI-M | | | X | | | |

Fonte: Oviedo (2023).

De acordo com as informações, vemos nitidamente que todos da classe alta buscaram a escola, mais especificamente um curso para aprender a língua portuguesa. Para a informante CaGII-M foi por meio de um curso promovido pela igreja católica. Já a informante CaGI-M, além de aprender no decorrer do seu dia a dia, encontrou uma maneira muito acessível para aprender a língua, através de um aplicativo gratuito conhecido como Duolingo²⁹ que pode ser acessado por meio de um celular e que facilita o modo de aprendizagem de uma LE. Conforme as entrevistadas:

Mira el portugués lo aprendí, fue en Manaus, [...] portuespañol [...] y entonces [...] cuando llegué aquí en Manaus [...] no llega siendo nadie. ¿Sino de aprender? Entonces [...] llegamos, conocimos Carita que es una cuestión de la Iglesia católica [...] yo fui para allá por medio de un venezolano que también nosotros conocimos [...] hicimos un curso de portugués. [...] Y yo a veces me encuentro difícil [...] voy a hablar, entonces me quedo así [...] viendo a la gente a los lados “¿Ahí será que hablo mal?” [...] (CaGII-M).

Todo un poco [...] desde el inicio en Duolingo [...] un aplicativo [...] para aprender ciertas cosas y uno tener la idea de que es la palabra y todo eso. Después el día a día en el lugar, en Manaus porque no sabía y me decía, yo tenía que escuchar bien detalladamente para poder aprender y así en todos [...] hasta que hice un curso y conseguí aprender (CaGI-M).

29 Duolingo é um *site* e aplicativo móvel de aprendizado de idiomas. Os usuários praticam vocabulário, gramática e pronúncia usando repetição espaçada. Os exercícios podem incluir tradução escrita, compreensão de leitura e fala e histórias curtas. Mais informações sobre o aplicativo estão disponíveis em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Duolingo>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Na citação, percebemos certa preocupação da informante CaGII-M por se considerar como uma “ninguém” ao chegar em um ambiente diferente, neste caso, estar em outro país. Devido a essa situação, ela buscou aprender a língua por intermédio do curso de português, mas mesmo assim, em algumas circunstâncias do seu dia a dia, a sua comunicação com as demais pessoas chega a ser complicada, sendo um “portuespañol”. Já os informantes CaGII-H e CaGI-H afirmaram que no primeiro dia em Manaus (AM), quando chegaram ao Brasil, já frequentaram o curso de português. Isso só foi possível porque os familiares que já viviam no Brasil realizaram a matrícula e todos da família fizeram o curso juntos.

Na classe baixa, constatamos que os informantes aprenderam o português em quatro situações: no trabalho, na rua, com os vizinhos e na igreja. Percebemos que a maioria aprendeu a língua portuguesa na rua, como no caso da informante venezuelana CbGI-M. Nas palavras dela: “*Portugués más o menos lo aprendí a hablar en la calle prácticamente*” (CbGI-M). Da mesma forma, o informante venezuelano CbGI-H disse que: “*De todo un poco, en la calle, a veces [...] iba pa’ iglesia también, tenía sociedad con brasilero, aprendí un poco [...]*” (CbGI-H). Ao dizer que “*tenía sociedad con brasilero*”, o informante CbGI-H refere ao trabalho, ou seja, no mesmo ambiente tinha o contato com os brasileiros.

Com base nos dados dos informantes haitianos e venezuelanos constatamos que os haitianos da classe alta da GII e da classe baixa da GII e da GI buscaram escolas ou cursos de português para aprender a língua. Todavia, somente os da geração nova, classe alta e classe baixa utilizaram a internet e as plataformas on-line para adquirir a língua portuguesa. Já com relação aos informantes venezuelanos, apenas os da classe alta frequentaram cursos de português, enquanto que os da classe baixa aprenderam em situações de contato, ou seja, no trabalho, na rua, na igreja, entre outros.

Na sequência, perguntamos aos informantes a Questão 3, sobre a língua que costumam falar na família, ou seja, com os filhos, mães, pais, esposas, maridos etc. Os dados podem ser vistos no Quadro 6:

Quadro 6 – Questão 3: Que língua costuma falar na família?

| Haiti | | | | Venezuela | | | | Legenda: Haiti | |
|-------|---|------|---|-----------|---|------|---|--------------------|---------------------------|
| CaGII | | CaGI | | CaGII | | CaGI | | ● | <i>Crioulo</i> |
| H | M | H | M | H | M | H | M | ◐ | <i>Crioulo/Português</i> |
| ● | ◐ | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ◑ | <i>Crioulo/Francês</i> |
| CbGII | | CbGI | | CbGII | | CbGI | | Legenda: Venezuela | |
| H | M | H | M | H | M | H | M | ● | <i>Espanhol</i> |
| ● | ◐ | ◐ | ◐ | ◐ | ● | ● | ● | ◐ | <i>Espanhol/Português</i> |

Fonte: Oviedo (2023).

Do lado haitiano, verificamos que o crioulo é a língua mais falada no âmbito familiar, apesar da presença do português e do francês. Ainda, percebemos que a classe alta costuma falar somente o crioulo com seus familiares, uma vez que apenas a informante CaGII-M usa o crioulo e o português. Já a classe baixa fala o crioulo junto com o português e o francês.

Além dessas informações, notamos que as mulheres falam mais o crioulo e o português com seus familiares, são elas: CaGII-M, CbGII-M e CbGI-M. Para exemplificar, a informante CbGI-M responde: “Eu falo crioulo com a minha família, mas às vezes eu falo português, tem coisa que eu vou falar português, às vezes também, eu só sei em inglês ou em francês [...]”. Segundo essa informante, às vezes fala um pouco do inglês e do francês por não saber alguma palavra na sua língua materna e por esse motivo utiliza as quatro línguas no ambiente familiar: o crioulo, o português, o inglês e o francês. Para finalizar, ela afirma que, como “[...] é uma mistura, tem várias línguas, todos os dias [...]” (CbGI-M). Um ponto relevante a ser destacado sobre essa jovem é que ela foi a única informante a dizer que fala mais de duas línguas no círculo familiar e que ela aprendeu o inglês na escola no Haiti e depois no Brasil sozinha, ao ouvir músicas, ler e assistir filmes na língua inglesa.

Do lado venezuelano, ao somarmos as oito respostas, sete falam somente o espanhol com seus familiares e um informante (CbGII-H) fala o espanhol e o português por causa dos filhos que frequentam a escola e estão aprendendo a língua portuguesa. Assim, CbGII-H fala em português para auxiliar na aprendizagem e na aquisição da língua.

Se compararmos a amostra das duas cruces do Quadro 6, tanto os haitianos quanto os venezuelanos não deixaram de falar suas línguas minoritárias, mesmo vivendo em outro país. O português se mostra presente no sistema familiar dessas pessoas, mas elas não deixaram completamente sua língua para falar somente o português com os seus filhos, suas esposas, seus maridos, seus pais, etc. Isso também mostra que os haitianos, por estarem vivendo no Brasil há mais tempo (como foi discutido anteriormente), não deixaram sua língua, pois ainda se comunicam em crioulo e em francês.

Para confirmar as respostas dados pelos informantes, perguntamos no decorrer das entrevistas “Qual era a língua mais falada no lar?” e obtivemos depoimentos divergentes. Dos informantes haitianos: a CaGII-M havia dito que era o crioulo/português, mas nesta questão afirmou ser o francês a língua mais falada no lar; já o CbGI-H disse que costumava falar na família o crioulo/francês, porém no lar, afirmou ser português/crioulo. Já sobre os informantes venezuelanos, somente o CaGII-H afirmou que costumava falar em família o

espanhol/português por causa dos filhos, mas a língua mais falada no lar era o espanhol. Conforme as anotações do caderno de campo, a explicação encontrada é de que o informante vive com mais de uma família venezuelana na mesma casa e, portanto, há mais pessoas que falam apenas essa variedade linguística.

Com relação às questões 4 e 5, abordamos o sentimento de nacionalidade. Para a Questão 4, buscamos verificar, a partir dos dados, se os informantes se sentem mais brasileiros ou mais haitianos/venezuelanos. As respostas são apresentadas no Quadro 7.

Quadro 7 - Questão 4: Como se sente, mais brasileiro ou mais haitiano? (Para haitianos);
Como se sente, mais brasileiro ou mais venezuelano? (Para venezuelanos)

| Haiti | | | | Venezuela | | | | Legenda: Haiti | |
|-------|---|------|---|-----------|---|------|---|--------------------|-------------------------------|
| CaGII | | CaGI | | CaGII | | CaGI | | ● | <i>Haitiano</i> |
| H | M | H | M | H | M | H | M | ◐ | <i>Haitiano/Brasileiro</i> |
| ○ | ● | ● | ● | ◐ | ◐ | ◐ | ◐ | ○ | <i>Brasileiro</i> |
| CbGII | | CbGI | | CbGII | | CbGI | | Legenda: Venezuela | |
| H | M | H | M | H | M | H | M | ● | <i>Venezuelano</i> |
| ◐ | ◐ | ● | ● | ◐ | ○ | ◐ | ● | ◐ | <i>Venezuelano/Brasileiro</i> |
| | | | | | | | | ○ | <i>Brasileiro</i> |

Fonte: Oviedo (2023).

Já na Questão 5, questionamos os informantes haitianos e os informantes venezuelanos se eles já se sentiam totalmente brasileiros e qual(is) era(m) o(s) motivo(s) para tal sentimento. As respostas desta pergunta são apresentadas no Quadro 8. Ademais, apesar dos dados serem expostos nos Quadros 7 e 8, as análises das respostas obtidas por ambos os grupos foram feitas em conjunto.

Quadro 8 - Questão 5: Você já se sente brasileiro? Por quê?

| Haiti | | | | Venezuela | | | | Legenda: Haiti | |
|-------|---|------|---|-----------|---|------|---|--------------------|------------|
| CaGII | | CaGI | | CaGII | | CaGI | | ● | <i>Sim</i> |
| H | M | H | M | H | M | H | M | ○ | <i>Não</i> |
| ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | | |
| CbGII | | CbGI | | CbGII | | CbGI | | Legenda: Venezuela | |
| H | M | H | M | H | M | H | M | ● | <i>Sim</i> |
| ● | ● | ○ | ○ | ● | ○ | ○ | ○ | ○ | <i>Não</i> |

Fonte: Oviedo (2023).

Conforme os dados, verificamos no Quadro 7 que a maioria dos haitianos se sentem mais haitianos que brasileiros. Das 8 respostas, 5 se consideram haitianos: GI, tanto da Ca e

Cb, e uma mulher da GII. Um casal, CbGII-H e CbGII-M, afirmou se sentir como haitiano e também como brasileiro, uma mistura dos dois. Somente um informante, CaGII-H, disse que já se sente mais brasileiro por viver no país há muitos anos. Destacamos que CaGII-H é o informante que vive há mais tempo no Brasil (mais de 10 anos). Por esse motivo, pelo tempo vivido aqui, influência em tudo e na sua maneira de viver. Segue o relato do informante:

Hoje eu posso dizer, eu sou brasileiro porque, eh, passando esse 10 anos, nunca saí do país e os meus contatos, um pouco mais com os brasileiros e eu estou aprendendo, entendendo a realidade como tentar se acostumar e se adaptar, eu vejo que eu estou na parte dos brasileiros que haitiano (CaGII-H).

Destacamos outros relatos referentes à Questão 4:

Haitiana porque sou haitiana (CaGII-M).

[...] eu acho que vai ser sempre haitiano nesse caso, né? Tem esse lado, né? Assim, eu gosto do Brasil, gosto de tudo, da cultura, tal. Algumas coisas a gente não gosta, né? Que é normal, né? Eu acho que assim, vai ser quase meio a meio, a maior parte vai ser de fato por causa da cultura tal, vai ser mais haitiano no caso, nesse sentido, eu não sei, porque estou sete anos, eu não sei se daqui sei lá, vinte anos, trinta anos se vai ser mais brasileiro, mas no momento mais haitiano. [...] (CaGI-H).

Haitiana (CaGI-M).

Haitiano (CbGI-H).

Acho que vou falar que eu sou haitiana, porque acho que não sei falar português bem pra falar que sou brasileira, mas sou haitiana (CbGI-M).

Constatamos que, a partir desses relatos, todos se manifestaram como sendo mais haitianos. Porém, ressaltamos a resposta do informante CaGI-H, pois inicialmente existe certa incerteza sobre se sentir mais haitiano ou mais brasileiro, mas ele explica no decorrer da entrevista que, apesar de gostar muito do Brasil e estar há 7 anos vivendo no país, ainda se sente mais haitiano e que talvez em alguns anos possa realmente se sentir 100% ou mais brasileiro – como no caso do CaGII-H que já se sente um brasileiro pelos anos vividos no país, assim como, o casal CbGII-H e CbGII-M que se sente sendo parte dos dois (haitiano/brasileiro), uma vez que o homem vive há 9 anos no Brasil e a mulher há 7 anos. Então, entendemos que, com o passar do tempo, uma pessoa pode se sentir mais parte da nação onde ela vive e se afastar cada vez mais do seu país de origem. Isso também pode acontecer com os demais informantes entrevistados, os quais poderão se sentir mais brasileiros no decorrer dos anos. Já o depoimento da informante CbGI-M, apresenta uma atitude negativa, ao dizer que não se considera brasileira por não falar bem o português, leva em consideração o aspecto da língua, ou seja, como único

ponto importante para sentir-se como brasileira, visto que os demais informantes não comentaram nenhum motivo, simplesmente falaram que se sentem haitianos(as).

Ainda na Questão 4, agora analisando os dados dos venezuelanos, percebemos que a maioria se sente como venezuelano/brasileiro, sendo 6 respostas iguais: CaGII-H, CaGII-M, CaGI-H, CaGI-M, CbGII-H e CbGI-H. Vejamos algumas respostas destes informantes:

[...] digamos cincuenta, cincuenta porque uno, no deja de pertenecer a su país [...] y el país donde está, que abre la puerta a uno, también tiene que sentir como de uno, entonces, yo siento de Venezuela como mía, tanto Brasil que me está acogiendo, por lo menos yo [...] voy pasando, veo una botella en la calle, yo voy allá y recojo, que puede machucar a alguien, romper un pneu de un carro, entonces [...] me siento de los dos (CbGII-H).

[...] en verdad, te sientes como cincuenta, cincuenta a veces llega un momento que es, un noventa a diez, porque ta muy rodeado de tantos brasileiros, que ya tú, todo habla en portugués, que llega un momento que tú hablas español y te quedas como y ¿Ahora?. [...] queda cincuenta, cincuenta (CaGI-H).

Krug (2004) descreve que os indivíduos que se identificam com um determinado grupo estão aderindo aos costumes, à cultura e, principalmente, à variedade linguística desse grupo. Desse modo, é claro, a partir dos relatos, como os informantes se posicionam diante da pergunta. Isto é, eles já se sentem mais brasileiros, mas não deixam de pertencer à Venezuela. Identificam-se por meio do lugar onde vivem, das pessoas e também do acolhimento recebido pela comunidade ou pelo bairro. A informante CbGII-M se sente mais brasileira, mas na Questão 5, ao ser questionada “se já se sente brasileira e por quê?”, ela afirma o contrário desta primeira resposta. Além disso, nesta amostra tivemos apenas uma pessoa a se considerar apenas venezuelana, a CbGI-M.

De modo geral, ao analisarmos as respostas da Questão 4, identificamos que os venezuelanos estão mais próximos do sentimento de venezuelanos/brasileiros ou só brasileiros, mesmo vivendo há menos tempo no Brasil com seus familiares se comparados aos haitianos, com os quais o mesmo sentimento não acontece, afinal, a maioria ainda se sente haitiano.

A Questão 5, “Você já se sente brasileiro? Por quê?”, é semelhante com a Questão 4, pois propomos analisar se os informantes iriam manter o mesmo posicionamento nos seus relatos ou se iriam mudar sua visão de uma pergunta para outra. Diante das respostas, verificamos que alguns informantes mudaram de ideia em relação aos dados inquiridos na Questão 4.

Primeiramente, o lado haitiano. Obtivemos os seguintes resultados: 3 informantes (CaGII-H, CbGII-H e CbGII-M) afirmaram que já são brasileiros e 5 informantes (CaGII-M, CaGI-H, CaGI-M, CbGI-H e CbGI-M) negaram, pois se consideram haitianos. Dessa forma,

todas as respostas da Questão 5 vão ao encontro das respostas da Questão 4, ou seja, os informantes mantiveram seu posicionamento e não mudaram de opinião. Claramente, aqueles que se sentiam como haitianos/brasileiros e agora se sentem como brasileiros, de certa forma existe certa aproximação de sentimentos e de respostas. Ademais, independente da sua escolaridade, os jovens estão mais ao lado da sua nacionalidade de origem, enquanto os velhos se ambientam ao lado brasileiro.

Com relação ao lado venezuelano, houve mudança de posicionamento por parte de alguns informantes. Obtivemos os seguintes resultados: 3 informantes (CaGII-H, CaGII-M e GbGII-H) confirmaram que já são brasileiros e 5 informantes (CbGII-M, CaGI-H, CaGI-M, CbGI-H e CbGI-M) negaram, pois se consideram venezuelanos. Com essas informações e com os dados da Questão 4, identificamos que os mesmos informantes que já se sentem como venezuelanos/brasileiros são os mesmos que afirmaram na Questão 5 que já são brasileiros (o mesmo aconteceu com os informantes haitianos, pois os depoimentos têm ligação com as duas perguntas). Os outros informantes que responderam na Questão 4 que se sentem como venezuelanos/brasileiros (CaGI-H, CaGI-M e CbGI-H), afirmaram na Questão 5 que são venezuelanos. A informante que mudou totalmente seu depoimento foi a CbGII-M, pois inicialmente disse que se sentia brasileira e depois afirmou ser venezuelana. Já a única informante a manter seu argumento foi a CbGI-M.

Em geral, constatamos que os jovens venezuelanos da Ca e Cb estão mais ao lado venezuelano, pois se sentem ainda parte da sua nacionalidade e de onde vieram, enquanto que os venezuelanos mais velhos se sentem brasileiros, apesar de pouco tempo morando no Brasil. O mesmo resultado acontece com os haitianos, pois os mais velhos já se sentem brasileiros e os jovens se sentem haitianos. Esse é um fato que contradiz as pesquisas sobre os descendentes de alemães e de italianos realizadas por Horst e Krug (2020), Bernieri (2017), Margotti (2004) e Krug (2004) em que os mais velhos mantêm a identidade de origem, enquanto que os jovens sofrem uma aculturação da língua oficial do país, o português. Dessa forma, percebemos que na Questão 5 os resultados entre haitianos e venezuelanos são muito parecidos, mas se comparados com as respostas da Questão 4 apresentam divergências de depoimentos, já apresentados. Apresentamos o relato da informante venezuelana CaGII-M, em relação à pergunta 5 do questionário:

Mira me siento brasilera porque [...] aquí, van hacer 9 años, después, tendría que [...] naturalizar [...] todo lo que vá el procedimiento. Porque yo tengo mis cosas en Venezuela, en verdad, yo deje todo, no voy a regresar a Venezuela, en algún caso [...] uno, no puede decir ¡No! Porque Dios da una vuelta [...]. Ya nosotros [...] todos hemos decidido que vamos a quedar aquí, y aquí vamos erradicar [...] aquí va ser la

raíces de los hijos, ¡Todo ya!, hasta ahí llego [...] vamos ser brasileiro [...] (CaGII-M).

No depoimento, a participante afirma que já fez o combinado entre ela e os seus familiares, isto é, vão permanecer no Brasil e construir raízes. Uma curiosidade sobre a declaração dela se refere à intenção de solicitar o registro de naturalização brasileira. Sabemos que os estrangeiros que têm interesse, podem conquistar a naturalização brasileira, cuja concessão é de competência exclusiva do Ministério da Justiça e Segurança Pública, regulamentada pela Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, que institui a Lei de Migração (BRASIL, 2017)³⁰. Assim, reparamos que a CaGII-M se anima com a ideia de ser brasileira e que a família que convive junto com ela também seguirá esse propósito de naturalização.

Na Questão 6 perguntamos aos informantes qual a língua que mais gostam de conversar com as pessoas. No Quadro 9 estão as opiniões dos informantes haitianos e venezuelanos.

Quadro 9 - Questão 6: Em que língua gosta de conversar mais? (Crioulo/francês/português) (Para haitianos); *¿En qué idioma te gusta conversar más?* (Portugués/Español) (Para venezuelanos)

| Haiti | | | | Venezuela | | | | Legenda: Haiti | |
|-------|---|------|---|-----------|---|------|---|--------------------|-------------------------|
| CaGII | | CaGI | | CaGII | | CaGI | | ● | <i>Crioulo</i> |
| H | M | H | M | H | M | H | M | ◐ | <i>Crioulo/Francês</i> |
| ◐ | ◐ | ◐ | ● | ● | ● | ● | ● | ◑ | <i>Francês</i> |
| CbGII | | CbGI | | CbGII | | CbGI | | ◒ | <i>Português</i> |
| H | M | H | M | H | M | H | M | ○ | <i>Todas as línguas</i> |
| ◐ | ◐ | ● | ○ | ◐ | ◐ | ◐ | ◐ | Legenda: Venezuela | |
| | | | | | | | | ● | <i>Português</i> |
| | | | | | | | | ◑ | <i>Espanhol</i> |

Fonte: Oviedo (2023).

É possível reparar que os haitianos gostam de conversar em várias línguas. Inclusive, 2 informantes gostam de conversar em línguas diferentes, como por exemplo, o CaGII-H que disse o seguinte: “[...] é o crioulo, o crioulo que gente fala, talvez o francês [...] não tem muita gente que fala o francês, é por isso que a gente acaba de perder, quase perder a prática dessa língua, uma língua também que a gente gosta de conversar, de se expressar”. Então, identificamos que o francês também é a língua que gostam de conversar entre eles, apesar de

30 Para saber mais sobre a Lei de Migração, acessar a página disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2017/decreto-9199-20-novembro-2017-785772-publicacaooriginal-154263-pe.html>. Acesso em: 29 jan. 2023.

poucos informantes declararem isso. Como sabemos, no Haiti existem duas línguas oficiais, sendo que um informante haitiano falou o seguinte sobre as línguas faladas no Haiti: “[...] o crioulo, que é a língua que todo mundo fala, porque quem fala francês somente aqueles que foram escolarizados, né? Aqueles que foram pra escola e tal” (CaGI-H). Dessa forma, quem fala ou sabe francês são aqueles que frequentaram a escola para aprender. Ao discorrer sobre o ensino no Haiti, Marques (2012, p. 104) vai ao encontro com a fala do informante CaGI-H:

As bases do ensino haitiano foram importadas da França, quando da independência do Haiti, em 1804. Daí o fato de a língua oficial das escolas/universidades ter sido, durante a maior parte do tempo, o francês e não o *kréyol*, e do pressuposto de que as instituições de ensino deveriam concentrar-se nas cidades e formar uma elite separada das massas ou das classes populares.

No entanto, apesar do crioulo ser a língua vernácula ou a língua materna que estava presente durante a revolução haitiana, ela passou por um processo de oficialização que não aconteceu de forma imediata. Por isso, a língua da elite oficial do país naquele período seguia o modelo francês em todas as esferas, principalmente no ambiente escolar. A instituição do crioulo se realizou a partir da Constituição de 1987 que a tornou como língua oficial, ao lado do francês. Conforme Pimentel *et al.* (2016), o reconhecimento do crioulo se sucedeu quase 200 após a independência do país. Ademais, esse reconhecimento está marcado por lutas políticas e sociais, apesar da língua vernácula ser a responsável por grande parte da identidade do povo haitiano.

A informante CbGI-M afirmou que gosta de conversar em todas as línguas, ou seja, no crioulo, no francês e no português, pois para ela não existe uma preferida ou favorita para se comunicar com as pessoas. Apenas a CaGII-M disse que gosta de conversar mais em francês. Outros 3 informantes (CaGI-H, CbGII-H e CbGII-M) contaram que preferem conversar na língua portuguesa, enquanto 2 jovens, um da Ca e um da Cb (CaGI-M e CbGI-H), gostam de conversar em crioulo. De modo geral, verificamos a partir da Cruz que a Cb da célula GII prefere conversar em português e a Ca da célula GII gosta de conversar em várias línguas (uma verdadeira mistura de gostos).

Referente a Questão 6, todos os informantes venezuelanos da Cb gostam de conversar mais em espanhol com as pessoas, porque se sentem mais confortáveis em se expressar e em se comunicar. Os pertencentes a Ca opinaram ser o português a língua que gostam de conversar, pois segundo os depoimentos eles a preferem para criar e fortalecer círculos de amizade com as pessoas que conhecem. Provavelmente, no país nativo existiam círculos de amizade ou de relacionamentos que, embora essa aproximação ou afeto tenha se perdido, tentam de certa

forma resgatar ou reconstruir essa parte da vida também, isso é, a vivência e a amizade com as demais pessoas. Vejamos o relato da informante CaGII-M:

Mira, en mi caso, el portugués porqué para poderme comunicar con la demás persona porque me sentiría aislada, si yo le hablo español, ellos no me van entender, me dicen "ah, no entendo [...]". Entonces yo trato de hablar poco a poco el portugués, para yo poder tener amistades. [...] porque lo menos, tu eres mi amiga, nosotros podemos conversar, tu tiene algun problema, tu me conversa, yo te converso [...] y yo tengo una necesidad que tu no la sabe, que yo te puedo decir y tu puedes ayudarme, o lo mismo, tu tiene una necesidad que yo te puedo ayudar [...] (CaGII-M).

A informante esclarece que gosta de conversar em português para criar amizades, visto que se ela falar o espanhol se sentirá isolada ou sozinha. Como comenta Kersch (2011), a língua é expressão de identidade, no entanto, é pela língua que a pessoa demonstra seu pertencimento para um grupo, ou seja, a pessoa pode desejar aprender uma língua para pertencer a um determinado grupo que também a fala ou ainda, aprender porque o domínio dessa língua poderá dar um retorno. Esse é o caso da GaGII-M que fala em português porque sabe que essa atitude lhe dará retornos positivos, como fazer amizades, conhecer pessoas novas e construir um vínculo maior com elas, etc.

Dando continuidade ao questionário, na Questão 7 perguntamos aos informantes qual era a língua que costumavam falar mais. Os resultados são apresentados no Quadro 10.

Quadro 10 - Questão 7: De modo geral, costuma falar mais o português/crioulo/francês? (Para haitianos); *¿En general, habla más portugués o español? (Para venezolanos)*

| Haiti | | | | Venezuela | | | | Legenda: Haiti | |
|-------|---|------|---|-----------|---|------|---|--------------------|--------------------|
| CaGII | | CaGI | | CaGII | | CaGI | | ● | Português |
| H | M | H | M | H | M | H | M | ◐ | Português/Crioulo |
| ● | ● | ● | ◐ | ◐ | ◐ | ● | ● | ◑ | Crioulo |
| CbGII | | CbGI | | CbGII | | CbGI | | Legenda: Venezuela | |
| H | M | H | M | H | M | H | M | ● | Português |
| ◐ | ● | ◐ | ◐ | ◐ | ◐ | ◐ | ◐ | ◐ | Português/Espanhol |
| | | | | | | | | ◑ | Espanhol |

Fonte: Oviedo (2023).

Sobre as respostas obtidas na Questão 7, a Cruz mostra que do lado haitiano a Ca costuma falar mais o português, pois de acordo com os depoimentos se relacionam com mais pessoas brasileiras, no trabalho, no seu dia a dia, etc. A informante CaGI-M contou que, em sua opinião, não era possível falar mais uma língua que outra, afinal, o crioulo ela usa em casa e o português na universidade, os dois espaços mais frequentados naquele momento. Já 3

informantes da Cb costumam falar mais o crioulo. Portanto, o português é a língua mais falada pelos haitianos.

Já a cruz do lado venezuelano revela que a Cb costuma falar mais em espanhol. O casal da CaGII escolheu ambas, pois são as duas línguas que eles falam – espanhol em casa e português quando estão fora de casa. O outro casal CaGI disse ser o português a língua que mais falam e isso se deve por passarem mais tempo fora de casa. Relacionando os dados, observamos que os haitianos falam mais o português e os venezuelanos o espanhol.

Na Questão 8, perguntamos: “Quando vem visita que não é haitiano(a), como você se comunica?”. E, na Questão 9: “Quando você se encontra com um haitiano(a), que língua vocês falam entre si?”. Essas perguntas foram elaboradas aos participantes haitianos e também aos venezuelanos, analisadas respectivamente a seguir.

No tocante às respostas sobre a Questão 8, os haitianos afirmaram que, caso a visita não seja haitiano ou haitiana, comunicar-se-ão na língua portuguesa. Vários informantes destacaram que se utilizarem o crioulo é provável que a visita não entenda e por isso será o português a língua para conversar. Vejamos o relato do informante CaGI-H:

É, em português. É isso, porque assim [...] geralmente quando tem uma pessoa que não fala crioulo, eu não vou falar crioulo, são meus princípios porque eu não quero que a pessoa se sinta constrangida digamos assim. Imagina só, [...] você tem uma outra pessoa que fala espanhol e tem um haitiano aqui, neste caso eu fico falando crioulo, mesmo que são assuntos nossos, né? As pessoas não vão se sentir à vontade, né? Por causa disso. Daí por isso geralmente se a pessoa não fala a nossa língua, eu não vou falar crioulo durante esse período. Mesmo por exemplo, caso tenha uma pessoa comigo que fala o crioulo e português vamos falar em português. [...] para que todo mundo consiga entender melhor né? Porque não adianta você ficar falando uma língua e a outra pessoa não entender. Eu acho que não é um problema né? Mas assim, às vezes a pessoa não vai se sentir mais à vontade, entendeu? (CaGI-H).

Na resposta do CaGI-H verificamos uma descrição de acontecimentos e de como ele conduziria esses fatos. É notável que, a partir do seu exemplo, ele tem a intenção de conversar em português para que a outra pessoa (seja ela de dentro ou de fora do círculo da comunicação), segundo as palavras dele, não se sinta “constrangida” ou então poderá não “se sentir à vontade”. Busse e Sella (2012) destacam que as crenças e as atitudes sobre a fala podem acontecer em ambientes favoráveis ou desfavoráveis para a mudança linguística. Nesta situação, observamos que a atitude do falante sobre a sua fala surge como favorável à mudança, pois ele tem a intenção de integrar outras pessoas quando está conversando, sem constranger ninguém.

Na sequência, com a Questão 9, todos os informantes haitianos responderam que se encontrarem alguém que é haitiano ou haitiana, a língua falada entre eles será o crioulo; mas, caso a pessoa seja haitiana e falar na língua portuguesa, utilizariam o português; porém, o

crioulo será a primeira língua de comunicação. Comparando os comentários dos informantes nas duas questões, destacamos que, ao se encontrarem com alguém que não é haitiano(a) a língua falada será o português e ao se encontrarem com alguém que é haitiano(a) será o crioulo.

Com relação aos dados dos venezuelanos, ao serem questionados sobre “*Cuando viene una visita, que no es venezolano(a) ¿Cómo te comunicas con esa persona?*”, todos os participantes falaram ser o português a língua de comunicação com essa visita. Como disse a informante CbGI-M: “*En brasilero. Pelo menos: ‘Oi, boa tarde, tudo bem?’ Amablemente, [...] como ellos son con uno*”. Vários informantes utilizaram no decorrer das entrevistas a palavra “*brasileiro*” para quando se referem à língua portuguesa. Cerno (2019) afirma que o termo “*brasileiro*” é sinônimo de português, assim “[...] *los hablantes llaman brasilero a su variedad y eso es portugués, o al menos un tipo de portugués [...]*” (CERNO, 2019, p. 145). Dessa forma, quando dizem a palavra “português” ou “brasileiro”, os informantes querem dizer a mesma coisa, pois ambas carregam o mesmo significado para eles (ao menos, não se percebe nenhuma diferença quando empregam esses termos).

Para a Questão 9, “*Cuando te encuentras con alguien que es venezolano(a). ¿En qué idioma hablan entre ustedes?*”, todos os informantes comentaram ser o espanhol, salvo o informante CbGII-H que expressou a seguinte ideia: “*Portuñol, de los dos, porque ya hay palabras, aunque uno no la quiere salir, sale portugués, ‘me liga’, ‘parceiro’, son palabras que ya están con uno [...] uno trabaja, hace parte del trabajo [...]*”. Neste relato, o falante afirma que usa o espanhol e o português para se comunicar com um(a) venezuelano(a), posto que, em algumas situações é difícil lembrar de certas palavras ou expressões e por isso usa o termo “*portuñol*”. O próprio informante cita exemplos de algumas palavras quando está falando seu espanhol, sendo que esse fenômeno pode ser considerado como o *code-switching*. Para os autores Tarallo e Alkmin (1987), o *code-switching* é conduzido pela situação, pois a razão de alterar os códigos pode ser em função do domínio de comunicação e do interlocutor, no qual acontece uma interação. Comparando as respostas dos dois grupos, é nítido que eles utilizam o português quando a pessoa não é do mesmo grupo étnico e que se comunicam na sua língua de origem quando se trata da mesma comunidade linguística.

Também perguntamos aos entrevistados se os brasileiros aprendem a língua deles, ou seja, o espanhol, o crioulo e o francês. Os haitianos responderam que sim, que geralmente os brasileiros querem aprender a língua, tem essa curiosidade, desejam mais conhecimento da língua e que, às vezes, querem saber o que eles (haitianos) estão conversando, por acharem que estão falando deles (brasileiros). De modo geral, todos afirmaram que os brasileiros aprendem um pouco do crioulo e do francês.

Apresentamos o relato do CaGI-H que vai de encontro com o que é mencionado anteriormente:

É, eu acho que não. Tem a questão de interesse e tal. Porque a pessoa aprende a língua de fato, tem que ter o interesse. Ninguém aprende assim do nada, né? Tem que ter um objetivo, né? Eu vou aprender o crioulo afinal para que? Que nem o francês, né? Daí, isso depende também do lugar, né? Da cidade, [...] da região também, né? [...] aqui em Chapecó tem brasileiros que falam super bem o crioulo até às vezes mais do que eu, né? [...] Por exemplo [...] os testemunhos de Jeová [...] eles falam o crioulo, a maioria, não todos, mas a maioria falam crioulo [...]. Fazem os cultos em crioulo, [...] se eu não me engano tem uma outra religião, eles aprendem o crioulo. Mas qual é o objetivo? Pra conseguir, né? Entendeu? Ter mais membros, tal, isso é um foco, né? E também tem algumas, geralmente mais mulheres que falam o crioulo porque elas namoram com haitianos para aprender a língua. [...] Alguns que tem interesse, mas algumas pessoas não, mas tudo depende né? Depende de qual vai ser o objetivo. O que que eu percebo aqui, as pessoas têm mais interesse em aprender o inglês de fato porque é uma língua comercial, né? As pessoas precisam viajar e tal. Mas o crioulo, nem tanto, tem algumas pessoas que têm interesse mais no francês, isso sim, [...] eles acham que é uma língua chique (CaGI-H).

Portanto, o CaGI-H comentou vários pontos de vista diferentes dos outros informantes. Percebemos que ele diz, logo no início, que os brasileiros não aprendem as línguas faladas pelos imigrantes e se alguém aprende alguma língua é porque existe algum objetivo, como por exemplo, para trabalho, para viagem, etc.

O informante cita um exemplo muito interessante sobre um grupo religioso, no qual aprendem o crioulo para trazer mais membros para seu grupo. Um outro informante também cita o mesmo grupo religioso e detalha o seguinte “[...] os testemunhos de Jeová que eu encontrei alguns deles já, que aprendeu a falar o crioulo, eles falaram o crioulo muito bem, muito bem mesmo [...]” (CaGII-H). Assim, ao que tudo indica, o grupo usa uma determinada língua, neste caso o crioulo, com objetivos definidos por eles para trazer/convidar pessoas a serem membros ou para fazer parte do mesmo grupo. Sobre isso, podemos citar Fishman (1972), pois nos seus estudos, o multilinguismo dentro do grupo pode fazer o uso de duas ou mais línguas na comunicação interna com propósitos diferentes. Isto é, quem fala a língua, a utiliza em momentos, em espaços e com pessoas por motivos diversos, caracterizando um multilinguismo intragrupal desse grupo religioso.

Os falantes haitianos também comentam sobre o grupo religioso, logo, notamos que são pessoas que sabem falar a língua. Outro ponto interessante é que os informantes destacam que são poucas as pessoas que têm interesse em aprender a língua crioula, visto que o francês é a língua que mais desperta o interesse das pessoas, porque a acham uma língua bonita.

Os informantes venezuelanos, quando inquiridos se os brasileiros aprendem o espanhol, afirmaram que sim, que às vezes perguntam sobre alguma palavra específica em português e a

sua tradução para o espanhol ou que tentam conversar em espanhol. Como explica o informante CaGI-H:

Sí, buscan una manera de hablar el español [...]. Por ejemplo, estamos reuniendo entre brasileiros y venezolanos, pero llega un momento en que llega un venezolano, entonces tú hablas ese español rápido y ellos quedan como “que le dijo”, [...] entienden la última palabra y entonces ellos tratan de sacar una conclusión, entonces dicen, “[...] yo tengo que aprender [...]” (CaGI-H).

Ao compararmos as amostras, notamos que os haitianos e os venezuelanos afirmam que os brasileiros aprendem o idioma deles, pois existe interesse. Talvez, o único ponto negativo foi a partir da fala do CaGI-H (informante haitiano), quando disse que os brasileiros não querem aprender o crioulo, apenas o francês por ser uma língua bonita e também o inglês, por ser uma língua muito conhecida.

Perguntamos aos informantes, qual seria a língua de comunicação se encontrassem alguém de outra etnia que fala uma língua diferente da sua e que também não fala o português. Os informantes haitianos comentaram que dependeria muito da língua que a pessoa falaria, inclusive, comentaram que falariam em inglês, caso essa pessoa entendesse, ou outras línguas seriam, como o francês e o português. Já os venezuelanos comentaram que seria difícil conversar com essa pessoa, pois muitos não sabem outras línguas; porém, o português seria a principal língua de comunicação.

No Quadro 11 estão as respostas obtidas com a Questão 12, na qual perguntamos se já havia acontecido dos informantes estarem com alguém que sabia sua língua, mas insistia em falar o português. De maneira geral, é perceptível que nos dois grupos étnicos são poucos os que passaram pela situação de estar com alguém que falasse a mesma variedade linguística. Pelos dados, muitos afirmaram o contexto de conversar com alguém que insistia em falar outra variedade. De Heredia (1989, p. 179) argumenta que a comunidade linguística se conceitua como tal quando seus membros têm em comum ao menos “uma variedade de língua e também normas de uso correto, uma comunicação intensiva entre eles, repertórios verbais ligados a papéis e unificados por normas, enfim, uma integração simbólica no interior do grupo [...]”.

Quadro 11 - Questão 12: “Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua, mas insistia em só falar o português?”

| Haiti | | | | Venezuela | | | | Legenda: Haiti | |
|-------|---|------|---|-----------|---|------|---|--------------------|-----|
| CaGII | | CaGI | | CaGII | | CaGI | | ● | Sim |
| H | M | H | M | H | M | H | M | ○ | Não |
| ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | ○ | | |
| CbGII | | CbGI | | CbGII | | CbGI | | Legenda: Venezuela | |
| H | M | H | M | H | M | H | M | ● | Sim |
| ● | ● | ● | ● | ● | ● | ○ | ● | ○ | Não |

Fonte: Os autores (2023).

Assim, o pensamento de De Heredia (1989) vai ao encontro da declaração feita pelo informante venezuelano CaGII-H:

[...] nosotros hablamos español y somos más fluidos hablando español, entonces habla ahorita dos idiomas, pero cuando te sientes que es muy [...] lento para hablar al idioma que tiene, que no es natal, entonces tú te sientes que estás cortando el fluido de la comunicación, entonces, habla en el idioma natal, más fácil, más rápido [...]. Hay personas que son creídas, tiene mucho ego, entonces, se le vá el ego por encima de todos [...] (CaGII-H).

A fala do informante mostra a avaliação dele frente às pessoas que são da mesma comunidade linguística, mas insistem em falar o português. Ele explica que quando isso acontece não há uma comunicação fluida, isso quer dizer que não existe uma comunicação intensa como apresenta De Heredia (1989). Por fim, o seu posicionamento sobre as pessoas que persistem em falar diferente é visto de forma negativa. No próximo comentário, a haitiana CbGI-M faz a mesma observação com relação ao falar diferente.

Sim. Pra mim acho que é meio chata porque quando você quer falar em crioulo com essa pessoa, ele só vai falar “olha só, eu não sei falar crioulo, fala em português”, é chato né, é tipo, quando se um brasileiro falar inglês e ele encontra outra brasileira, ele vai falar “Oi não sei falar português, fala em inglês pra mim”, [...] é chata, mas deixar a pessoa, a falar qualquer coisa que ele quer (CbGI-M).

Evidencia-se na resposta da CbGI-M que ela não aprova quando alguém que é da mesma etnia não se comunicar na língua em comum, ou seja, na língua do seu país. Verificamos que nas respostas dos informantes, de forma geral, notamos seus comportamentos e as atitudes dos falantes que tiveram algum contato. Eles dão indícios de uma avaliação negativa ao outro e à situação, pois gostariam que essas pessoas se comunicassem na mesma variedade minoritária/imigrante. Krug (2004) afirma que a negação da identidade pode ser observada por meio da negação da língua, como no próprio exemplo exposto pela CbGI-M: “olha só, eu não sei falar crioulo, fala em português” ou “Oi, não sei falar português, fala em inglês pra mim”.

Isso pode ser visto como uma negação: não falar uma determinada variedade minoritária e logo uma confirmação explícita, da negação de identidade.

A próxima questão analisada é a 12: “Você vai à igreja? Qual? Que língua é usada na igreja? O pastor fala a língua de vocês? Incentiva ou pede para falar o português?”. Todos os informantes haitianos frequentam a igreja, sendo que as igrejas citadas por eles são: Adventista, Assembleia de Deus e Católica. As mais citadas foram a Igreja Adventista e a Igreja Assembleia de Deus, também denominadas por eles como “igreja de haitianos” (CbGI-M).

Os informantes CaGII-H (Adventista), CaGI-H (Assembléia de Deus) e CaGI-M (Católica) informaram que, na igreja que frequentam, a língua utilizada é somente o português e os pastores não incentivam a língua minoritária, no caso, o crioulo e o francês. Os outros informantes (CaGII-M, CbGII-H, CbGII-M, CbGI-H e CbGI-M) afirmaram que na sua igreja é falado o crioulo e o francês e o pastor geralmente sabe a língua e a incentiva. Também relataram que, se o pastor não sabe se comunicar na língua minoritária, geralmente tem alguém que faz a tradução ao público, normalmente um tradutor haitiano. Os dados mostram que existe um incentivo à língua minoritária nas igrejas, na qual a maioria dos informantes frequentam, pois, sua língua é falada nesse ambiente, sendo que poucos comentaram ser o português a língua falada na igreja.

A mesma questão foi aplicada aos informantes venezuelanos. Os dados mostram que 7 frequentam a igreja católica, sendo eles: CaGII-H, CaGII-M, CaGI-H, CaGI-M, CbCII-H, CbGI-H e CbGI-M. Todos afirmaram ser o português a língua falada na igreja e que não há nenhum incentivo por parte dos padres para falar a língua espanhola. Destacamos o depoimento da informante CbGII-M, a única a dizer que frequenta a igreja por meio de um grupo formado por venezuelanos. Vejamos a citação:

Si, [...] cristiana evangélica, español porque todos somos españoles [...] ese es un grupo de venezolanos y el pastor, es un pastor venezolano, entonces como se nos hace más fácil la lengua, entonces uno corre hacía [...] porque he ido mucho en iglesia este brasilera, pero cuando estaba predicando no entiendo [...] hablan el portugués [...]. Eso se hace en diferentes hogares [...] hoy me toca aquí, se hace el servicio aquí [...] se hace en un local, pero no tienen ahorita un local, se van en las casas [...] ahorita hay como 17 personas (CbGII-M).

No relato a informante conta que frequenta uma Igreja Cristã, formada por um grupo de venezuelanos e que o pastor também é venezuelano. Ela explica como acontecem os encontros da igreja: como não há um lugar específico para os encontros, eles geralmente acontecem em diferentes casas de quem faz parte do grupo. Observamos também que ela já foi em igrejas que só falavam em português e ela não conseguia entender. Verificamos então que é uma forma de

organização de um grupo que faz parte de uma mesma religião e a língua nesse cenário não é um obstáculo para ninguém, pois o espanhol está totalmente presente. Diferente dos haitianos, em que a maioria deles frequentam igrejas que falam suas línguas, vemos que com os venezuelanos o português é a língua dominante nas igrejas, uma vez que apenas em uma igreja o espanhol é falado, como relatou a informante venezuelana CbGII-M.

Seguindo o questionário, perguntamos aos informantes se eles têm filhos e qual a língua que costumam falar com eles. No Quadro 12 observamos as respostas.

Quadro 12 - Questão 14: “Você tem filhos? Que língua costuma falar com eles?”

| Haiti | | | | Venezuela | | | | Legenda: Haiti | |
|-------|---|------|---|-----------|---|------|---|--------------------|------------|
| CaGII | | CaGI | | CaGII | | CaGI | | ● | <i>Sim</i> |
| H | M | H | M | H | M | H | M | ○ | <i>Não</i> |
| ● | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ○ | ○ | | |
| CbGII | | CbGI | | CbGII | | CbGI | | Legenda: Venezuela | |
| H | M | H | M | H | M | H | M | ● | <i>Sim</i> |
| ● | ● | ● | ○ | ● | ● | ○ | ● | ○ | <i>Não</i> |

Fonte: Oviedo (2023).

Ao observar o Quadro 12 verificamos que, na dimensão diageracional, os da GII têm mais filhos que os da GI. Os 4 informantes haitianos responderam que costumam conversar com seus filhos em crioulo e às vezes em português. O casal CbGII tem filhos no Brasil e no Haiti: com os filhos que moram em solo brasileiro, costumam conversar mais em crioulo e em português; já com os filhos que estão no Haiti, conversam em crioulo e em francês, pois eles provavelmente ainda não sabem falar o português ou ainda não tiveram esse contato com a língua. Os outros informantes falaram que não têm filhos, porém foram inquiridos, se caso viessem a ter, qual seria a língua de comunicação entre eles. A maioria falou que seria o crioulo e o francês. Apenas a informante CaGII-M disse que se nascer no Brasil, deve falar a língua do país, neste caso, falar somente o português. Seu posicionamento é diferente do informante CaGI-H, que tem a pretensão de conversar nas duas línguas, pois “é muito importante porque se identifica [...]. No caso que eu sou Haiti, não tem como negar isso, então seria uma língua de herança”. Para Ramos (2020), são considerados falantes de herança, quando desde a infância estão expostas a mais de uma língua, ou seja, uma língua no seio familiar e outra língua majoritária, por exemplo, o português.

A partir disso, observamos uma diferença de opinião por parte desses informantes (CaGII-M e CaGI-H). Em suas pesquisas, Mackey (2007) afirma que os pais bilíngues nem sempre criam seus filhos bilíngues, pois isso exige dedicação e planejamento.

Conseqüentemente, muitos pais consideram o monolinguismo como norma, porque criar os filhos em uma língua ou em uma variedade, é a concepção mais comum a todos. Além disso, o informante CaGI-H disse que falaria com os filhos em crioulo e em francês, pois é uma questão de identidade linguística. Mackey (2007) também trata sobre esse assunto e aconselha aos pais que, na hora de decidir qual língua ensinar primeiro, é necessário considerar o perfil linguístico da família, sendo esse um dos primeiros passos a se pensar quando se deseja criar um filho bilíngue.

No que concerne aos informantes venezuelanos, 4 responderam que falam somente o espanhol com os filhos. Apenas o informante CbGII-H disse que fala em espanhol e em português, com objetivo de ajudar os filhos a entender cada vez mais a língua majoritária. Essa resposta vai ao encontro do seu depoimento da Questão 3, sobre a língua que costuma falar na família. O informante fala exatamente isso, conversa 30% em português e 70% em espanhol com seus filhos. As respostas dos outros informantes também ficam alinhadas às respostas dadas na Questão 3. Com relação aos informantes que não tem filhos, reformulamos a pergunta para caso os tivesse futuramente. Eles afirmaram que seria bom conversar com eles em dois idiomas, nessa situação, espanhol e português – a mesma atitude que o CbGII-H (venezuelano) faz com seus filhos.

Dando continuidade, a Questão 15 trata da intenção de manter as línguas que os informantes falam com os filhos, isto é, manter o crioulo, o francês e o espanhol. Os informantes haitianos afirmaram que sim, pretendem manter a língua, conversar nessa língua e incentivar os filhos, pois caso um dia visitem o Haiti, os filhos conseguirão se comunicar e se expressar no crioulo e/ou francês. Vejamos o depoimento do CbGI-H referente a essa questão: “Sim [...] na verdade nem preciso manter as duas línguas pra ele, porque ele já vai aprender porque o que a mãe fala, eu falo pra ele, ele vai aprender [...]”. A partir do nosso caderno de campo, o informante comentou que sua esposa não sabe falar muito bem o português e por isso ela fala mais o crioulo no seu dia a dia, em casa e com a família. No seu relato verificamos que, além dele falar com o filho na língua minoritária, a mãe também fala, ou seja, não é um papel somente dele, mas dos pais, tornando então um vínculo entre mãe-pai e filho. Sobre isso, Altenhofen (2002) afirma que em um ambiente familiar existe um valor afetivo especial, por isso nasce uma relação de identidade entre língua materna e família.

Os informantes venezuelanos que têm filhos e os que não têm filhos concordam com a ideia de manter a língua (o espanhol), pois muitos ainda têm contato com a família na Venezuela. A maioria acha pertinente manter o espanhol, pois seria mais uma língua para o

conhecimento e o futuro dos filhos. Desse modo, é notável que as atitudes dos informantes são favoráveis à sua língua e também à sua identidade cultural de origem.

Na pergunta 16, tínhamos o intuito de saber se os informantes eram casados e qual era a nacionalidade do parceiro(a). Dos 16 informantes entrevistados, 11 são casados e 5 são solteiros. No entanto, os dados mostram que nesta pesquisa não temos casos de casamento interétnicos, somente casamentos intraétnicos. Na pesquisa de Horst e Krug (2012) sobre casamentos matrimoniais, os autores apontam que nos casamentos com outras etnias (interétnicos) pode acontecer o processo de lusitanização, como aconteceu em Colinas (RS). Ao serem realizadas uniões de teuto-brasileiros com indivíduos de outras etnias, a língua predominante passava a ser o português e, dessa forma, acontecia a manutenção e a substituição das suas variedades linguísticas para o uso de uma variedade nova.

Com as informações coletadas, observamos que os informantes falam com muita frequência suas variedades em casa e com a família. Isso foi perceptível durante o contato com eles através das entrevistas, pois suas variedades linguísticas estão muito presentes no seu dia a dia, mesmo sendo o português a língua majoritária. Não descartamos a ideia de que, no decorrer dos anos, possam acontecer casamentos interétnicos entre esses grupos e também com outras etnias, pois na região sul do Brasil também estão os descendentes de alemães, de italianos, de poloneses e de indígenas.

Na sequência, perguntamos: “Como você acha que as pessoas de Chapecó veem os imigrantes aqui?”. Com os haitianos entrevistados, notamos que ocorreram dois tipos de comentários sobre esta questão. O primeiro, pouco mencionado, traz que os chapecoenses são pessoas legais e sempre trataram bem os imigrantes. Já o segundo comentário, na qual a maioria se posicionou, é sobre o relato de situações e de experiências sobre as pessoas chapecoenses. Vejamos suas declarações abaixo:

[...] quando a gente chegava aqui, tive um olhar diferente da gente como, digamos como ser humano, mas hoje, começa um tipo de radicalização que as pessoas percebem que os imigrantes chega a ser uma ameaça é por isso que bastante pessoas [...] já foram embora, [...] aqueles que fica por enquanto, tá esperando também um momento pra ir embora [...], porque o tratamento, o olhar das pessoas, as oportunidades que a gente não tem nenhum, porque a sociedade nos coloca no lugar, que não é nosso lugar infelizmente. [...] a gente não é nada [...], mesmo a gente tá se esforçando, vai pra faculdade, tenta aprender a língua, [...] se esforça, mas não tem uma abertura pra gente. Vêm sempre, como um tipo de alguém que vem roubar, roubar o emprego [...] (CaGII-H).

[...] Assim, tem os dois lados né? [...]. Tem o lado que algumas pessoas se sentem bem tranquilas, né? Com a chegada dos imigrantes aqui. Eu acho que inicialmente era mais complicado, né? Agora eles estão acostumados e tal que os haitianos estão aqui. Mas também tem o outro lado, né? Que eu digo é que algumas pessoas se sentem

ameaçadas, né? Eh eu digo ameaçadas porque eu posso perceber isso às vezes nas falas, às vezes no Facebook, né? Mas geralmente a maioria dessas pessoas, eles também são migrantes, né? Eles veio de outra cidade, de outro estado, né? Às vezes eu não dou bola por causa disso, né? [...] E às vezes os pais deles vieram de outra cidade, né? Mas isso [...] às vezes nas falas que os imigrantes estão aqui pra roubar o emprego, pra roubar vaga na creche, coisas eu já escutei isso, né? Que são falas que eu digo assim, eu não vou replicar, eu não vou falar nada, tipo é, a opinião dessa pessoa, né? Então, eu sei que nem todo mundo vai pensar assim, é por isso que eu digo, tem um lado que [...] tem pessoas que gostam, né? De receber, acolher os imigrantes, né? Mas tem o outro lado que parece que eles não gostam, entendeu? [...]. (CaGI-H).

Pra mim acho que as pessoas aqui são bem racistas [...]. Olha, [...] tipo, falando [...] na minha cara, não. Mas do jeito que está me olhando, eu, antes de entrar na universidade, eu estava trabalhando na BRF e eu passei por um olhar bem ruim de um [...] adulto [...] um moço, até que a guarda da segurança falou pra mim pra não dar bola nele, entendeu? Mas falei assim, na minha cara não, mas de olhar sim. [...] eu acho que as pessoas não têm coragem por conta [...] acha que vai prejudicar ele, entendeu? Mas de jeito de olhar, uhum! [...] Olha você chegou aqui só pra pegar as minhas oportunidade porque lá no onde eu trabalhava que é BRF, o povo sempre fala assim “você quer pegar o meu trabalho, você quer fazer tudo que a gente faz”, então tem oportunidade pra todo mundo aqui, então é pra você aproveitar realmente se você quiser (CaGI-M).

Alguns deles olham os imigrantes com olho bom, alguns deles olham os imigrantes com olho diferente (CbGI-H).

Expomos os quatro comentários que mais detalham as experiências e as visões referentes a pergunta; todos apresentam muito significado e, ao mesmo tempo, são muito parecidas. Com essas informações, notamos que dois falantes (CaGI-H e CbGI-H) abordam aspectos muito iguais, isto é, um aspecto positivo e um negativo sobre as pessoas chapecoenses em relação aos imigrantes. O lado positivo é que algumas pessoas se sentem bem, são tranquilas, acolhem e estão acostumadas com imigrantes na cidade. Já o lado negativo vai ao encontro dos relatos de CaGII-H e de CaGI-M, nos quais eles demonstram que não são bem-vindos por muitos habitantes, pois descrevem que os chapecoenses se sentem ameaçados pela presença deles. Isso é refletido na maneira de olhar e de falar dos chapecoenses, demonstrando certa diferença, além de os criticar por estarem no mesmo ambiente de trabalho, pois julgam estar ocupando o lugar de outra pessoa. Um exemplo disso é nítido no relato da CaGI-M, que detalhou uma situação desagradável no trabalho, sendo julgada e avaliada por pessoas que não aceitavam sua permanência em seu próprio serviço e, portanto, verificamos na sua narrativa que não existe empatia por parte dos chapecoenses.

O relato de CaGII-H e de CaGI-M são comentários totalmente negativos, até porque a jovem disse que as pessoas de Chapecó são muito racistas. Os mesmos informantes ainda afirmaram na próxima pergunta do questionário, que não gostam de morar em Chapecó, mas que estão na cidade pelas oportunidades de emprego e, principalmente, por ingressarem no

ensino superior público. Os demais informantes dizem gostar de morar na cidade, pois ela é interessante para viver, para crescer e se sentem bem, vivendo no município.

Dando continuidade, na Questão 17, todos os venezuelanos entrevistados comentaram que as pessoas chapecoenses consideram os imigrantes como pessoas boas, gentis, tranquilas, acolhedoras, receptivas, que gostam de conversar, curiosos em certos momentos, etc. Um ponto interessante a ser ressaltado, é que os chapecoenses os tratam como pessoas a mais no convívio, ou seja, pessoas normais. Em nenhum momento comentaram sobre olhares diferentes, como aconteceu nos relatos dos informantes haitianos. Vejamos alguns relatos:

[...] a los venezolanos hemos tenido mucha receptividad, son muy amable con nosotros y les gusta conversar [...] (CaGII-H).

[...] no he percibido [...] aquella discriminación o xenofobia [...]. Normal, otra persona más. Sólo a veces fica, se ponen como sorprendió “venezolano” y “¿Como está Venezuela?”, aquella curiosidad de saber, ¡Sí! Pero normal [...] para saber cómo es allá [...] (CaGI-H).

Bueno, [...] yo veo que son acogedores, personas muy tranquilas, bueno, lo poco que he conocido, muy tranquilos, muy servicial [...] (CbGII-H).

Bien, [...] gracias a Dios hay persona boa, personas que son buenas (CbGI-H).

Bueno, hay unos que nos ven bien y otros que nos ven mal, no los juzgo porque hay muchos venezolanos [...] que da un mal aspecto del venezolano, pero no todos somos iguales, hay otros que nos ve bien y son amables y ríen (CbGI-M).

É perceptível a diferença entre os comentários dos falantes haitianos e dos venezuelanos. Sabemos que cada grupo descreveu seu relato olhando muito para o seu próprio grupo étnico, mas o que chama a atenção diz respeito ao tratamento que as pessoas chapecoenses têm em relação aos haitianos e em relação aos venezuelanos. Assim, existe uma diferenciação de importância e de respeito, e os próprios relatos mostram isso.

Seguindo com o questionário, na Questão 18 questionamos como se sentiam morando em Chapecó e se gostavam de viver na cidade. Todos os venezuelanos responderam positivamente, alguns inclusive com muito entusiasmo. Eles afirmaram que gostam de viver em Chapecó e que se sentem muito bem vivendo no município, pois a consideram uma cidade bonita e segura, gostam do clima e se sentem parte da localidade.

Dando prosseguimento ao questionário, analisamos os dados da Questão 19, “Alguém já disse para não falarem a língua de vocês?”, e da Questão 20, “Já riram de você por causa da língua?”. A partir das informações coletadas, todos os falantes haitianos negaram ambas situações. Alguns comentaram que já passaram pela experiência de estarem com alguém que não entendia o crioulo ou o francês, por esse motivo solicitavam para conversar em português,

justamente para conversar e socializar, mas não que isso tenha acontecido no sentido de regra e de proibição. Apresentamos alguns dos depoimentos:

Não, só que algumas pessoas querem saber, algumas palavras de outra língua, como dizer “bom dia” em crioulo, dizer algumas palavras que querem saber [...] mas alguém vem dizer pra gente não fala tal língua, fala tal, não encontra esse tipo (CaGII-H).

É, mais falou só assim de brincadeira. Só [...] quando está na universidade falando crioulo com outras pessoas, né minhas colegas falam assim, “ah para de falar crioulo, tem que falar português, porque eu quero entender, eu quero saber da fofoca, sabe? Ah, é desse jeitinho. [...] é, da brincadeira (CaGI-M).

Não. As vezes tem pessoas que falam [...] quando eles estão aqui na minha frente e só fala com minha irmã, tipo em crioulo, eles falam [...] “oh [...] fala em português, não entendo nada”, tipo assim, [...] não vão falar “silêncio, você não vai falar crioulo mais, fala português”, não! (CbGI-M).

Notamos que realmente não houve nenhum contexto de negação por falarem sua variação linguística, e que isso pode ser visto como algo positivo frente alguns contextos do passado em que a língua minoritária era proibida. Como Horts (2009) descreve, que as línguas de imigração (por exemplo, o alemão padrão, o italiano e o japonês) foram línguas que sofreram forte repressão vindo do presidente Getúlio Vargas em 1930. Ao lançar uma campanha de nacionalização, o governante decretou que o português seria a única língua falada e ensinada nas escolas de alfabetização.

Sobre as informações dos venezuelanos referentes a alguém negar a variedade linguística, tivemos um caso em específico entre os 8 informantes. A informante CaGII-M explica que o episódio aconteceu no seu ambiente de trabalho, quando ensinava português para crianças indígenas venezuelanas - ensinava-lhes a ler e a escrever, além de noções básicas de matemática.

Si, yo en Manaus, trabajé en el grupo infantil, conocí una muchacha ahí [...] pedagoga [...] ella la llevaron al Petrique [...] para que ella aprendiera cómo era el movimiento con los venezolanos [...] ella era brasilera [...], entonces [...] yo le di una explicación a ella “mírame, no puede enseñar al niño portugués de una sola vez” porque tu no puedes tirar el niño de la cuna una sola vez, para que camine, [...] eso es muy difícil, tu tiene que pausadamente hasta que el niño aprenda [...]. Ella tenía un ego muy alto, porque ya no le gustaba [...] mi forma de trabajar, era diferente, a mi me gustaba que el niño aprendiera por su forma, él mismo [...] entonces, ella se sentía mal [...] llegó delante de todos los niños y representante, dijo “aquí nadie vá hablar español, todo mundo vá hablar portugués porque yo hablo portugués”, yo le dije [...] “para aprender a cantar tenés que saber la letra”, [...] no puedo de una sola vez ponerme a cantar, si no sé la letra. Ella no entendió [...] y yo a ella, no le caí después bien. [...] tuve una serie de muchachito que me dejaron a mi [...] cargo [...], esos niños eran unos de los primeros que sabían leer porque armé un club [...] les encantaba. El grupo que tuvo ella, no llegó ahí [...] yo a cada día, lo incentivaba más [...]. Indígenas venezolanos, necesitaban aprender el portugués, yo me comunicaba español y portugués, para ellos poder entrar en la escuela [...] aquí en Brasil [...]

ellos tenían ya que saber, leer, escribir, sumar y restar [...]. Esa señora, solamente portugués, yo le decía va tener un choque en el aula [...] (CaGII-M).

Destacamos que essa informante é docente e exerceu por muitos anos seu ofício na Venezuela e, portanto, conhecia e possuía experiências em sala de aula com os alunos. Destacamos que pode existir uma forma de escrita específica referente ao projeto “petrique”, mas no momento escrevemos desta forma. No início da sua entrevista, a informante comenta um pouco mais sobre esse projeto, pois era um convênio com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), criado pela ONU e presente no Brasil desde de 1950, cujo objetivo é promover os direitos e o bem-estar das crianças e dos adolescentes.

Dessa forma, o UNICEF se mobilizou para apoiar as crianças venezuelanas e seus familiares em vários aspectos, principalmente na educação. Em 2019, 645 crianças, menores de 5 anos, foram acolhidas para participarem das atividades educacionais, nas quais os docentes eram compostos por venezuelanos e brasileiros. Acreditamos ser importante descrever brevemente o contexto para conhecer a realidade dos trabalhos desenvolvidos com os venezuelanos. A informante CaGII-M comentou também como aconteceu seu ingresso no trabalho. Então, percebemos que o objetivo era ensinar a língua portuguesa às crianças venezuelanas para que, futuramente, entrem na escola regular. A informante explica sua maneira didática em sala de aula, pois acreditava que aos alunos indígenas o ensino deveria ser mais lento, mais pausadamente. Como ela destaca, o ensino na Venezuela seria muito fraco e, portanto, ela encontrou uma maneira de ensinar (intercalando o espanhol e o português) as crianças, sem anular nenhuma variedade linguística. No entanto, percebemos que uma pessoa do seu mesmo ambiente de trabalho faz um discurso de negação em relação à língua espanhola, impondo que, naquele momento, somente o português deveria ser falado.

Frente a essa situação Busse e Sella (2012) destacam que a “fala” se encontra em um jogo de relações de poder e de prestígio. Portanto, identificamos que nesse episódio existe uma relação de poder frente a uma variedade linguística, sendo organizado em três aspectos: (1) a consciência de que nesse ambiente escolar existem línguas ou variedades diferentes na comunicação; (2) a adaptação de uma didática no ensino-aprendizagem para ensinar o português aos alunos, partindo da informante no seu trabalho; e (3) a atitude negativa e de impedimento em relação a uma língua minoritária utilizada na comunicação da maioria das crianças, acontecendo então, uma mudança linguística, vista como regra naquele contexto.

Aguilera (2008) afirma que as atitudes de valorização ou de rejeição de uma variedade linguística em uso são pautadas pelos grupos sociais de mais prestígio social, ou seja, os mais altos na escala socioeconômica que manifestam preferência de *status* e de prestígio da sua

comunidade de fala. Por conseguinte, verificamos que a atitude de rejeição dessa pessoa em específico tem relação com sua posição social no trabalho, uma vez que a informante CaGII-M menciona a personalidade de ego e a não aceitação da sua maneira de trabalhar. Para finalizar, observamos que a partir da sua narrativa da CaGII-M, não ocorre concordância com os comportamentos que aconteceram no trabalho. Como ela mesma diz: “*tu no puedes tirar el niño de la cuna una sola vez, para que camine, [...] eso es muy difícil*” e “*para aprender a cantar tenés que saber la letra [...] no puedo de una sola vez ponerme a cantar, si no sé la letra*”.

Em relação às respostas dos venezuelanos sobre alguém rir por falarem espanhol, todos negaram. Isso aconteceria apenas em algumas situações, como o CaGI-H explicou: “*dependiendo de la palabra que tu vayas decir, modo jugando, no en ese sentido discriminativo, no*”. A partir dessa situação, notamos que falar em espanhol é visto com normalidade, pois em nenhum momento acontece julgamentos por se comunicarem em uma variedade diferente.

Comparando os dados dos dois grupos étnicos alusivos às Questões 19 e 20, identificamos que a maioria (94%) nunca presenciou situações de julgamentos e de avaliações; enquanto que uma informante (6%), a CaGII-M venezuelana, passou pela experiência de não poder falar sua língua, como descrevemos anteriormente.

A Questão 21, pergunta sobre como as pessoas reagem quando escutam uma pessoa falar uma variedade linguística diferente. Os dados coletados com os informantes haitianos mostram que as pessoas reagem normalmente e muitas vezes se colocam como atenciosas, curiosas e surpresas para saber o que eles (haitianos) estão conversando, além de buscarem entender o que os haitianos conversam entre si. Na Questão 22, sobre a presença ou não de vergonha ao falar sua língua, todos negaram, pois se sentem orgulhosos.

Em relação aos dados venezuelanos, no que concerne à Questão 21, os depoimentos foram praticamente parecidos com os dados haitianos, ou seja, é normal as pessoas reagirem com curiosidade ou ficarem surpresas quando escutam aquele espanhol muito rápido. Já sobre a Questão 22, todos os informantes responderam que não tem vergonha de falar sua variedade, apenas em alguns casos específicos, como relata a informante CaGII-M:

[...] si, cuando yo veo que un venezolano, hizo algo malo [...] que los venezolanos se siente humillado [...] se siente mal. [...] vinimos aquí para prosperar, ellos vinieron a arruinar a los demás venezolanos, uno prefiere ser colombiano, argentino chileno [...] ¿Y se te preguntan? ¡Soy peruana! [...]. [...] Hay casos que hemos escuchado, han salido en la noticia [...] cuando dicen ¿Qué venezolano es ese, no sé qué? ¡Yo no hablo! [...]. Yo no soy español [...] son cosas que son muy feo [...] (CaGII-M).

A partir de situações como essa, notamos que a informante prefere não falar espanhol, ou ainda, prefere ser de outra nacionalidade (negar a sua), para não se sentir constrangida por condutas inadequadas de outros venezuelanos. Percebemos então que, a partir dessa situação em particular, a CaGII-M teve uma atitude que reflete no seu comportamento, pois se coloca em uma postura diferente diante da sua variedade linguística. Isto vai ao encontro do que Moreno Fernández (2009) discorre, que uma atitude desfavorável conduz à mudança linguística.

Para a Questão 23, organizamos as informações no Quadro 13 para melhor visualização dos dados e de cada grupo étnico. No Quadro 13 temos a amostra dos informantes haitianos.

Quadro 13 - Questão 23: “Como acha que é seu português?” (Para haitianos)

| Como acha que é seu português? (Para haitianos) | | | | | | | | | | | |
|---|-----------|-----|----------|------|---------|----------------|-----------|-----|----------|------|---------|
| CaGII-H | Excelente | Bom | Razoável | Ruim | Péssimo | CbGII-H | Excelente | Bom | Razoável | Ruim | Péssimo |
| Na fala | | | ● | | | Na fala | | ● | | | |
| Na escrita | | ● | | | | Na escrita | ● | | | | |
| Na leitura | ● | | | | | Na leitura | | | ● | | |
| CaGII-M | Excelente | Bom | Razoável | Ruim | Péssimo | CbGII-M | Excelente | Bom | Razoável | Ruim | Péssimo |
| Na fala | | | ● | | | Na fala | | ● | | | |
| Na escrita | | | ● | | | Na escrita | | ● | | | |
| Na leitura | | ● | | | | Na leitura | | ● | | | |
| CaGI-H | Excelente | Bom | Razoável | Ruim | Péssimo | CbGI-H | Excelente | Bom | Razoável | Ruim | Péssimo |
| Na fala | | ● | | | | Na fala | | | ● | | |
| Na escrita | ● | | | | | Na escrita | | | ● | | |
| Na leitura | | ● | | | | Na leitura | | | ● | | |
| CaGI-M | Excelente | Bom | Razoável | Ruim | Péssimo | CbGI-M | Excelente | Bom | Razoável | Ruim | Péssimo |
| Na fala | | | | | ● | Na fala | | | ● | | |
| Na escrita | | | ● | | | Na escrita | | | ● | | |
| Na leitura | ● | | | | | Na leitura | | | ● | | |

Fonte: Oviedo (2023).

O Quadro 13 descreve os dados obtidos de cada informante haitiano com relação às percepções do seu português (na fala, na escrita e na leitura). Para isso, precisavam dizer/opinar em forma de escala, na qual as sugestões estavam definidas como: excelente, bom, razoável, ruim e péssimo.

Descrevemos os resultados de forma decrescente, tanto dos haitianos quanto dos venezuelanos. De modo geral, os dados mostram que para fala, escrita e leitura, “português razoável” foi a resposta que mais se destacou, obtendo 11 resultados. Depois, temos o “português bom” com 8 respostas, o “português excelente” com 4 respostas, o “português péssimo” com 1 resposta e o “português ruim” com nenhuma resposta.

Assim, 25% dos informantes disseram que sua escrita em português é excelente, já outros 25% acreditam que sua leitura em português é excelente. Isso ilustra que poucos informantes acham seu português “excelente”, ademais, os informantes que mais afirmam isso

são da Ca, isto é, com mais escolaridade. Contudo, isso também quer dizer que a maioria das respostas revelavam que o português está entre “bom” e “razoável”.

Na sequência, no Quadro 14 apresentamos os dados da Questão 23 com as respostas dos venezuelanos.

Quadro 14 - Questão 23: “Como acha que é seu português?” (Para venezuelanos)

| Como acha que é seu português? (Para Venezuelanos) | | | | | | | | | | | |
|--|-----------|-----|----------|------|---------|----------------|-----------|-----|----------|------|---------|
| CaGII-H | Excelente | Bom | Razoável | Ruim | Péssimo | CbGII-H | Excelente | Bom | Razoável | Ruim | Péssimo |
| Na fala | | | ● | | | Na fala | | | ● | | |
| Na escrita | | | ● | | | Na escrita | | | | ● | |
| Na leitura | | | ● | | | Na leitura | | ● | | | |
| CaGII-M | Excelente | Bom | Razoável | Ruim | Péssimo | CbGII-M | Excelente | Bom | Razoável | Ruim | Péssimo |
| Na fala | | | ● | | | Na fala | | | | | ● |
| Na escrita | | ● | | | | Na escrita | | | | | ● |
| Na leitura | | | ● | | | Na leitura | | | ● | | |
| CaGI-H | Excelente | Bom | Razoável | Ruim | Péssimo | CbGI-H | Excelente | Bom | Razoável | Ruim | Péssimo |
| Na fala | | ● | | | | Na fala | | | ● | | |
| Na escrita | | ● | | | | Na escrita | | | | | ● |
| Na leitura | | | ● | | | Na leitura | | | ● | | |
| CaGI-M | Excelente | Bom | Razoável | Ruim | Péssimo | CbGI-M | Excelente | Bom | Razoável | Ruim | Péssimo |
| Na fala | | ● | | | | Na fala | | | ● | | |
| Na escrita | | ● | | | | Na escrita | | | | ● | |
| Na leitura | | ● | | | | Na leitura | ● | | | | |

Fonte: Oviedo (2023).

Ao analisarmos os dados dos venezuelanos, identificamos que eles classificam seu português (na fala, na escrita e na leitura), de modo geral, como “razoável”, obtendo 11 resultados. Em segundo lugar, temos “português bom” com 7 respostas; depois, “português péssimo” com 3 respostas; em seguida, “português ruim” com 2 respostas; e por último, “português excelente” com 1 resposta.

Dessa forma, os venezuelanos com escolaridade de ensino superior classificam seu português como “bom” e “razoável”. É importante destacar que, com base nos dados da pergunta 2 do questionário, todos da Ca frequentaram um curso para aprender a língua portuguesa e, portanto, fica evidente que seu português se encontra nessas escalas. Sobre os resultados da Cb, com base nos depoimentos da pergunta 2, a maioria aprendeu o português na rua, no trabalho e com os vizinhos. Assim, classificam e identificam seu português como “bom” e “razoável”, mas também “ruim” e “péssimo”.

Correlacionando os dados da Questão 23, compreendemos que os haitianos consideram seu português “excelente” e “razoável”, enquanto que aos venezuelanos seu português é “razoável” e “bom”. Além disso, destacamos que mais venezuelanos acreditam em ter um português “péssimo”, pois do lado haitiano tivemos apenas um resultado como “péssimo”. Para

finalizar, de acordo com os dados, destacamos que os haitianos sabem mais português na fala, na escrita e na leitura.

6.2 SEGUNDA PARTE: IDENTIFICAÇÃO DE PADRÕES IDENTITÁRIOS

Dando continuidade às análises, partimos à segunda parte do questionário, abrangendo as Questões 24 até 27. Com relação à Questão 24, perguntamos como os informantes identificam o brasileiro. No Quadro 15 expomos suas respostas.

Quadro 15 - Questão 24: “Como você identifica o brasileiro?”

| | Haitianos | | | | | | | | Venezuelanos | | | | | | | | |
|---------------------|-----------|---|------|---|-------|---|------|---|--------------|---|------|---|-------|---|------|---|--|
| | CaGII | | CaGI | | CbGII | | CbGI | | CaGII | | CaGI | | CbGII | | CbGI | | |
| | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | |
| De pele escura? | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Só fala português? | | | ● | ● | ● | | | | | | | | | | | ● | |
| Confiável? | | | ● | | | | | | ● | ● | | | | | | | |
| Gosta de trabalhar? | | ● | ● | | | | | | | | | | | | | ● | |
| Organizado? | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Amigo? | | | | | | | | ● | ● | ● | | | | ● | | ● | |
| Conversador? | | | ● | | | | ● | | ● | ● | | | | | | | |
| Hospitaleiro? | | ● | ● | | | | | | | ● | ● | ● | | | | | |
| Desconfiado? | ● | | | | | | | | | | | ● | | | ● | | |
| Religioso? | | ● | ● | | | | | | | ● | ● | | | | | ● | |

Fonte: Oviedo (2023).

Quando perguntamos aos informantes como identificam o brasileiro, também apresentamos as sugestões que estão expostas no Quadro 15. As informações descritas mostram comentários muito parecidos dos dois grupos étnicos. As análises acontecem de modo decrescente, ou seja, começamos com as respostas que mais se destacaram até aquelas menos destacadas. Assim, temos como maior destaque a resposta “amigo”, “hospitaleiro” e “religioso”. Em segundo lugar, “conversador” e “só fala o português”. Já em terceiro lugar, “confiável”, “trabalhador” e “desconfiado”. Além dessas respostas, os informantes também mencionaram outras características, como por exemplo: pessoas tranquilas, pessoas amáveis, pessoas sérias e que gostam da sinceridade do outro. Em suma, do lado haitiano, a principal característica para identificar um brasileiro é “só fala português”; enquanto que do lado venezuelano é “amigo”.

Na Questão 25 perguntamos como identificar um venezuelano. No Quadro 16 apresentamos os dados coletados.

Quadro 16 - Questão 25: “Como você identifica o venezuelano?”

| | Haitianos | | | | | | | | Venezuelanos | | | | | | | |
|---------------------|-----------|---|------|---|-------|---|------|---|--------------|---|------|---|-------|---|------|---|
| | CaGII | | CaGI | | CbGII | | CbGI | | CaGII | | CaGI | | CbGII | | CbGI | |
| | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M |
| De pele escura? | | | | | ● | | | | | | | | | | | |
| Só fala espanhol? | | | ● | ● | ● | ● | | | ● | ● | | | | | | |
| Confiável? | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Gosta de trabalhar? | | ● | | | | | | | | | | | ● | ● | ● | |
| Organizado? | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Amigo? | ● | ● | | | | | | ● | | | | | | | | |
| Conversador? | | ● | | | | | | | | | | ● | | | | |
| Hospitaleiro? | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Desconfiado? | | ● | ● | | | | | | | | | | | ● | ● | |
| Religioso? | | | | | | | | | | | | | ● | | | |

Fonte: Oviedo (2023).

De maneira geral, o que mais se destacou foi “só fala espanhol”; em segundo lugar, “gosta de trabalhar” e “desconfiado”; em terceiro lugar, “amigo”; em quarto lugar, “conversador”, e por último “de pele escura” e “religioso”. Os dados do casal de venezuelanos, GaGI, não se encaixaram nas possibilidades apresentadas e por isso não foram preenchidos na tabela. Assim, os informantes falaram que identificam o venezuelano pela “*la manera de vestir, es diferente de la brasileira [...] viste siempre con calza y zapato [...] los brasileiros siempre andan con shorts [...] hay mucha diferencia [...] tu dice ‘aquel es venezolano’ siempre andan con jeans*” (Casal GaGI). Outras características também foram mencionadas, como: pessoas que falam fazendo gestos, pessoas carismáticas, pessoas com bom humor e pessoas amáveis. Desse modo, do lado haitiano, a característica para identificar um venezuelano é “só fala espanhol”, já do lado venezuelano é “trabalhador” e “religioso”.

A Questão 26 seguiu a proposta das duas anteriores, portanto, perguntamos como identificar o haitiano. O Quadro 17 apresenta as respostas.

Quadro 17 - Questão 26: “Como você identifica o haitiano?”

| | Haitianos | | | | | | | | Venezuelanos | | | | | | | |
|--------------------------|-----------|---|------|---|-------|---|------|---|--------------|---|------|---|-------|---|------|---|
| | CaGII | | CaGI | | CbGII | | CbGI | | CaGII | | CaGI | | CbGII | | CbGI | |
| | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M |
| De pele escura? | | | ● | ● | | | | | | ● | | | ● | | | |
| Só fala crioulo/francês? | | ● | | ● | ● | ● | ● | | ● | ● | | | | | ● | |
| Confiável? | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Gosta de trabalhar? | | ● | ● | ● | | | | | | | | | ● | | ● | |
| Organizado? | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Amigo? | | ● | | | | | | | | | | | | | | |
| Conversador? | | | | | | | | | | | | ● | | ● | | |
| Hospitaleiro? | | | | ● | | | | | | | | | | | | |
| Desconfiado? | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Religioso? | ● | ● | ● | ● | | | | ● | | | | | ● | | | |

Fonte: Oviedo (2023).

Conforme os dados obtidos, a característica que mais identifica o haitiano é sua variedade linguística, isto é, “só fala crioulo/francês”; depois, “religioso”; em seguida “gosta de trabalhar”; posteriormente, “pele escura”; após, “conversador”; e, por último, “amigo” e “hospitaleiro”. As informações do casal venezuelano da CaGI não se encaixaram nos dados da tabela, mas disseram que identificam o haitiano pela forma “[...] *de vestir, es único [...] ellos usan mucho colores llamativos, un verde fluorescente, un rosa fluorescente, blanco o amarillo fluorescente, no es un amarillo normal, es fluorescente, tiene que realzar [...]*”. Outras respostas destacadas por eles foram: pessoas alegres e pessoas mais reservadas. Assim, sintetizando, a característica para identificar um haitiano, do lado haitiano, destaca-se “só fala crioulo/francês” e do lado venezuelano, “só fala crioulo/francês”.

Comparando as Questões 24, 25 e 26, a partir dos dados que mais se destacam, os informantes identificam: (1) o brasileiro como amigo, hospitaleiro e religioso; (2) o venezuelano como alguém que só fala espanhol; e (3) o haitiano como alguém que só fala crioulo/francês. Assim, constatamos que os grupos de haitianos e de venezuelanos são identificados a partir de suas variedades linguísticas.

Com relação à Questão 27, perguntamos aos informantes quem mais preserva a língua e seus costumes. De todos os informantes entrevistados, 81% afirmaram que os haitianos são quem mais preservam suas línguas e seus costumes. A partir dos depoimentos, identificamos que as justificativas são de que eles preservam as línguas, pois muitos continuam falando o crioulo e o francês, preparam suas comidas típicas, frequentam igrejas que falam suas variedades linguísticas, realizam as festas típicas, etc. Os outros 19% relataram que tanto os haitianos, quanto os venezuelanos preservam suas línguas e seus costumes. Com base nisso,

concluímos que, mesmo tendo outros resultados, são realmente os haitianos que preservam mais suas línguas e seus costumes.

6.3 TERCEIRA PARTE: O PAPEL DA LÍNGUA NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE

Na terceira parte do questionário analisamos o papel da língua relacionada à cultura. As análises apresentadas posteriormente são feitas de modo conjunto e abordam as seguintes questões: (1) “Acha importante que os filhos aprendam a língua dos pais?” e (2) “As crianças e os jovens vão manter a língua dos pais ou vão falar somente o português?”.

Referente a primeira pergunta, 100% dos informantes afirmaram que é importante que os filhos aprendam a língua dos pais, pois é mais uma língua na comunicação e que pode ajudar no futuro. Ademais, caso um dia esse filho sair de viagem para o país dos seus descendentes familiares ou até mesmo para visitar os familiares que ficaram por lá (como alguns relataram, por exemplo, avô, avó, tios, etc.), a língua não será um obstáculo, pois aprenderam com os pais.

Sobre a segunda pergunta, se as crianças e os jovens vão manter a língua dos pais, os dados obtidos apresentam quatro aspectos diferentes: (1) as mulheres (18,25%) afirmaram que os jovens e as crianças não manterão a língua dos pais; (2) outros (18,25%) relataram que, para manter, dependerá muito do esforço e da dedicação dos pais; (3) outros 31,25% disseram que os jovens e as crianças manterão a língua dos pais; e (4) outros 31,25% responderam que manterão a língua dos pais, mas junto com o português, ou seja, preservarão a sua variedade minoritária e a língua majoritária no cotidiano, em casa, ao se relacionarem com as pessoas, entre outros. Dessa forma, os dados apontam que a maioria dos informantes acredita que os jovens e as crianças conservarão a língua dos seus pais, mas o português também estará presente nesse cenário, uma vez que isso também dependerá muito dos pais ao se dedicarem ou não a falar a sua variedade linguística com os filhos.

Prosseguindo com as perguntas, questionamos os haitianos se deveria haver o ensino de crioulo/francês na escola. Com base nos dados, obtivemos 50% das respostas como afirmativas (ao ensino do crioulo e do francês na escola) e 50% negativas. Sobre isso, 2 informantes da Cb falaram que não era necessário, porque na escola já tem espanhol e inglês como línguas estrangeiras, consideradas as línguas mais faladas do mundo. Outro informante, CaGI-H, comentou que poderia ser uma disciplina optativa aos alunos, mas não obrigatória para todos, ou seja, somente para aqueles que realmente desejam aprender essa variedade. Já o informante

CaGII-H negou essa possibilidade, mas disse que seria bom se os professores falassem um pouco do crioulo e do francês para se aproximarem dos alunos estrangeiros, assim, observamos que esses informantes têm atitudes negativas as suas línguas, por acreditarem que sua variedade não seja importante para o ensino-aprendizagem.

Em sua pesquisa sobre o acolhimento linguístico dos professores de línguas no ensino público de Chapecó³¹, Bertioti (2019) destaca que os professores acham importante ensinar outras línguas aos estudantes (além do inglês), porém existe pouca cultura e valorização em relação às línguas minoritárias no Brasil. Inclusive, conforme as análises da autora, os professores precisam estar mais abertos a novos desafios e mudanças na profissão, pois é perceptível a resistência em relação aos alunos em situação de refúgio. Ainda nessa perspectiva, a pesquisa de Bernieri (2017) analisa as crenças e as atitudes linguísticas de professoras pedagogas, das quais algumas tinham contato com crianças haitianas e outras com crianças falantes do alemão. Uma das perguntas que compunham a pesquisa era sobre a opinião das professoras sobre o ensino de outras línguas, além do inglês: “Duas docentes, que têm contato com alunos haitianos, pensam que seria bom haver na escola o ensino de francês, para que as crianças brasileiras pudessem ter uma maior compreensão sobre a língua e cultura ‘do outro’” (BERNIERI, 2017, p. 142). Dessa forma, a partir desse relato é possível compreender a visão que os professores têm sobre a língua de imigração haitiana.

Retornando aos dados, questionamos os informantes venezuelanos se deveria ter o ensino de espanhol nas escolas. Os resultados foram 100% positivos e os informantes argumentaram que assim os alunos brasileiros poderiam aprender uma língua que é falada em muitos países, inclusive por estarmos rodeados de países hispanofalantes e também para se comunicarem com os venezuelanos na cidade.

Correlacionando os dados, identificamos que os venezuelanos elevam sua variedade linguística, pois acreditam que é uma língua importante para ser ensinada na escola. Já os haitianos não demonstram dessa forma, uma vez que não acreditam que o crioulo e o francês são tão importantes nas escolas.

A Questão 32 foi reformulada para cada grupo étnico, isto é, aos entrevistados haitianos perguntamos como identificam o haitiano e aos entrevistados venezuelanos, questionamos como identificam o venezuelano. No Quadro 18 transcrevemos os dados.

31 Trabalho de conclusão de curso em Letras (português e espanhol) da UFFS, orientado pela Prof^ª. Dr^ª. Cristiane Horst.

Quadro 18 - Questão 32: “Se fosse dizer o que mais identifica um haitiano, diria que é?” (Somente para informantes haitianos) e “Se fosse dizer o que mais identifica um venezuelano, diria que é?” (Somente para informantes venezuelanos)

| | O que mais identifica um haitiano?/ O que mais identifica um venezuelano? | | | | | | | | | | | | | | | |
|------------------------------|---|---|------|---|--------------|---|------|---|--|---|------|---|-------|---|------|---|
| | Haitianos | | | | Venezuelanos | | | | | | | | | | | |
| | CaGII | | CaGI | | CbGII | | CbGI | | CaGII | | CaGI | | CbGII | | CbGI | |
| | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M |
| Suas características físicas | | | | ● | | | | ● | | | | | | | | |
| Sua língua | ● | ● | | | ● | ● | ● | ● | | | ● | | ● | | | |
| Sua música | ● | | ● | ● | | | | | | ● | | ● | | | ● | |
| Sua casa | | | | | | | | | | | ● | | | | | |
| Seu jeito de ser | | | | | | | | | ● | ● | | | | | ● | |
| Sua religião | ● | ● | | | | | | | | | | | | | | |
| Seus hábitos e costumes | | | ● | | | | | | ● | ● | ● | | | ● | | ● |
| Suas festas | | | | ● | | | | | | ● | | | | | | ● |
| Seus nomes | | ● | | ● | | | | | | | ● | | | | ● | |
| Outros | Maneira de se vestir, maneira de arrumar a casa, falar muito alto. | | | | | | | | A forma de estender a roupa no varal, as comidas, gesticular durante a fala. | | | | | | | |

Fonte: Oviedo (2023).

No Quadro 18 observamos as características principais a partir de cada grupo (as quais foram apresentadas para que eles as confirmassem). Dessa forma, aos haitianos, o que mais os identifica é a língua, e aos venezuelanos, os hábitos e os costumes. Na última linha do Quadro 18 também escrevemos outras características que eles ditaram como relevantes: maneira de se vestir e de arrumar a casa, e falar muito alto (haitianos); e a forma de estender a roupa no varal, as comidas e os gestos durante a fala (venezuelanos).

6.4 QUARTA PARTE: GRAU DE BILINGUISMO DOS INFORMANTES

Seguindo com as análises dos dados, na quarta parte do questionário perguntamos aos entrevistados sobre uma situação em que encontrariam um estranho na rua da cidade; e, a partir disso, qual seria a língua de comunicação com essa pessoa. Todos os informantes haitianos disseram ser o português e, a partir daí, a depender da situação, se esse indivíduo contestar em crioulo a conversa seguirá nessa língua. Em resumo, o português seria a primeira língua de contato com essa pessoa. Selecionamos alguns relatos: “[...] como eu moro no lugar que só tem brasileiro, eu falo português (CaGII-H)” e “Português, de fato porque você não sabe qual a língua que a pessoa fala, então qual é a língua que geralmente, que seria a língua comum no

Brasil [...] (CaGI-H)”. Assim, podemos notar que, por estarem no Brasil, a língua falada com esse estranho seria o português.

A mesma pergunta foi feita aos entrevistados venezuelanos. Todos eles também falaram que seria o português a língua de comunicação com uma pessoa desconhecida. Como relata o casal CaGII: “*Portugués, la primera lengua portugués, ay uno se identifica si es brasilera o venezolana, o cualquier otra persona*”. Dessa forma, podemos notar que o primeiro contato definirá a língua a ser usada na conversa, seguindo o mesmo posicionamento dos haitianos.

Na Questão 34 questionamos em que situações os informantes falam o português. No Quadro 19 transcrevemos os comentários de cada entrevistado.

Quadro 19 - Questão 34: “Em que situações você fala o português?”

| Em que situações você fala a língua portuguesa? | | Em que situações você fala a língua portuguesa? | |
|---|--|---|---|
| Haitianos | | Venezuelanos | |
| CaGII-H | Quase todas as situações, no trabalho, no dia a dia, eu encontro só brasileiro [...]. | CaGII-H | Na rua, no banco. |
| CaGII-M | Escola, trabalho, hospital, no mercado, qualquer lugar que precisar falar português. | CaGII-M | Na rua, no banco. |
| CaGI-H | Escola, universidade, [...] loja quando for comprar alguma coisa, na igreja, na viagem, para escrever coisas da faculdade. | CaGI-H | No trabalho, na rua, tudo praticamente. |
| CaGI-M | Na escola, na universidade. | CaGI-M | No trabalho, na rua, tudo praticamente. |
| CbGII-H | No trabalho. | CbGII-H | Na rua, nos ônibus, no supermercado, no trabalho. |
| CbGII-M | No trabalho. | CbGII-M | No hospital, no supermercado, na loja para comprar. |
| CbGI-H | No meio dos brasileiros. | CbGI-H | No trabalho. |
| CbGI-M | Trabalho, na escola. | CbGI-M | No trabalho e questões sobre a escola do filho. |

Fonte: Oviedo (2023).

Notamos que, na maioria das opiniões dos informantes de ambos os grupos, a resposta mais destacada foi falar o português no ambiente de trabalho. Já no Quadro 20 estão descritos os dados da Questão 35 sobre as situações em que falam o crioulo/francês (haitianos) e o espanhol (venezuelanos).

Quadro 20 - Questão 35: “Em que situações você fala o crioulo/francês?” (Para haitianos) e “Em que situações você fala o espanhol?” (Para venezuelanos)

| Em que situações você fala a língua crioulo/francês? | | Em que situações você fala a língua espanhola? | |
|--|---|--|---|
| Haitianos | | Venezuelanos | |
| CaGII-H | Em casa e quando encontro com os haitianos. | CaGII-H | Supermercado, normalmente vamos hablando español para identificar rápido, se nos hace fácil [...]. |
| CaGII-M | Para ajudar os haitianos quando eles não entendem o português, por exemplo, no banco. Vai falar em crioulo. | CaGII-M | Supermercado, vamos hacer tal cosa [...] todos vamos hablando español. |
| CaGI-H | Ao encontrar amigos, vai falar mais em crioulo. Já o francês, quando essa pessoa não sabe falar o crioulo. | CaGI-H | En casa. Cuando hablas con otros familiares o amigos venezolanos, todo español. |
| CaGI-M | Em casa, para falar com amigos aqui ou no Haiti. | CaGI-M | En casa. Cuando hablas con otros familiares o amigos venezolanos, todo español. |
| CbGII-H | Quando se encontra com os haitianos. | CbGII-H | En casa [...] cualquier compañero de trabajo me pregunta [...] en español, yo le contesto en español. |
| CbGII-M | Quando se encontra com os haitianos. | CbGII-M | Todos las situaciones. |
| CbGI-H | Em casa, na rua, com amigos. | CbGI-H | En la casa, con amigos. |
| CbGI-M | Quando se encontra com haitianos, na igreja. | CbGI-M | Todas las situaciones. |

Fonte: Oviedo (2023).

Descrevemos os dados com base nas respostas de cada informante. Portanto, no Quadro 20 temos uma visão geral das situações em que falam sua variedade linguística. Entre as respostas, destacamos que muitos deles falam sua língua com pessoas que também falam, ou seja, com seus familiares e amigos.

Com a Questão 36 buscamos perceber se os entrevistados, quando falam seu português, misturam com outra língua (Questão 36) e, se quando falam o crioulo/francês (para haitianos) e o espanhol (para venezuelanos), misturam com outra língua (Questão 37). No Quadro 21 mostramos os resultados obtidos.

Quadro 21 - Questão 36: “Quando você fala português, mistura com outra língua?” (Para haitianos e venezuelanos); Questão 37: “Quando fala o crioulo/francês, você mistura o português?” (Para haitianos) e “Quando fala o espanhol, você mistura o português?” (Para venezuelanos)”

| Legenda | Haitianos | | | | | | | | Venezuelanos | | | | | | | |
|---------------|-----------|---|------|---|-------|---|------|---|--------------|---|------|---|-------|---|------|---|
| | CaGII | | CaGI | | CbGII | | CbGI | | CaGII | | CaGI | | CbGII | | CbGI | |
| ● Mistura | | | | | | | | | | | | | | | | |
| ○ Não mistura | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M |
| Questão 36 | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ○ | ● | ● | ● | ● | ○ | ● | ○ | ● | |
| Questão 37 | ● | ● | ● | ● | ○ | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ● | |

Fonte: Oviedo (2023).

Os dados da pergunta 36 mostram que a maioria dos haitianos falam seu português e não mistura com outra língua. Todavia, alguns informantes (CaGII-M, CaGI-H e CaGI-M) afirmaram que em alguns casos misturam o português com o crioulo e o francês, principalmente quando conversam com alguém que sabe essas línguas, como amigos e colegas haitianos. Sobre

os venezuelanos, é perceptível que a maioria mistura outra língua quando falam o seu português. Dessa forma, 12,50% dos haitianos misturam o seu português com crioulo/francês e 75% dos venezuelanos misturam o português com o espanhol. Apresentamos alguns depoimentos:

[...] quando eu estou falando com uma pessoa que consegue entendê crioulo ou francês, eu misturo, só se for um haitiano [...] ele vai entender e se for uma brasileira falo direito o português (CaGI-M haitiana).

Algunas si [...] usa una palabra en español porque no sabes cómo se identifican en portugués [...] (CaGI-M venezuelana).

Na Questão 37, a amostra apresenta que 93,75% dos informantes misturam suas línguas minoritárias com o português. Sobre isso, exibimos alguns comentários:

Às vezes aparece algumas palavras em português que faz tempo que [...] tem umas palavras que não falei e falo mais em português, do que crioulo. Às vezes aparece, às vezes (CaGI-H haitiano)

Se sale algunas palabras en portugués, si algunas palabras sale, como ahora [...] suelto algunas palabras (CaGI-H venezuelano).

Em seguida, perguntamos aos informantes qual seria a língua quando pensam (Questão 38), quando falam (Questão 39) e quando sonham (Questão 40). No Quadro 22 apresentamos as informações de cada informante para uma visão geral das respostas.

Quadro 22 - Questão 38: “Em que língua você pensa?”; Questão 39: “Que língua você fala?”; e Questão 40: “Em que língua você sonha?”

| | Haitianos | | | | | | | | Venezuelanos | | | | | | | |
|----------------------|---------------------------|---|------|---|-------|---|------|---------------------------|--------------------|---|------|---|-------|---|------|---|
| | CaGII | | CaGI | | CbGII | | CbGI | | CaGII | | CaGI | | CbGII | | CbGI | |
| | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M | H | M |
| 38- Pensar | ● | ◐ | ◑ | ● | ● | ○ | ● | ◐ | ● | ● | ● | ● | ◐ | ● | ● | ● |
| 39- Falar | ● | ◐ | ◑ | ● | ● | ● | ● | ● | ● | ◐ | ● | ● | ● | ● | ◐ | ● |
| 40- Sonhar | ● | ◐ | ○ | ● | ● | ○ | ● | ◐ | ● | ● | ● | ● | ◐ | ● | ● | ● |
| Leganda Haiti | | | | | | | | Lengenda Venezuela | | | | | | | | |
| ● | Crioulo | | | | | | | ● | Espanhol | | | | | | | |
| ◐ | Crioulo/francês/português | | | | | | | ◐ | Espanhol/português | | | | | | | |
| ◑ | Crioulo/francês | | | | | | | | | | | | | | | |
| ◒ | Crioulo/português | | | | | | | | | | | | | | | |
| ◓ | Crioulo/português/inglês | | | | | | | | | | | | | | | |
| ◔ | Francês | | | | | | | | | | | | | | | |
| ○ | Português | | | | | | | | | | | | | | | |

Fonte: Oviedo (2023).

Em geral, percebemos que os informantes haitianos apresentam uma pluralidade linguística muito diversa das línguas, pois apesar de muitas respostas serem em crioulo, o

francês, o português e o inglês se fazem presentes no seu dia a dia. Inclusive, o português se evidencia nos sonhos e no pensar de alguns informantes. Do lado venezuelano, não foi perceptível muita diferença, pois quase todos ainda pensam, falam e sonham na língua espanhola. Nenhum venezuelano citou o português como única língua principal nesses aspectos, apenas o espanhol e o português juntos, seja para pensar, falar e sonhar.

6.5 QUINTA PARTE: ANÁLISE CULTURAL E METALINGUÍSTICA

A quinta e última parte do questionário trata sobre festas, costumes e tradições familiares de cada grupo investigado e, portanto, apresentamos de forma geral as visões e as opiniões dos haitianos e dos venezuelanos sobre esses temas.

Do ponto de vista dos haitianos, não existe uma festa tradicional haitiana na cidade, ou seja, alguma comemoração celebrada em data específica para todos os habitantes chapecoenses comemorarem/celebrarem juntos. O que existem são festas comemorativas entre eles. Por exemplo, festas de aniversários, de casamentos ou da independência (celebrada em 01 de janeiro, junto com o ano novo). Como diz a CaGI-M, “a gente celebra o ano novo, junto com a nossa bandeira”. Em resumo, são esses os tipos de festividades, nas quais a maioria acredita ser um momento propício e positivo para encontrar os amigos, confraternizar, se sentir em casa, fazer as comidas típicas do país, como banana verde frita, galinha frita, sopa, entre outros. Os informantes acreditam que isso promove uma conexão muito forte com a pátria, como o CaGII-H fala: “a gente tem essa tradição de fazer sopa, porque a sopa é a coisa famosa, quando a gente vê a sopa, isso nos conecta, dá uma conexão muito forte com a nossa história, com a nossa tradição, com tudo [...]”.

Os informantes da Ca comentaram que existe uma comemoração haitiana para a comunidade acadêmica na UFFS (*campus* Chapecó), com objetivo de celebrar o dia da bandeira do Haiti, em 18 de maio. Isso também se torna uma maneira de divulgar a cultura haitiana e de confraternizar esse dia com os estudantes brasileiros. Outro aspecto importante é que, neste evento, existe uma programação especial e no restaurante universitário do *campus* é servido um cardápio com as comidas típicas do país.

Os informantes ainda declararam que não existem entidades (clube, associação, fundação, jornal, revista, etc.) que valorizam a cultura haitiana. Entretanto, todos acreditam que esse movimento seria importante, principalmente, para valorizar e abrir um espaço para uma

comunicação maior com os estrangeiros, afinal, há muitos haitianos vivendo na cidade e essa seria uma maneira dos brasileiros conhecerem melhor a cultura haitiana. Um dos informantes comentou sobre uma rádio no bairro Efapi, na qual se falava em crioulo. Entramos em contato com essa rádio e nos informaram que já existiu esse espaço, mas infelizmente hoje não se tem mais. O projeto aconteceu entre 2019 e 2021 e a programação acontecia aos domingos das 17 horas até às 18 horas, quando se apresentavam rodadas de músicas típicas do Haiti, além de conversas em crioulo.

Na avaliação dos informantes, é preciso haver mais ações para promover os costumes e as tradições haitianas. As sugestões dos informantes envolvem ação por meio de revistas, de jornais e de eventos para mostrar a cultura, a comida e a música, pois seria uma integração de todas as pessoas da cidade. Ademais, todos os haitianos acreditam que aprender o crioulo/francês é importante porque a língua crioula é falada em outros países (além do Haiti) e o francês é uma língua famosa e bonita. Também realçaram que ao aprender as línguas, o brasileiro contribui para fluir a comunicação e para acolher melhor as pessoas estrangeiras da cidade.

Sobre os relatos dos informantes venezuelanos, em relação às festas venezuelanas, eles relatam que já aconteceram muitas festas em Chapecó (SC), porém, alguns não aprovam quando elas terminam em brigas, envolvendo a polícia local. Destacamos que a grande maioria fez esse comentário depois de haver conflitos e discussões em uma grande festa venezuelana em Chapecó (SC). Inclusive, fizemos uma busca rápida nas redes sociais e encontramos convites, estilo folhetos, para essas festas, por exemplo “*Fiesta al estilo Venezolano*”. No entanto, apesar dessas circunstâncias, acreditam ser importante para confraternizar com a cultura, com as músicas venezuelanas, etc.

Outro aspecto analisado foi sobre a existência de entidades (clube, associação, fundação, jornal, revista, etc) que valorizam a cultura venezuelana. Poucos informantes souberam responder essa questão, pois até o momento não viram nada a respeito. Apenas a informante CaGII-M disse que existem revistas, como o UNICEF e o ACNUR, que descrevem a Venezuela. Nelas, é apresentada a situação econômica, a realidade vivida por muitos venezuelanos, as dificuldades de emprego, de comida, e como as pessoas estão ajudando os estrangeiros. A informante ainda relata que:

[...] hay una escuela aquí que salió en internet [...] cantan el himno de aquí de Brasil, y una sola estrofa cantan de Venezuela, con la bandera de Venezuela. [...] aquí de Chapecó, lo leí en facebook, yo no quería creer [...] yo la leí como 04 veces porque yo no podía creer [...] por lo menos incentivan, eso es la idea [...] un pedacito de venezuela (CaGII-M).

Observamos que, apesar dos informantes não conhecerem entidades ou organizações que valorizam a cultura Venezuelana, a cultura está sendo promovida nas escolas, pois muitas crianças e adolescentes venezuelanos frequentam a escola e isso mostra a integração e a valorização que se têm em relação aos estrangeiros da cidade. Alguns entrevistados sugeriram que, para manter e promover a língua, todas as escolas deveriam ter uma disciplina de língua espanhola. Assim, os estudantes poderiam conhecer não só a cultura venezuelana, mas de vários outros países hispanofalantes. Por último, todos destacaram a importância de falar o espanhol, como o CaGI-H: “[...] *Brasil está rodeado de puro países latinoamericanos, Venezuela, Ecuador, Perú, Chile, Argentina, Uruguay, Paraguay, todos ellos hablan español, sería bueno también que Brasil hablará también un poquito, tuviera las dos lengua aunque sea [...] pero debería conocer un poquito de español [...]*”.

6.6 SEXTA PARTE: GRUPO DE CONTROLE

Apresentamos nesta seção a amostra obtida sobre o grupo de controle realizada por meio de entrevistas com dois casais ítalo-brasileiros, sendo um casal mais velho (GII) e um mais novo (GI). Procuramos averiguar o comportamento das crenças e das atitudes linguísticas desses informantes em relação aos imigrantes haitianos e venezuelanos que estão presentes na localidade de Chapecó (SC).

6.6.1 Casal: GII - Topostáticos

Os informantes que compõem o casal da GII são naturais de Trindade do Sul (RS). Eles viviam na mesma comunidade, mas após se casarem, se mudaram para Chapecó (SC) em 1995, porque a vida no interior era muito difícil. Assim, vieram em busca de uma vida melhor.

Quando chegaram à cidade chapecoense, começaram a trabalhar no frigorífico até se aposentarem. O homem trabalhou 25 anos na empresa e com mais 10 anos de trabalho no

interior conseguiu a aposentadoria. A mulher também conseguiu a aposentadoria pelas mesmas circunstâncias, com 21 anos de empresa e 9 anos no interior.

De acordo com o depoimento, como não tinham estudo, a única possibilidade para ganhar uma renda era trabalhar no frigorífico. Os informantes descrevem como um trabalho muito pesado, mas que no decorrer dos anos conseguiram um cargo melhor na empresa. Porém, sentiram que a saúde estava sendo prejudicada e, portanto, decidiram parar assim que conseguiram se aposentar. Este casal vive há 28 anos no município e não tem filhos.

6.6.2 Casal: GI - Topodinâmicos

Sobre o casal da GI, o homem nasceu em Chapecó (SC) e se criou na Comunidade Linha Simonetto, também em Chapecó (SC). Ele saiu dessa comunidade quando tinha aproximadamente 10 anos. Seu pai, natural do Rio Grande do Sul, trabalhava como madeireiro, o que na época era um ramo muito forte na cidade. Esse informante já morou no estado de São Paulo, devido ao trabalho, mas hoje vive em Chapecó (SC) e trabalha com marcenaria. Já a mulher é natural do município de Arvoredo (SC), que fica a 30 km de Chapecó. O pai dela sempre foi agricultor, mas ela saiu da sua localidade para estudar. Faz 22 anos que ela reside no município de Chapecó (SC) e trabalha como técnica de enfermagem. Este casal tem dois filhos.

6.6.3 Análise dos dados

A primeira pergunta do questionário para o grupo de controle procura analisar o que eles pensam sobre a imigração recente em Chapecó (SC). O casal da GII apresentou dois aspectos sobre esse assunto: (1) é bom os imigrantes estarem na cidade devido à mão de obra, pois existe muita demanda nas empresas frigoríficas da cidade e, portanto, precisam de pessoas para trabalhar nesse setor; (2) os imigrantes sobrecarregam o sistema, como o posto de saúde do bairro que muitas vezes não consegue atender a todos (sempre com muita fila, falta de assistências para essas pessoas) e também porque nem todos conseguem trabalho, uma vez que

as empresas hoje em dia são mais rígidas com seus requisitos (não querem pessoas de mais idade ou doentes); os informantes também mencionaram a questão do aluguel, pois eles entendem que os estrangeiros, além de construírem uma vida melhor, também precisam colocar comida dentro de casa, afinal, alguns com muitos filhos e uma família grande. Na citação abaixo, a GII-M³² explica essa situação.

É complicado [...] porque eles também têm bastante crianças [...] uma mãe que tem os filhos pequenos, tu sabe né, que precisam das coisas e você não tem pra dar. Os governantes abrem as portas para vim, mas eles não estão correndo atrás. Só que tem bastante desigualdade no nosso Brasil, porque muitas pessoas que vão na porta de uma empresa fazer uma ficha, “aí você não bate com os requisitos da empresa”, daí como que fica, a pessoa precisa de viver. E outra, as pessoas também que tem uma casa para alugar, ele vai alugar uma casa, mas ele precisa receber o aluguel. E eles têm um jeito assim, que hoje eles estão aqui e amanhã eles estão lá, então é bem complicado [...] eles sofrem também porque tu vê chegar em um lugar e não ter as condições de viver com dignidade é difícil (GII-M).

Os comentários do casal da GI foram muito parecidos com os da GII. Eles falaram que o fato dos imigrantes estarem em Chapecó (SC) ajuda na questão de mão de obra que as empresas demandam. No entanto, não acham agradável a vinda de muitas pessoas diferentes, por exemplo, no bairro em que moram têm várias crianças nas ruas e muitos venezuelanos ainda não trabalham. De acordo com a informante GI-M, “[...] muitas raças misturadas mas não sei assim, achava que não era tão legal [...]”. Observamos que essa informante reage de forma negativa aos diferentes habitantes que estão presente no município, apesar de referir-se as pessoas, podemos fazer uma alusão a língua falada por essas pessoas, pois, como ela reagiu de forma negativa sobre a multiplicidade de indivíduos, de certa forma, ela também demonstraria certa resistência a pluralidade linguística falada na comunidade. Notamos que os dois casais concordam que é positivo os imigrantes estarem no município para suprir a linha de produção das indústrias, porém ressaltaram essas circunstâncias.

A segunda pergunta diz respeito sobre essa nova imigração ser igual às outras imigrações do passado, como dos italianos, dos alemães, dos poloneses, etc. O casal da GII afirmou que não é igual e explicou que, por serem descendentes de italianos, entendem que os italianos e os alemães desbravaram a localidade quando chegaram, no sentido de construir lavouras juntamente com suas famílias e fixar raízes. Já em relação aos imigrantes haitianos e venezuelanos, o casal opinou que 95% deles não vão ficar (a partir da experiência no seu ambiente de trabalho), uma vez que muitos haitianos já foram embora para outros países, por

32 Utilizamos a nomenclatura GII-M quando queremos nos referir somente à fala da mulher, assim como GII-H para identificar somente o homem. O mesmo é feito para o casal da GI, por exemplo: GI-H e GI-M.

exemplo, Estados Unidos. Para finalizar, ambos comentaram que esses imigrantes não são como os de antigamente, pois eles estão no país temporariamente, ou seja, em alguns anos mudar-se-ão para outra cidade, estado ou até mesmo país. Com relação ao casal da GI, eles também acreditam que essa imigração não é igual às do passado, pois estas construíram a cidade de Chapecó (SC) e aquela apenas fortalece as indústrias. Vemos então, opiniões com muitas afinidades sobre essa questão analisada. Para confirmar o que o casal da GII disse, sobre os imigrantes haitianos estarem migrando para outros lugares, a mesma fala se repete com o informante haitiano da CaGII-H, quando ele comenta que muitos já foram embora da cidade e aqueles que ainda ficaram, estão esperando o momento para ir embora também.

Depois, investigamos o que eles pensam das pessoas que falam outra língua em casa. Ambos os casais destacam que é importante falar outra língua no entorno familiar e relatam suas experiências. Como eles são ítalo-brasileiros, tiveram contato com a língua italiana por meio dos familiares, como avós. O casal GII teve um contato maior com a língua italiana, mas hoje quase não falam essa variedade porque ela foi se perdendo no decorrer dos anos e o português se tornou a principal língua falada entre eles e na família.

Na quarta pergunta, questionamos “Como as pessoas reagem quando ouvem alguém falar uma língua diferente?”. Ambos os grupos falaram que tentam entender e têm curiosidade para saber o que estão falando, se referindo tanto ao grupo haitiano quanto ao venezuelano. O GII-H relata que no início, quando os haitianos começaram a frequentar o frigorífico, a comunicação era muito difícil, mas logo “se criou um jeito”, uma maneira de conversar para que eles pudessem entender os brasileiros e os brasileiros a eles. Afinal, muitos ainda não falavam o português e, portanto, às vezes era necessária a ajuda de algum haitiano para traduzir e fluir a comunicação, e muitas vezes acontecia uma troca para aprender a língua do outro: “até nós pedia né, eles ensinavam nós a dizer as palavras” (GII-H). Inclusive, nas análises com os informantes haitianos e venezuelanos, na Questão 21, eles afirmaram que as pessoas realmente tinham essa curiosidade e procuravam entender o que eles conversavam entre si, confirmando os dados obtidos com os casais.

Em seguida, questionamos qual seria a reação deles frente a essa variedade diferente e se eles se sentiam ofendidos quando falam uma língua que não entendem. De acordo com os dados, a reação de ambos os grupos é prestar atenção, tentar ajudar e se comunicar. Os casais GII e GI não se sentem ofendidos quando as pessoas falam uma língua diferente que não entendem. Apenas a GI-M destacou que às vezes se sente desconfortável quando tenta entender o que querem falar, mas não consegue ajudar. Acreditamos que isso possa acontecer muito no

seu ambiente de trabalho com os pacientes, pois como trabalha no hospital, atende muitos imigrantes neste espaço.

A sexta pergunta analisada era: “Como você se sente em relação aos haitianos e venezuelanos, quando eles falam as línguas deles perto de você?”. O casal da GII afirmou que eles não têm preconceito e se sentem confortáveis sobre essa situação. Já o casal da GI, apenas a mulher se sente estranha, pois ela não sabe se estão falando dela ou algo parecido, assim vemos que é uma reação frente a um acontecimento. Em outras palavras, a partir do caderno de campo, parece que ela tem certa preocupação quando isso acontece.

Na próxima pergunta investigamos se os informantes se incomodam quando alguém que fala o alemão, o italiano ou uma língua indígena perto deles. Todos negaram essa situação, pois acham legal, divertido escutar, até para aprender alguma palavra nessa língua. Ademais, se a pessoa fala essa variedade, por exemplo, o italiano, “[...] ele tem direito dele se expressar do jeito que eles sabem e nós também temos que respeitar [...]” (GII-M), isto é, respeitar a variedade linguística do outro.

Seguindo com o questionário para o grupo de controle, perguntamos: “Se for um haitiano ou venezuelano falando perto de você, se incomoda? Por quê?”. O casal da GII afirmou que não se incomoda e relata que conviveram diariamente com os haitianos há mais de 10 anos no mesmo ambiente de trabalho, ou seja, ambos presenciaram toda a integração, a vinda deles à cidade e também a vinda dos venezuelanos, no último ano de empresa, antes da aposentadoria. O casal da GI informou que também não se incomoda se esses grupos étnicos falam suas variedades linguísticas.

A próxima questão analisada aborda se eles acham importante falar o crioulo/francês. Sobre o casal da GII, a mulher disse que não tem interesse em aprender essas línguas, já o homem acha importante aprender pelo menos o básico para conversar com esses imigrantes para não ter tanta dificuldade. Com relação ao casal da GI, o homem disse que não tem interesse em aprender, enquanto que a mulher disse que gostaria de aprender o francês, por questões de viagens para outro país e também para conversar com os haitianos que sabem o francês. A partir disso, verificamos que dois informantes querem aprender uma língua para conversar com os estrangeiros e fluir uma comunicação sem muitas dificuldades.

Ao serem questionados sobre a importância de aprender o espanhol, o casal da GII disse que sim, que é uma língua mais fácil de aprender e de entender se comparada ao crioulo e ao francês. No casal da GI, somente a mulher acha importante aprender a língua espanhola, enquanto que o homem disse que não tem interesse.

A penúltima pergunta envolvia o interesse em aprender alguma língua de imigração. O casal mais velho disse que seria bom aprender mais uma língua, mas não especificou qual língua seria. O GII-H disse o seguinte:

[...] você aprender nunca é demais porque daí você tem um jeito de se comunicar com as pessoas né, porque vai chegar um tempo [...] o povo vai tá tudo junto [...] já tá aí, olha ali ó, quantos haitianos têm em Chapecó, quantos venezuelanos, quantos tem de outros lugares que vem, então nós estamos vivendo uma convivência que estamos todos juntos né, vai saber mais pra frente como que não vai ser (GII-H).

Desse modo, notamos como o informante GII-H se posiciona. Percebemos que ele acredita ser importante aprender a falar mais de uma língua. No casal da GI, o homem especificou qual língua gostaria de aprender: “Preferia italiano por causa da minha descendência e o que mais me cativa né! Que vai que um dia a gente até tem vontade de conhecer a Itália, descendentes nossos né? [...]”. A partir do seu comentário, identificamos que esse informante gostaria de aprender o italiano, pois isso fala muito sobre sua identidade como ítalo-brasileiro, no entanto, quando um indivíduo se posiciona de forma positiva diante de uma variedade, ele se reveste de uma identidade que o diferencia de um grupo (SILVA; AGUILERA, 2008). Assim, como mencionado anteriormente, ele não tem interesse em aprender outras línguas, como o crioulo, o francês e o espanhol, apenas o italiano.

A última questão envolvia saber qual língua se deve falar no Brasil. Nas citações apresentamos os depoimentos de cada casal.

GII-H: Eu acredito que português, Brasil.

GII-M: Nós brasileiros tem que ser brasileiro né.

Casal GI: Português.

Sobre esse tema, Bagno (2015) afirma que esse é um dos grandes mitos quando se pensa sobre o português falado no Brasil. Os informantes pensam de forma arraigada sobre a nossa cultura, tendo tão presente os falares dos nossos imigrantes na cidade. O autor ainda destaca que não reconhecer a diversidade do português, também é uma forma de negar o multilinguismo presente no nosso país, afinal, são faladas mais de 200 línguas diferentes. Entre elas, estão línguas indígenas, línguas europeias, línguas asiáticas, línguas de contato, línguas africanas, línguas de sinais, entre outras. De fato, é verídico que no Brasil o português seja considerado como o mais falado pela maioria da população, porém esse mesmo português apresenta muita

diversidade e variabilidade, como o próprio autor destaca, a língua portuguesa é um grande “balaio de gatos”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou descrever as crenças e as atitudes linguísticas dos imigrantes haitianos e venezuelanos oriundos de imigração recente na cidade de Chapecó (SC), além disso, também apresentamos as informações obtidas no grupo de controle, para investigar como eles pensam, ou seja, quais foram suas atitudes em relação aos novos grupos étnicos presentes na cidade. Para isso, a partir dos objetivos que orientam todo o trabalho, apresentamos as considerações finais.

No primeiro objetivo específico, analisamos a partir da dimensão diastrática, como a escolaridade da Cb (menos estudo) e Ca (mais estudo) influencia o comportamento do informante em relação às suas variedades linguísticas. A hipótese era que a classe de menor escolaridade usasse mais sua variedade de imigração, pois os mais escolarizados tendem a aproximar sua fala à variedade padrão, neste caso o português. Conforme as análises, do lado haitiano, todos os informantes sabem falar três ou mais variedades linguísticas, entre elas, o português, o crioulo e o francês, assim, notamos que essas variedades estão presentes em vários âmbitos na vida dos haitianos. Neste grupo em questão, todos conseguem se comunicar em crioulo, quando estão com a família, quando encontram alguém que é haitiano(a), com os amigos, com os filhos, na igreja, em casa, no trabalho, dessa forma, vemos que a língua crioula está bem presente em vários contextos do dia a dia. Já o português também se mostra presente, porém não há diferença em relação a variedade dominante, com a variedade minoritária, pois as três variedades linguísticas são faladas. Dessa forma, não foi possível afirmar que somente os da classe baixa falam sua língua de origem, pois, todos falam o crioulo e o francês. Agora em relação aos informantes venezuelanos, percebemos que a Cb fala mais a sua língua de imigração, ou seja, o espanhol se mostra mais presente em vários contextos, desde a relação com a família até como “a língua que mais gostam de conversar”, enquanto que na Ca, o português se apresenta como “a língua que mais gostam de conversar”, com objetivo de criar laços de amizades com os brasileiros. Outro ponto também analisado é que todos da Ca, procuraram cursos para aprender o português e pode ser que, através do ensino-aprendizagem tenham criado afinidades com a língua dominante e por isso a falam em vários contextos. Para concluir, a hipótese foi confirmada em partes, ou seja, somente o grupo venezuelano da classe baixa fala mais sua língua de imigração e a classe alta, fala mais a língua majoritária, como apresentado por Labov (2008).

No segundo objetivo específico, descrevemos com base na dimensão diageracional, qual geração, se a GI ou a GII, apresenta maior manutenção ou substituição das línguas de imigração. A hipótese apresentada é que a GI use com maior frequência a língua portuguesa, do que a GII. Conforme as análises coletadas, conseguimos analisar que os da GI mantêm mais a língua de imigração, desde aspectos como sentimento de nacionalidade, pois os jovens, tanto os haitianos, quanto os venezuelanos, prevalecem com o sentimento de pertencimento a sua nação de origem. Já a GII, acontece ao contrário, eles se ambientam ao lugar que vivem, ou seja, estão muito mais flexíveis às mudanças, apesar dos haitianos estarem a mais tempo no Brasil, os venezuelanos também se mostram flexíveis, mesmo vivendo pouco tempo no país, se sentem como brasileiros e gostam de conversar na língua majoritária. Para finalizar, os dados apresentam o contrário da nossa hipótese, ou seja, Margotti (2004) afirma que as pessoas mais jovens são consideradas inovadoras e por isso, preferem usar as variedades com maior prestígio social, consequentemente, os mais jovens favorecem na difusão do português, se comparados com as pessoas mais velhas. Bernieri (2017), fala que a geração mais jovem apresentam atitudes menos favoráveis a variedade minoritária, pois preferem usar uma variedade de maior prestígio porque podem surgir oportunidades no seu ambiente social, dessa forma, notamos que os jovens nesta pesquisa favorecem sua língua de imigração, apesar de todos falarem a variedade do português em vários contextos do seu dia a dia, assim, De Heredia (1989) fala que a identidade cultural de origem está associada a fidelidade linguística, prevalecendo uma conexão maior com sua língua e o uso que fazem dela, entre familiares e amigos. Podemos dizer que, apresentamos aqui dados diferentes ao estudarmos especificamente esses dois grupos étnicos. Verifica-se que, os mais velhos apresentam pouco vínculo em relação a sua identidade de origem, talvez por estarem mais familiarizados com a localidade, as pessoas, o trabalho etc. Apesar desses resultados, todos da GI e GII, afirmam ser importante aprender as línguas minoritárias, neste caso, o crioulo, o francês e o espanhol.

No terceiro objetivo específico, verificamos na dimensão diasssexual o comportamento linguístico dos informantes homens e mulheres. A partir da nossa hipótese acreditamos que as mulheres falam mais a língua nacional. De acordo com a nossa amostra, as mulheres haitianas mostram-se mais flexíveis para falar o português, inclusive ressaltam a ideia de falar o português com os filhos. Conforme os resultados nas questões 39, 40 e 41, as mulheres haitianas pensam, falam e sonham mais no português que os homens, juntamente com outras línguas, como o crioulo e o francês. Os dados das mulheres venezuelanas, também apresentam quase que os mesmos resultados, porém em menor proporção, se comparados com os dados das mulheres haitianas, assim, elas também pensam, falam e sonham em espanhol, juntamente com o

português. Essas informações se destacam ao compararmos os dados em relação aos homens, na qual utilizam mais a língua de origem. Assim, nossa hipótese se confirma, de acordo com Labov (2008), na qual as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis para o padrão de prestígio.

No quarto objetivo específico, averiguamos na dimensão diafásica, qual dos grupos étnicos apresenta mais o *code-switching* durante as entrevistas compostas por um questionário metalinguístico pluridimensional e por uma conversa semidirigida. Nossa hipótese era que os empréstimos linguísticos poderiam acontecer mais com os informantes venezuelanos, por estarem menos tempo no Brasil e por terem ainda, pouco contato com o português, se comparado ao tempo que os haitianos estão no país. Dessa forma, destacamos que durante as entrevistas, os informantes venezuelanos falaram palavras de empréstimos linguísticos, inclusive no decorrer das análises, na qual transcrevemos seus depoimentos, é possível notar certas palavras do português na conversa em espanhol. No entanto, os dados coletados com os informantes haitianos quase não apresentam o *code-switching* durante suas falas e relatos ao questionário. Dessa forma, também confirmamos nossa hipótese através da questão 38, na qual informa que 75% dos venezuelanos misturam seu português com o espanhol e os haitianos, apenas 12,50% misturam o português com o crioulo/francês. Assim, para finalizar, Thun (1996) afirma que nas conversas dirigidas e nas respostas ao questionário, o informante pode realizar atuações linguísticas mais espontâneas e livres, podendo acontecer o *code-switching*.

No quinto objetivo específico, compreendemos as percepções sobre as crenças e as atitudes do grupo de controle em relação aos imigrantes haitianos e venezuelanos na cidade. A hipótese era estudar se o grupo de controle revela algum comportamento de atitude linguística frente aos grupos estudados. Assim, percebemos que o casal da GII e o casal GI, afirmam que essa imigração recente não é igual as imigrações do passado e que eles (haitianos e venezuelanos) estão aqui na cidade temporariamente, dessa forma, notamos as reações dos informantes frente a essa questão. Apenas uma informante teve uma atitude negativa em relação às diferentes pessoas que vivem na comunidade. No entanto, ambos os casais não se sentem desconfortáveis quando os haitianos e os venezuelanos falam sua variedade linguística perto deles. Observamos que os informantes do grupo de controle têm pouco interesse em aprender uma língua estrangeira, neste caso, o crioulo, o francês e o espanhol, desse modo, vai de encontro com o depoimento do informante haitiano CaGI-H quando ele diz que, são poucas as pessoas que realmente querem aprender o crioulo, visto que o francês é a língua que desperta mais o interesse das pessoas, por considerarem uma língua mais bonita. Para finalizar, vimos que ambos os casais apresentam suas visões e opiniões sobre o outro (imigrantes), conseguimos de certa

maneira entender certas situações como por exemplo, na primeira pergunta, em que relatam sobre o que pensam da imigração recente em Chapecó e vimos que os dados se aproximam muito. Dessa maneira, tanto a GII e a GI, apresentam dados semelhantes em toda a análise, porém, revela de certa forma os comportamentos e suas reações aos grupos étnicos estudados, assim o falante mostra sua ideologia, ou seja, “[...] revela o comportamento de um falante diante da linguagem de outro e é, pois, um fato de atitude linguística” (LEITE, 2022, p. 13-14).

Para encerrar, a partir dos dados analisados tanto os haitianos, quanto os venezuelanos, apresentam crenças e atitudes positivas referente as suas línguas minoritárias, outro ponto positivo, que ambos os grupos mantêm no ambiente familiar e fora dela, sua variedade linguística, diferente do grupo de controle que deixou de falar o seu italiano.

Assim, observa-se que cada grupo étnico analisado apresenta características únicas, principalmente, sobre sua língua, seus costumes e tradições. Com este trabalho, tentamos escrever um pouco sobre cada grupo pesquisado e as situações que envolvem a saída dessas pessoas para outro país. A partir das análises conseguimos entender como os informantes se posicionam diante das situações que apresentamos no questionário pluridimensional, além de entender sobre suas crenças e atitudes linguísticas. Em resumo, espero que este trabalho possa auxiliar outras pesquisas, não apenas ao tema em questão, mas conhecer mais de perto a diversidade linguística encontrada na cidade de Chapecó (SC).

REFERÊNCIAS

- ACNUR. Brasil se torna o país com maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos na América Latina. **ACNUR**. Brasília: UHNCR/ACNUR, 2020. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/01/31/brasil-torna-se-o-pais-com-maior-numero-de-refugiados-venezuelanos-reconhecidos-na-america-latina/>. Acesso em: 01 jun. 2022.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 105-112, maio-ago. 2008.
- ALKMIM, Tânia M. Sociolinguística: Parte I. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O conceito de língua materna e suas implicações para o bilingüismo (em alemão e português). **Martius-Staden-Jahrbuch**, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.
- ANDREOLA, Neuri José. **Os brasileiros e os estrangeiros: as relações de sociabilidade entre o grupo de brancos e o grupo de negros “em um bairro de Chapecó”**. 2015. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2015.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language Contact and Bilingualism**. Amsterdam University Press: Amsterdam Academic Archive, 2005.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.
- BARROS, Allyne Fernandes Oliveira; MARTINS-BORGES, Lucienne. Reconstrução em Movimento: Impactos do Terremoto de 2010 em Imigrantes Haitianos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 1, p. 157-171. jan-mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003122016>
- BERNIERI, Simone Raquel. **Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias: alemão em São Carlos/SC e italiano em Coronel Freitas/SC**. 2017. 187 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Curso de Pós-Programa em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.
- BERTIOTTI, Julia do Nascimento. **Multilinguismo na escola: Crenças e atitudes linguísticas de professores de língua para/com imigrantes refugiados em escolas públicas de Chapecó**. Orientadora: Cristiane Horst. 2019. 25 f. TCC (Graduação) Curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. **SIGNUM: Estud. Ling**, Londrina, n. 18/1, p. 102-131, jun. 2015. DOI: 10.5433/2237-4876.2015v18n1p102.

BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Dispõe sobre a Lei de Migração. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2017.

BUSSE, Sanimar. Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná/ALERO: uma descrição preliminar do movimento diatópico e diastrático da fala. **SIGNUM: Est. Ling.**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 123-144, jul. 2009.

BUSSE, Sanimar. SELLA, Aparecida Feola. Uma Análise das Crenças e Atitudes Linguísticas dos Falantes do Oeste do Paraná. **SIGNUM: Estud. Ling**, Londrina, n. 15/1, p. 77-93, jun. 2012.

CARDOSO, Suzana Alice. Dialectologia. In: JUNIOR, Celso Ferrarezi; MOLLICA, Maria Cecília. (Org). **Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução**. 1. ed. Contexto, p. 9-22, 2016.

CERNO, Leonardo. **Porugués, español, alemán y brasileiro**. Lenguas y variedades en contacto en el alto Uruguay (Misiones, Argentina). Avá 34 - Junio 2019.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2020, p. 141-157.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Revista Eletrônica de Linguística: Domínio de Lingu@agem**, v. 4, n. 2, p. 173-194. 2010. ISSN 1980-5799.

CORBARI, Clarice Cristina. Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR). **SIGNUM: Estud. Ling**, Londrina, n. 15/1, p. 111-127, jun. 2012.

CORBARI, Clarice Cristina. **Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do sudoeste**. 2013. 259 f. Tese (Doutorado em Letras) - Curso de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Universidade Nacional Autónoma de México, 1982.

COSTA, Pe Gelmino A. Haitianos em Manaus: dois anos de imigração - e agora! **TRAVESSIA-Revista do Migrante**, n. 70, p. 91-98, jan-jun. 2012.

DE HEREDIA, Christine. Do bilingüismo ao falar bilíngüe. In: VERMES, Geneviève & BOUTET, Josiane [orgs.]. **Multilingüismo**. Trad. Celene M. Cruz et al. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, 1989. p. 177-220.

DUARTE, Júlio César Martins. **O papel do exército brasileiro na crise dos refugiados venezuelanos**. 2019. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Centro Universitário do Sul de Minas, Salvador, 2019.

FISHMAN, J. A. **The sociology of language: an interdisciplinary social science approach to language in society**. Rowley: Newbury, 1972.

FORNECK, Elisandra. **De fábricas de banha a agroindústrias internacionais: a construção da cultura agroindustrial de Chapecó**. Chapecó, p. 26, 2021.

GORENDER, Jacob. O épico e o trágico na história do Haiti. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, abri. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100025>. Acesso em: 16 jun. 2022.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Work. pap. linguíst**, v. 10, p. 73-91, Florianópolis, jan-jun., 2009. Disponível em: [Vista do Variação linguística e ensino de gramática \(ufsc.br\)](http://Vista.do.Variacao.linguistica.e.ensino.de.gramatica.ufsc.br). Acesso em: 13 jun. 2022.

HASSELSTRON, Munick Maria. **Línguas de imigração em contato com o português no oeste catarinense: crenças e atitudes linguísticas**. 2018. 149 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018.

HITZ, Nilse Dockhorn; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas em contexto de línguas em contato. **Web Revista Sociodialeto – NUPESDD / LALIMU**, v. 7, n. 20, p. 249-270, nov-fev. 2017.

HORST, Cristiane. A situação da alfabetização dos falantes de línguas de imigração no contexto brasileiro. **Revista Contingentia**, v. 4, n. 2, novembro, p. 73–84, 2009.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó. **Línguas em contato no Sul do Brasil: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisch**. p. 367- 383, 2012.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó. Desafios de uma educação plurilinguística em um país que se diz monolíngue: um estudo de caso. **Revista Linguagem & Ensino**, [S.L.], v. 23, n. 4, p. 1274-1296, 6 nov. 2020. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15210/rle.v23i4.18946>.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó; FORNARA, Ana Elizabeth. Estratégias de manutenção e revitalização linguística no Oeste Catarinense. **Revista Organon**, UFRGS, v. 32, n. 62, 2017. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/72292/42108>. Acesso em: 20. jun. 2022.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó; FUNKLER, Débora Isabel. Crenças e atitudes linguísticas de falantes ítalo-brasileiros em Chapecó-SC. **Web - Revista Sociodialeto - NUPESDD / LALIMU**, v. 7, n. 20, nov-fev. 2017. ISSN: 2178-1486.

HUMAN RIGHTS WATCH. Relatório mundial 2021: Venezuela. 2021. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2021/country-chapters/venezuela>. Acesso em: 29 mai. 2022.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades e Estados, Chapecó. 2021. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/chapeco.html> >. Acesso em: 20 jun. 2022.

JOSEPH, Handerson. A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório. In: **Periplos – Revista de Investigación sobre Migraciones**. Dossiê: Imigração Haitiana no Brasil: Estado das Artes, Brasília, v. 1, n. 1, p. 7-26, jun. 2017.

KAUFMANN, Goz. Atitudes na Sociolinguística Aspectos Teóricos e metodológicos. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs). **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte, Editora UFMG, p. 121-156, 2011.

KERSCH, Atitudes dos falantes bilíngues da área de fronteira entre Brasil e Uruguai a partir de dados do ADDU. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs). **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte, Editora UFMG, p. 397-421, 2011.

KRUG, Marcelo Jacó. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante-RS**. 2004. 131 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) Curso Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

KRUG, Marcelo Jacó. **Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Missões no Brasil e Misiones na Argentina (ALCF)**. FAPERGS/UFRS, 2013.

KUSY, Adriane. **O contato linguístico português e espanhol na fronteira Brasil-Argentina: crenças e atitudes linguísticas**. 2019. 133 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Curso de Pós-Programa em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, William W; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia Social**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

LASAGABASTER, David. Attitude. In: AMMON, Ulrich *et al.* (Ed.). **Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society**. 2. ed. Berlin/New York: De Gruyter, 2004. p. 399-405. v. 1.

LEITE, Cândida Mara Britto. Atitudes linguísticas e teoria da acomodação: inter-relação entre Sociolinguística e Psicologia Social. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 1017-1028, mai-ago. 2011.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. Coleção linguagem & Ensino. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MACKEY, A.; KING, K. **The bilingual edge: why, when, and how to teach your child a second language**. New York: HarperCollins, 2007.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. 2004. 332p. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2004.

MARQUES, Pâmela Marconatto. Outras Estórias Haitianas: educação, resistência e esperança no mais desconhecido dos países latino-americanos. **REBELA**, v. 2, n. 1, p. 99-112, jun. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/2803-Texto%20do%20artigo-9029-1-10-20180418.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2022.

MARTINS, Maridelma Laperuta. O Preconceito linguístico: Origem na sociedade, término na escola. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 1, p. 305-326, jan-mar. 2017.

MAYERHOFF, Miriam. **Introducing sociolinguistics**, p. 8-11. 2006.

MORAES, Isaias Albertin de; ANDRADE, Carlos Alberto Alencar de; MATTOS, Beatriz Rodrigues Bessa. A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios. **Revista Conjuntura Austral**, v. 4, n. 20, p. 95-114, out-nov. 2013.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 2009.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. A Migração Venezuelana no Brasil: crise humanitária, desinformação e os aspectos normativos. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v.13, n.1, p. 219-244, 2019.

PAIVA, Maria da Conceição de. **Transcrição de dados linguísticos**. In: MOLLICA, Maria Celicia; BRAGA, Maria Luiza. (Org). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 135-146.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PIMENTEL, Marília Pimentel; COTINGUIDA, Geraldo Castro. Wout, raketè, fwontyè, anpil mizè: reflexões sobre os limites da alteridade em relação à imigração haitiana para o Brasil. **Universitas Relações Internacionais**, Brasília, v. 12, n. 1, p. 73-86, jan-jun. 2014.

PIMENTEL, Marília Lima, COTINGUIBA, Geraldo Castro; RIBEIRO, Ailton Artur da Silva. O crioulo haitiano e o seu reconhecimento político. **Universitas Relações Internacionais**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 31-40, jan-jun. 2016.

RAMOS, Quézia Cavalheiro Mingorance. **Espanhol como língua de herança: um estudo das crenças e atitudes linguísticas**. 2020. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Curso de Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2020.

REZENDE; Lucas Pereira. **O engajamento do Brasil nas operações de Paz da ONU: Análise dos Efetivos Enviados e Recomendações para o Fortalecimento da Inserção Internacional Brasileira**. 1. ed. Curitiba: Appris Ltda, 2012.

RISSEON, Ana Paula; MATSUE, Regina Yoshie; LIMA, Ana Cristina Costa. Atenção em saúde aos imigrantes haitianos em Chapecó e suas dimensões étnico-raciais. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. 144-152. mai-ago. 2018.

ROMERO, Juan Eduardo. El discurso político de Hugo Chávez (1996-1999). **Espacio Abierto**, Universidad del Zulia Maracaibo, Venezuela, v. 10, n. 2, p. 229-245, jun. 2001.

SABADIN, M. N. **Crenças e altitudes linguísticas: aspectos da realidade na tríplice fronteira**. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SALOMÃO, A.C.B. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. **Fórum Linguístico** (UFSC. Impresso), v. 8, n. 2, p. 187-207, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Vardul. *In*: MOLLICA, Maria Celicia; BRAGA, Maria Luiza. (Org). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Coleta de dados. *In*: MOLLICA, Maria Celicia; BRAGA, Maria Luiza. (Org). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, Sidney Antonio. Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil. **R. bras. Est. Pop**, Belo Horizonte, v. 34, n. 1, p. 99-117, jan-abr. 2017.

SILVA, Hélen Cristina da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **Alfa**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 703-723, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1409-8>.

SIMÕES, Gustavo da Frota. Venezuelanos em Roraima: características e perfis da migração venezuelana para o Brasil. **Fluxos Migratórios e Refugiados na Atualidade - Série Relações Brasil-Europa**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 45- 56, 2017.

SIMÕES, Gustavo Frota; SILVA, Leonardo Cavalcanti da; OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Perfil sociodemográfico e laboral dos venezuelanos em Boa Vista. *In*: SIMÕES, Gustavo Frota. (Org). **Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil**. Curitiba: CRV, 2017. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/publicacoes/Perfil_Sociodemografico_e_laboral_venezuelanos_Brasil.pdf. Acesso em: 29 mai. 2022.

STAUDT, Taíse. **Sou diáspora: identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil**. Chapecó, SC: Ed. do Autor, 2020.

TAG. **Experiências literárias**, 2021. Disponível em:

https://issuu.com/taglivros/docs/revistamiolo_novembro_issuu. Acesso em: 15 jun. 2022.

TARALLO, Fernando; ALKMIN, Tania. **Falares crioulos: línguas em contato**. São Paulo: Ática, 1997.

THUN, Harald. Movilidad Demográfica y Dimensión Topodinámica, los Montevideanos en Rivera. In: RADTKE, Edgar. THUN, Harald (org.). **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**. Westense – Verl, p. 210-274, 1996.

THUN, Harald. La geolinguística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatopico y Diastratico del Uruguay). In: **International Congress of Romance Linguistics and Philology** (21: Palermmo: 1995) Atti... A curia di Giovanni Ruffino.: Niemeyer, p.701 - 729, 787-789 v. 5. 1998.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS. p. 63-92, 2005.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds). **Language mapping**. Berlin: de Gruyter Mouton. p. 506-523, 2010.

THUN, Harald. O velho e o novo na geolinguística. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 40, jan/jun. 2017.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. Migração venezuelana para o Brasil: considerações geopolíticas e fronteiriças sobre a atuação governamental brasileira. **Aldea Mundo**, Universidad de los Andes San Cristóbal, Venezuela, v. 24, n. 48, p. 69-80, jul, 2019.

VANDERMEEREN, Sonja. Research on Language Attitudes. In: AMMON, Ulrich *et al.* (Ed.). **Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society**. 2. ed. Berlim/New York: De Gruyter, 2005. p. 1318-1332. v. 2.

WEPIK, Fernanda Fátima. **Crenças e atitudes linguísticas de polono-brasileiros de Áurea/RS e Nova Erechim/SC: o uso dos termos de parentesco**. 2017. 144 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Curso de Pós-Programa em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

ZAMARO, Letícia Cunha. **A situação linguística dos ítalo-brasileiros e imigrantes haitianos na cidade de Chapecó-SC**. 2021. 134 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Curso de Pós-Programa em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2021.

ZAMBERLAM, Jurandir; CORSO, Giovanni; FILIPPIN, Joaquim R; BOCCHI, Lauro; MURARO, Egídia. **Desafios das migrações: buscando caminhos**. Porto Alegre, 2009.

ZAMBERLAM, Jurandir; CORSO, Giovanni; BOCCHI, Lauro; CIMADON, João Marcos. **Os novos rostos da imigração no Brasil: haitianos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. Solidus, 2014.